

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA - UNIALFA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMININSTRACÃO

LUCILENE BUENO BORGES DE ALMEIDA

COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL NO DESCARTE DE DIFERENTES
TIPOS DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES SOB A ÓTICA DOS SERVIDORES E
ALUNOS DO CAMPUS RIO VERDE DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Goiânia

2017

LUCILENE BUENO BORGES DE ALMEIDA

**COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL NO DESCARTE DE DIFERENTES
TIPOS DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES SOB A ÓTICA DOS SERVIDORES E
ALUNOS DO CAMPUS RIO VERDE DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Administração do Centro
Universitário Alves Faria, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Administração.

Orientador: Prof. Dr^a. Kavita Miadaira Hamza

Goiânia – GO
PPMA - UNIALFA
2017

Catálogo na fonte: Biblioteca UNIALFA

A447c Almeida, Lucilene Bueno Borges de.

Comportamento pró-ambiental no descarte de diferentes tipos de resíduos sólidos domiciliares sob a ótica dos servidores e alunos do campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano. / Lucilene Bueno Borges de Almeida – 2017.

173 fls.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração - Goiânia, 2017.

Orientador (a): Profª. Drª. Kavita Miadaira Hamza.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA - UNIALFA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMININSTRACÃO

Folha de aprovação da dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Administração das Faculdades Alves Faria como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: 08 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Kavita Miadaira Hamza – ALFA – Orientador(a)

Prof. Dr. Wenersamy Ramos de Alcantara – ALFA/Membro

Prof. Dr. Raquel Maracaípe Carvalho – ALFA/Membro Externo

GOIÂNIA
2017

Dedico especialmente...

Ao meu grande amor e companheiro, Luiz Vagner, pela
compreensão das minhas ausências e pelo apoio na conquista de mais
um objetivo em minha vida.

Às minhas amadas filhas, Thaís e Karine, por sempre
acreditarem em mim e serem a motivação das minhas conquistas,
mesmo sendo a maior delas...

Ao meu irmão e maior amigo Luiz Eduardo, pelo apoio e
incentivo sempre dedicados a mim em todos os momentos...

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a DEUS e a Nossa Senhora por fortalecerem minha fé, me darem coragem, persistência e sabedoria, guiando meus passos para vencer os desafios desta jornada.

Aos meus pais por serem exemplos de honestidade em minha vida.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que sempre me deram apoio e incentivo, especialmente, aos meus amigos Jurcélio Henrique de Araújo, Layara Alexandre Bessa e Luciene Gonçalves de Moraes que dedicaram um pouco do seu tempo a mim.

Ao Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano pelo incentivo financeiro e pelo apoio, especialmente ao Diretor Geral Anísio Correa da Rocha.

À minha cunhada, Ana Lúcia Lima de Almeida, por tantas vezes cuidar das minhas filhas nos momentos das minhas ausências, me dando tranquilidade para seguir em frente.

Especialmente, à minha orientadora Dr^a. Kavita Miadaira Hamza, pela sua presteza, atenção e incentivos dedicados, fazendo com que eu acreditasse no meu trabalho. Você foi o meu diferencial.

A todos aqueles que dedicaram seu tempo para participar das minhas entrevistas, contribuindo para a realização deste estudo.

*Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança!*

Renato Russo

RESUMO

O descarte de resíduos é tema atual e envolve a discussão de ideias sobre desafios da sociedade frente aos problemas ambientais e normas que têm sido construídas para dar conta desses desafios, como a Lei que institui a Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Mesmo com todo arcabouço legal, o Brasil figura entre os grandes produtores mundiais de resíduos sólidos, produzidos principalmente via lixo da própria residência, motivados em grande parte por hábitos de descarte inadequado de resíduos, que, muitas vezes, são visíveis, mas pouco perceptíveis nas ações inerentes ao cotidiano. A problematização e o entendimento das consequências causadas pelo descarte inadequado de resíduos sólidos domiciliares, produzido pelas ações humanas, comportam diferentes caminhos rumo à preservação ambiental, tendo em vista que a natureza clama por socorro. Os hábitos e as atitudes adotadas em um comportamento estimulam outros indivíduos a adotarem a mesma postura ou podem influenciar comportamentos mais adequados nos modos de descarte dos resíduos sólidos domésticos. Os indivíduos possuem diferentes formas de descarte para diferentes tipos de resíduos, assim, o problema de pesquisa que se buscou analisar neste estudo é **por que os processos de decisão de descarte de resíduos sólidos domiciliares diferem entre um tipo e outro?** e tem como principal objetivo a identificação dos fatores que se encontram associados à decisão dos indivíduos em descartar um tipo de resíduo de modo diferente de outro. O método utilizado nesta pesquisa é de abordagem qualitativa e exploratória, do tipo estudo de caso, com a utilização de entrevista em profundidade, tendo em vista que tenciona compreender os fatores que influenciam o comportamento dos indivíduos no descarte das diferentes categorias de resíduos sólidos domésticos. O *locus* da pesquisa é o Campus Rio Verde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, onde os entrevistados são servidores e discentes. A análise dos dados possibilitou identificar comportamentos variados nos hábitos de descarte dos diferentes tipos de resíduos sólidos domiciliares, onde cada indivíduo percebe o descarte de uma forma única e diferenciada, de acordo com a importância atribuída ao tipo de material a ser descartado. A necessidade de reaproveitamento dos resíduos foi apontada como o fator principal para a adoção do comportamento de separação dos diferentes tipos de resíduos sólidos domiciliares, seguida da separação dos resíduos em função de suas características ou semelhanças, da preocupação ambiental e do hábito ou costume adotado no cotidiano dos entrevistados.

Palavras-chave: Comportamento de descarte. Resíduos sólidos domiciliares. Instituto Federal Goiano.

ABSTRACT

The disposal of waste is a current issue and involves the discussion of ideas about the challenges of society facing the environmental problems and norms that have been built to deal with these challenges, such as the Law establishing the National Solid Waste Policy. Even with all legal frameworks, Brazil is one of the world's major producers of solid waste, produced mainly through household waste, motivated in large part by inappropriate waste disposal habits, which are often visible but not very noticeable in the inherent actions of everyday life. The problematization and understanding of the consequences caused by the inadequate disposal of household solid waste, produced by human actions, involve different paths towards environmental preservation, considering that nature cries out for help. The habits and attitudes adopted in a behavior stimulate other individuals to adopt the same posture or may influence more appropriate behaviors in the ways of disposing domestic solid waste. Individuals have different forms of disposal for different types of waste, so the research problem that was sought to be analyzed in this study is **why the decision processes of household solid waste disposal differ from one type to another?** And the study has as main objective the identification of the factors that are associated with the decision of the individuals to discard one type of waste differently from another. The methodology used in this research has a qualitative and exploratory approach, a case study type, with the use of in-depth interviews, considering that the intention is to understand the factors that influence the behavior of the individuals in the disposal of the different categories of domestic solid waste. The *locus* of the research is the Rio Verde Campus of the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, where the interviewees are employees and students. The data analysis made it possible to identify different behaviors in the waste disposal habits of the different types of household solid waste, where each individual perceives the waste disposal in a unique and differentiated way, according to the importance attributed to the type of material to be discarded. The need for waste refuse was pointed out as the main factor for the adoption of the separation behavior of the different types of solid household waste, followed by the separation of the residues according to their characteristics or similarities, the environmental concern and the habit adopted in the everyday life of the interviewees.

Keywords: Discard behavior. Solid household waste. Instituto Federal Goiano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comparativo da disposição final por tipo de destinação	19
Figura 2: Quantidade de municípios por tipo de destinação adotada	21
Figura 3: Modelo Teórico Valor-Crença-Norma (Adaptado de Stern, 2000)	26
Figura 4: Fatores influenciadores do comportamento do consumidor	30
Figura 5: Hábitos de descarte de produtos	33
Figura 6: Tipos de resíduos presentes no lixo doméstico	36
Figura 7: Comportamento de descarte do lixo doméstico para a coleta seletiva	39
Figura 8: Comparativo da disposição final de RSU em Goiás (T/Dia) - 2014 e 2015	54
Figura 9: Conhecimento sobre coleta seletiva e PEV	73
Figura 10: Percepção dos entrevistados sobre o destino correto para o lixo	75
Figura 11: Resíduos que despertam maior preocupação ambiental	76
Figura 12: Motivação para o descarte de aparelhos eletroeletrônicos	87
Figura 13: Destino dos resíduos têxteis que não são mais utilizados	88
Figura 14: Razão para o desperdício de alimentos	91
Figura 15: Dendograma de classes	122
Figura 16: Dendograma de classes	123
Figura 17: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 5	125
Figura 18: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 1	127
Figura 19: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 2	129
Figura 20: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 4	130
Figura 21: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude- Classe 3	132
Figura 22: Nuvem de palavras	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação dos resíduos sólidos quanto à origem _____	16
Quadro 2: Classificação dos resíduos quanto aos riscos de potenciais contaminações do meio ambiente _____	17
Quadro 3: Influências sobre o comportamento ambientalmente responsável _____	26
Quadro 4: Fatores que influenciam as características dos resíduos sólidos domiciliares ____	35
Quadro 5: Quadro-resumo dos principais estudos sobre descarte de resíduos sólidos domésticos _____	57
Quadro 6: Adoção de algum método de separação/categoria de resíduos _____	83
Quadro 7: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos secos _____	96
Quadro 8: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos orgânicos _____	98
Quadro 9: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos eletroeletrônicos _____	99
Quadro 10: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos têxteis _____	101
Quadro 11: Agrupamento dos temas motivação para a separação/categoria de resíduos ____	103
Quadro 12: Temas/Fatores motivadores de adoção de separação dos diferentes grupos de resíduos _____	104
Quadro 13: Verbalizações/Motivação para a adoção do comportamento de separação ____	104
Quadro 14: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos secos _____	110
Quadro 15: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos orgânicos _____	111
Quadro 16: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos eletroeletrônicos _____	113
Quadro 17: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos têxteis _____	114
Quadro 18: Agrupamento dos temas motivação para a não separação/categoria de resíduos	115
Quadro 19: Percepção de barreiras para a não adoção de separação entre os entrevistados	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil pessoal da amostra.	68
Tabela 2: Relação faixa etária/vínculo com o CRV IF Goiano	69
Tabela 3: Relação gênero/vínculo com o CRV IF Goiano	69
Tabela 4: Discentes/Curso matriculado CRV IF Goiano	70
Tabela 5: Servidores/Nível de Escolaridade	70
Tabela 6: Comportamento de descarte	84
Tabela 7: Adoção de separação/servidores/discentes	85
Tabela 8: Conhecimento/Adoção da compostagem	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDI - Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

ABINEE - Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica

ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABRAS - Associação Brasileira de Supermercados

ABRELPE - Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais

AMIS - Associação Mineira de Supermercados

ASSEMAE - Associação Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento

CEMPRE - Compromisso Empresarial para Reciclagem

CHD - Classificação Hierárquica Descendente

CNI - Confederação Nacional da Indústria

CRV IF Goiano - Campus Rio Verde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano

DVD - *Digital Versatile Disc*

EE - Equipamentos Eletroeletrônicos

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

GGSpe - Guia de Gerenciamento Sustentável de Resíduos Eletroeletrônicos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

IF Goiano - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IRAMUTEQ - *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*

LCD - *Liquid Crystal Display*

LED - *Light Emitter Diode*

MPF - Ministério Público Federal

PEV - Pontos de Entrega Voluntária

PLS - Projeto de Lei do Senado

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos

REE - Resíduo Eletroeletrônico

REEE - Resíduo de Equipamentos Eletroeletrônicos

RSD - Resíduos Sólidos Domiciliares/Domésticos

RSU - Resíduos Sólidos Urbanos

SECIMA - Secretaria de Meio Ambiente, Recursos Hídricos, Infraestrutura, Cidades e Assuntos Metropolitanos

SNIS - Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento

SNSA - Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental

UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul

VHS - *Video Home System*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2. OBJETIVOS DO ESTUDO	12
1.3. RELEVÂNCIA E MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO	13
1.4. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.....	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1. A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS	15
2.2. DIFERENÇAS ENTRE LIXO E RESÍDUO	22
2.3. COMPORTAMENTO AMBIENTALMENTE RESPONSÁVEL DO CONSUMIDOR	24
2.4. COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR NO DESCARTE DE RESÍDUOS PÓS-CONSUMO.....	28
2.5. A PRÁTICA DO DESCARTE DOS RESÍDUOS PÓS-CONSUMO	31
2.6. O DESCARTE DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES SECOS.....	34
2.7. O DESCARTE DOS RESÍDUOS ORGÂNICOS.....	41
2.8. O DESCARTE DE RESÍDUOS DE EQUIPAMENTOS ELETROELETRÔNICOS.....	45
2.9. O DESCARTE DE RESÍDUOS TÊXTEIS	50
2.10.O QUADRO DO DESCARTE DE RESÍDUOS NA CIDADE DE RIO VERDE	53
3. METODOLOGIA.....	61
3.1. SELEÇÃO DA AMOSTRA E COLETA DE DADOS	63
3.2. PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	65
4. ANÁLISE DOS DADOS	68
4.1. PERFIL DA AMOSTRA	68

4.2. ENTREVISTAS	70
4.2.1. <i>Conhecimento</i>	71
4.2.2. <i>Preocupação e importância</i>	74
4.2.3. <i>Comportamento de descarte dos diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos</i>	83
4.3. MOTIVAÇÃO PARA A ADOÇÃO DO COMPORTAMENTO DE SEPARAÇÃO.....	95
4.4. MOTIVAÇÃO PARA A NÃO ADOÇÃO DO COMPORTAMENTO DE SEPARAÇÃO.....	109
4.5. ANÁLISE ESTRUTURAL DA MOTIVAÇÃO PARA A ADOÇÃO DE SEPARAÇÃO MAPEADA COM O <i>SOFTWARE</i> IRAMUTEQ	117
4.5.1. <i>Análise a partir do dendograma, dos perfis de classes (clusters) e das árvores e nuvens de palavras.</i>	121
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E QUESTIONÁRIO	161
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	162
APÊNDICE C - <i>CORPUS</i> TEXTUAL DO IRAMUTEQ.....	165

1. INTRODUÇÃO

Com a característica que se desenvolveu principalmente após a Segunda Guerra Mundial, em que o padrão de consumo determina que a posse crescente de bens e serviços é sinônimo de qualidade de vida, com o "possuir cada vez mais", obteve-se "o gerar cada vez mais resíduos". Desse modo, o resíduo não representa apenas um problema ambiental e sim um problema econômico e de saúde pública (CAPELINI, 2007).

Com o desenvolvimento das cidades ao longo dos séculos, Deus, Battistelle e Silva (2015) ressaltam que muitas criaram políticas sanitárias, mas, para outras, a ação para com a questão dos resíduos sólidos começou somente quando estes se tornaram um problema sanitário, apresentando perigo à sociedade. Posteriormente à Revolução Industrial, os resíduos começaram a ganhar destaque, principalmente para a saúde pública. A partir de 1970, segundo os autores, foi que os resíduos realmente tiveram um peso ambiental. O resultado de discussões de líderes mundiais sobre desenvolvimento sustentável passou a repercutir nacional e internacionalmente, levando o reconhecimento sobre a importância de temas como crescimento populacional, degradação ambiental e desperdício, entre outros.

Em pesquisa efetuada pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE, 2014), referente ao Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil em 2014, a geração total de resíduos sólidos urbanos (RSU) foi de aproximadamente 78,6 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 2,9% de um ano para outro, índice superior à taxa de crescimento populacional no país no período, que foi de 0,9%.

As altas taxas de urbanização foram empurrando os limites das cidades, representando um grande desafio para os governos. Entre estes, a quantidade crescente de resíduos sólidos urbanos (RSU) gerados é indiscutivelmente um dos maiores desafios que os governos municipais têm enfrentado (ALELUIA e FERRÃO, 2016). A partir de 2011, as cidades ao redor do mundo geraram 1,3 bilhão de toneladas de resíduos sólidos, esta estimativa anual deve chegar a um volume de 2,2 bilhões de toneladas em 2025 (HOORNWEG; BHADATATA, 2012). Estima-se que os municípios dos países em desenvolvimento gastam atualmente entre 20% a 50% de seus orçamentos em manejo e depósito de resíduos sólidos, com pouco ou nenhum valor derivado dele (WORLD BANK, 2014). Por outro lado, os impactos dos resíduos sólidos urbanos não gerenciados se estendem muito além dos limites das cidades. Um estudo realizado por Jambeck et al. (2015) estimou que entre 4.8 a 12.7

milhões de toneladas de resíduos plásticos gerados em 2010 foram inseridos no interior dos ecossistemas oceânicos (ALELUIA; FERRÃO, 2016).

Seguindo a tendência dos países desenvolvidos, Deus, Battistelle e Silva (2015) ressaltam a necessidade de se dar importância à questão dos resíduos sólidos. Os autores ressaltam que em países em desenvolvimento, como o Brasil, é preciso investir no crescimento científico, teórico e prático na gestão dos resíduos sólidos, permitindo a criação de estratégias participativas, contextualizadas e adaptativas que permitam um progresso real para a fortificação da infraestrutura do país (MARSHALL; FARAHBAKHS, 2013).

A disposição final ambientalmente adequada dos resíduos no Brasil é tratada no artigo 3.º da Lei n.º 12.305/2010, conhecida como a lei da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), em seus incisos VII e VIII e inclui sua reutilização, reciclagem, compostagem, recuperação e aproveitamento energético ou outras destinações admitidas pelos órgãos competentes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS) e do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA). Devem ainda ser observadas as normas operacionais específicas de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança, minimizando os impactos ambientais adversos.

Os estudos sobre descarte de resíduos, na concepção de Suarez et al. (2011) são dispersos e falta articulação entre as publicações, o que leva a uma dificuldade nos avanços acadêmicos sobre o tema. As autoras ressaltam, de modo geral, que os estudos investigam ou elementos específicos (comportamento de reciclagem, influência de atitudes e valores, entre outros) ou grupos e não propõem uma visão mais abrangente sobre o tema, o que leva a uma carência na literatura brasileira sobre o estudo do comportamento adotado pelo consumidor no descarte de resíduos.

Sobre o assunto, Gonçalves-Dias (2015) destaca que a Política Nacional de Resíduos Sólidos cita a necessidade de modificação do comportamento em relação ao consumo, todavia, relativamente existe pouca pesquisa sobre esse tema no contexto brasileiro. Para o autor, pouco se sabe sobre os fatores que influenciam o comportamento e sua correlação com a geração de resíduos sólidos. Assim, uma das premissas básicas é a de que mudanças de atitude e de comportamento dos consumidores são fundamentais para lidar com as questões ambientais relacionadas à geração de resíduos sólidos. Corroborando o entendimento de Suarez et al. (2011) e Gonçalves-Dias (2015), admite-se a pouca pesquisa na literatura brasileira, articulando os fatores que influenciam o comportamento do consumidor no descarte dos diferentes tipos de resíduos.

Nesse sentido, a disposição inadequada de resíduos sólidos suscita preocupação e representa um grande desafio para a sociedade, o que evidencia a necessidade de repensar e planejar sua forma de destinação e disposição, uma vez que o descarte irregular dos diferentes tipos de resíduos sólidos implica em danos irreparáveis ao meio ambiente.

Embora complexa, em função dos vários agentes envolvidos como indústrias, consumidores e o governo, a questão dos resíduos torna-se ainda mais preocupante. A responsabilidade pós-consumo tem a finalidade de introduzir o valor dos materiais posteriores ao consumo no centro das preocupações dos fabricantes e, a partir daí, na ação dos demais protagonistas de sua gestão, especialmente do consumidor. É imprescindível salientar o papel decisivo do comportamento do cidadão-consumidor (ABRAMOVAY; SPERANZA; PETITGAND, 2013).

Normalmente, direciona-se toda a responsabilidade ao Estado, entretando, cada um dos agentes desempenha importante papel na gestão dos resíduos: o governo como agente responsável pela regulação, fiscalização e implantação de políticas públicas; as indústrias no papel de melhor aproveitamento de matéria-prima e diminuição da geração de resíduos em seus processos produtivos e o consumidor como o agente individual fundamental no processo de consumo na sociedade. Considerando a vasta amplitude que seria necessária para estudar a relação de todos os agentes responsáveis pela gestão de resíduos, optou-se pela escolha em estudar o comportamento do consumidor no descarte de diferentes tipos de resíduos, ao visualizar o indivíduo como importante agente das transformações necessárias no direcionamento de ações para alcançar o desenvolvimento sustentável.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

A educação crítica e ética estimula comportamentos fundamentados em valores compreendidos, assumidos e praticados, onde indivíduos são conscientes, sensíveis e emancipados na relação dialógica com o meio ambiente. Percebe-se que existe o reconhecimento do papel dos indivíduos, mas ainda há muita resistência em praticá-los, apresentando diferença entre o pensamento, a fala e a prática (OLIVEIRA, 2013).

É necessário que o indivíduo tenha conhecimento dos impactos de suas ações. O que diferencia o comportamento de um indivíduo que se preocupa em jogar um papel na lixeira e não no chão, mas que não se preocupa em contaminar o solo, a água e o ar com práticas de

descarte inadequadas em seu cotidiano, precisam ser investigados, pois, os hábitos e atitudes adotadas em um comportamento os quais estimulam outros indivíduos a adotarem a mesma postura ou podem influenciar comportamentos mais adequados nos modos de descarte dos diferentes resíduos sólidos domiciliares.

Considerando que os indivíduos possuem diferentes formas de descarte para diferentes tipos de resíduos, o problema de pesquisa que se busca analisar neste estudo é: **por que os processos de decisão de descarte de resíduos sólidos domiciliares diferem entre um tipo e outro?**

1.2. OBJETIVOS DO ESTUDO

Diante da questão norteadora da pesquisa, apresenta-se o objetivo geral e os objetivos específicos do presente estudo.

Objetivo Geral:

Identificar os fatores que se encontram associados à decisão de um grupo de servidores e discentes do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano em descartar um tipo de resíduo sólido domiciliar de modo diferente de outro.

Objetivos específicos:

- a) Identificar o comportamento adotado em grupo de servidores e discentes do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano, no modo de descartar os diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos;
- b) Comparar os fatores motivadores do comportamento de separação adotado nos diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos, em um grupo de servidores e discentes do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano;
- c) Identificar se a preocupação em descartar corretamente os diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos está presente nos hábitos e atitudes de um grupo de servidores e discentes do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano.

1.3. RELEVÂNCIA E MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO

A percepção de que o consumidor pode ser um novo ator social para o desenvolvimento sustentável é uma afirmação interessante, contudo, ousada (PORTILHO, 2005).

Comportamentos mais adequados se tornam necessários, tendo em vista que a natureza clama por socorro. O crescente espaço que o descarte inadequado de resíduos tem alcançado em discussões e pesquisas alerta quanto ao problema. Tal prática, além de ilegal, produz efeitos danosos ao meio ambiente. A decomposição dos resíduos pode gerar substâncias tóxicas que levam à contaminação do solo, das águas, do ar e, conseqüentemente, das pessoas, que com o passar do tempo podem apresentar cada vez mais custos elevados para a adoção de medidas de controle e remediação (ABRELPE, 2014).

Para tanto, os fatores motivadores da influência do comportamento dos indivíduos quanto ao descarte inadequado de diferentes tipos resíduos sólidos domésticos carecem de estudos mais aprofundados, pois, o comportamento adotado no descarte dos resíduos nas suas diversas formas pode ser uma alternativa para a realização de estratégias que visem buscar soluções para reduzir o impacto causado ao meio ambiente. Deste modo, justifica-se a relevância do presente estudo.

1.4. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Os capítulos desta pesquisa estão organizados de modo a contextualizar a problemática dos fatores que se encontram associados à decisão das pessoas em descartar um tipo de resíduo sólido domiciliar de modo diferente de outro, buscando identificar o comportamento adotado, os fatores motivadores do comportamento e a preocupação das pessoas quanto ao descarte correto dos resíduos sólidos domésticos.

O Capítulo 1 refere-se à introdução sobre a pesquisa, incluindo o problema de pesquisa, a descrição do objetivo geral e dos objetivos específicos, a relevância e a motivação para o estudo, bem como a estrutura e organização do texto.

O Capítulo II apresenta o desenvolvimento do trabalho, com a fundamentação teórica sobre o tema ‘descarte de resíduos sólidos domésticos’, destacando a legislação referente aos

resíduos sólidos, as diferenças entre lixo e resíduo, o comportamento ambientalmente responsável do consumidor, o comportamento do consumidor no descarte de resíduos pós-consumo e a prática do descarte. Em seguida, são apresentadas as categorias de resíduos sólidos domésticos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, bem como o quadro do descarte na cidade de Rio Verde, *lócus* da pesquisa.

O Capítulo III apresenta a metodologia empregada na pesquisa e os procedimentos para a análise de dados.

O Capítulo IV discorre sobre a análise dos dados e suas interpretações.

O Capítulo V expõe as considerações finais da pesquisa, bem como as limitações do trabalho e as proposições para estudos futuros.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Para se chegar ao desenvolvimento sustentável, é necessária uma verdadeira mudança de paradigma na relação entre sociedade, economia e meio ambiente, por meio da viabilização de instrumentos com a participação de todos os segmentos envolvidos. Neste entendimento, Pinheiro e Francischetto (2016) relatam que com todas as modificações acarretadas ao meio ambiente, especialmente as relativas à produção de resíduos, a criação de uma legislação que tentasse regulamentar as atividades do tratamento de rejeitos bem como os seus efeitos sobre o meio ambiente seria imprescindível.

Diante do quadro de descarte inadequado de resíduos sólidos, entrou em vigor a Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos (LEI n.º 12.305/2010), que prevê a destinação final ambientalmente adequada de resíduos, a responsabilidade pela gestão compartilhada pelo ciclo de vida do produto, bem como pela não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos e resíduos. Resumidamente, deve ser seguida uma ordem de prioridades: primeiro, a não geração de resíduos, seguida da redução, da reutilização, da reciclagem, do tratamento dos resíduos sólidos e, por fim, da disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos (CEMPRE, 2015).

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) tem se tornado uma ferramenta de justificativa plausível para estudos na comunidade acadêmica, demonstrando a importância do tema referente aos resíduos sólidos para a ciência e para a sociedade, abrindo perspectivas de maior aprendizado, crescimento e desenvolvimento sustentável (JABBOUR et al., 2014).

Nessa concepção, Da Silva e De Novaes (2014) complementam que a Lei 12.305/2010 se configura como um grande passo para a proteção do meio ambiente, ao se orientar pelos princípios da prevenção e precaução; do poluidor-pagador e do protetor-recebedor; do desenvolvimento sustentável; da ecoeficiência, mediante a compatibilização entre o fornecimento, a preços competitivos, de bens e serviços qualificados, que satisfaçam as necessidades humanas e tragam qualidade de vida e a redução do impacto ambiental e do consumo de recursos naturais a um nível, no mínimo, equivalente à capacidade de sustentação estimada do planeta; da cooperação entre as diferentes esferas do poder público, do setor

empresarial e demais segmentos da sociedade; da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; do reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania; do respeito às diversidades locais e regionais; do direito da sociedade à informação e ao controle social; da razoabilidade e da proporcionalidade, tendo a finalidade de promover a gestão integrada e o gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos.

Com a criação da Lei n.º 12.305/2010, o conceito de resíduo sólido passou a englobar os resíduos em qualquer estado (artigo 3º, inciso XVI):

Resíduos sólidos: material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpo d'água, ou exijam para isso soluções técnicas ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível. (BRASIL, 2010).

Os resíduos sólidos podem ser classificados de várias maneiras, sendo que as mais comuns referem-se aos riscos potenciais de contaminação e à sua natureza ou origem. Quanto à origem, principal elemento de caracterização, pode ser classificado em: domiciliar ou residencial, comercial, público, domiciliar especial e de fontes específicas, conforme descrito no Quadro 1:

Quadro 1: Classificação dos resíduos sólidos quanto à origem

Natureza ou origem dos resíduos sólidos	
Doméstico ou residencial	São os resíduos gerados nas atividades diárias em casas, apartamentos, condomínios e demais edificações residenciais;
Comercial	São os resíduos gerados em estabelecimentos comerciais, cujas características dependem da atividade ali desenvolvida;
Público	São os resíduos presentes nos logradouros públicos, em geral resultantes da natureza, tais como folhas, galhadas, poeira, terra e areia, e também aqueles descartados irregular e indevidamente pela população, como entulho, bens considerados inservíveis, papéis, restos de embalagens e alimentos;
Domiciliar especial	Grupo que compreende os entulhos de obras, pilhas e baterias, lâmpadas fluorescentes e pneus. Os entulhos de obra, também conhecidos como resíduos da construção civil, só estão enquadrados nesta categoria por causa da grande quantidade de sua geração e pela importância que sua recuperação e reciclagem vêm assumindo no cenário nacional;
Fontes especiais	São resíduos que, em função de suas características peculiares, passam a merecer cuidados especiais em seu manuseio, acondicionamento, estocagem, transporte ou disposição final. Dentro da classe de resíduos de fontes especiais, merecem destaque: lixo industrial, lixo radioativo, lixo de portos, aeroportos e terminais rodoferroviários, lixo agrícola e resíduo de serviços de saúde.

Fonte: Adaptado de Monteiro et al. (2001). **Manual Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos**, p. 26-32.

Quanto aos riscos potenciais de contaminação do meio ambiente, de acordo com a NBR 10.004 da ABNT, os resíduos sólidos podem ser classificados em: classe I ou perigosos, classe II ou não-inertes, classe III ou inertes, de acordo com o Quadro 2:

Quadro 2: Classificação dos resíduos quanto aos riscos de potenciais contaminações do meio ambiente

Quanto aos riscos potenciais de contaminação do meio ambiente	
Classe I ou Perigosos	São aqueles que, em função de suas características intrínsecas de inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade ou patogenicidade, apresentam riscos à saúde pública através do aumento da mortalidade ou da morbidade, ou ainda provocam efeitos adversos ao meio ambiente quando manuseados ou dispostos de forma inadequada;
Classe II ou Não-inertes	São os resíduos que podem apresentar características de combustibilidade, biodegradabilidade ou solubilidade, com possibilidade de acarretar riscos à saúde ou ao meio ambiente, não se enquadrando nas classificações de resíduos Classe I – Perigosos – ou Classe III – Inertes;
Classe III ou Inertes	São aqueles que, por suas características intrínsecas, não oferecem riscos à saúde e ao meio ambiente, e que, quando amostrados de forma representativa, segundo a norma NBR 10.007, e submetidos a um contato estático ou dinâmico com água destilada ou deionizada, à temperatura ambiente, conforme teste de solubilização segundo a norma NBR 10.006, não tiverem nenhum de seus constituintes solubilizados a concentrações superiores aos padrões de potabilidade da água, conforme listagem nº 8 (Anexo H da NBR 10.004), excetuando-se os padrões de aspecto, cor, turbidez e sabor.

Fonte: Monteiro et al. (2001). **Manual Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos**, p. 26.

O artigo 3º incisos VII e VIII da Lei 12305/2010 conceitua a destinação e a disposição final ambientalmente adequada dos resíduos sólidos. A primeira inclui a reutilização, a reciclagem, a compostagem, a recuperação e o aproveitamento energético. Entre elas, a disposição final, com a distribuição ordenada de rejeitos em aterros, observando normas operacionais específicas de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança e a minimizar os impactos ambientais adversos (BRASIL, 2010).

Estão sujeitas à observância da Lei todas as pessoas, físicas ou jurídicas, de direito público ou privado, responsáveis, direta ou indiretamente, pela geração de resíduos sólidos e as que desenvolvam ações relacionadas à gestão integrada ou ao gerenciamento de resíduos sólidos. Além disso, a lei prevê o controle social, a participação da sociedade nos processos de formulação, a implementação e a avaliação das políticas públicas relacionadas aos resíduos sólidos.

Em outras palavras, a PNRS traz para os fabricantes, importadores, distribuidores, vendedores e aos cidadãos, parte da responsabilidade no descarte dos resíduos dos produtos e embalagens. De modo geral, todos os envolvidos estão obrigados a estruturar e a implementar sistemas de logística reversa em todos os segmentos, para que seja efetuada a coleta e o tratamento dos resíduos sólidos.

A logística reversa está ligada a uma ferramenta gerencial intitulada logística de fluxos de retorno, cuja finalidade é a de recuperar produtos, reintegrando-os aos ciclos produtivos e de negócios. Esse é um instrumento de desenvolvimento econômico e social, caracterizado por ações destinadas a facilitar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos aos seus geradores, para que sejam tratados ou reaproveitados em novos produtos, na forma de novos insumos, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, visando a não geração de rejeitos (MARCHI, 2011).

O sistema de coleta seletiva, de acordo com a Lei 12.305/2010, deverá ser implantado pelo titular do serviço público de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos (município) e deverá estabelecer, no mínimo, a separação de resíduos secos e úmidos e ser estendido à separação dos resíduos secos em suas parcelas específicas, segundo metas estabelecidas pelos planos (BRASIL, 2010).

A coleta seletiva, de acordo com o §1º do Art. 9º do Decreto nº 7.404/2010, é um instrumento essencial para atingir a meta de disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos, conforme disposto no Art. 54º da Lei 12.305/2010.

Para a coleta seletiva, o resíduo úmido deve ser destinado à compostagem que, segundo Herbets, Miletti e Mendonça (2005), consiste em modo eficaz e econômico de tratar os resíduos orgânicos, reduzindo seu volume e dando uma destinação útil, evitando sua acumulação em aterros ou lixões.

Um programa de coleta seletiva bem conduzido, segundo Persich e Silveira (2011), tende a conduzir a população a uma nova mentalidade sobre as questões que envolvem a economia e a preservação ambiental. Segundo os autores, ao começar a separar o seu lixo, o cidadão passa a integrar todo um sistema de preservação do meio ambiente, não apenas como um espectador no processo, mas com uma participação efetiva e concreta.

Quanto aos resíduos secos, os mesmos devem ser reciclados. A reciclagem, de acordo com a PNRS, é conceituada como um processo de transformação dos resíduos sólidos que envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vistas à transformação em insumos ou novos produtos (BRASIL, 2010). A reciclagem permite a diminuição da quantidade de lixo produzido e o reaproveitamento de diversos materiais, o que contribui para a preservação de alguns elementos da natureza no processo de reaproveitamento de materiais já transformados (PERSICH e SILVEIRA, 2011).

No entanto, apenas a coleta seletiva e a reciclagem não são suficientes para conter a degradação do meio ambiente provocada pelo descarte inadequado de resíduos. A grande

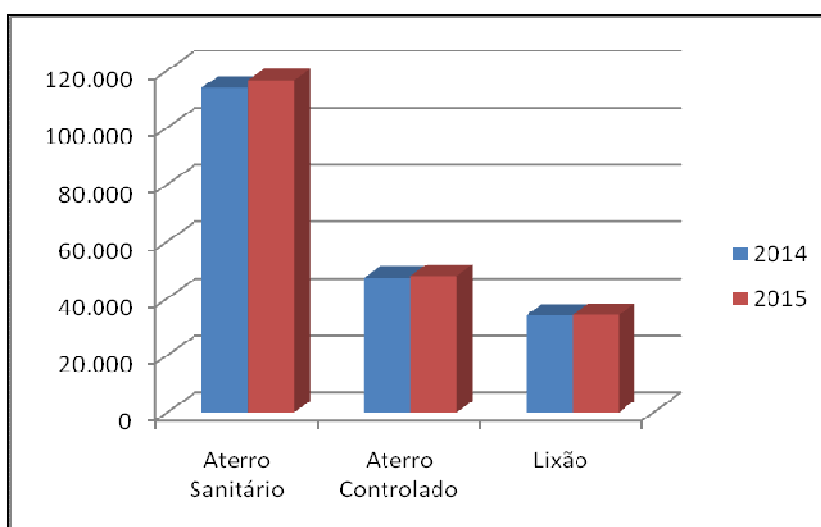
quantidade de resíduos sólidos urbanos produzidos é um dos maiores entraves para a problemática ambiental.

Quanto à geração de resíduos sólidos urbanos, a quantidade de materiais descartados pela população continuou a aumentar no Brasil, tanto em termos absolutos, como individualmente, aumentando 1,7% entre 2014 e 2015, período em que a população brasileira cresceu 0,8% e a atividade econômica (PIB) retraiu 3,8% (ABRELPE 2015).

Os números apontam para um total anual de 79,9 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos gerados no país em 2015. Mesmo diante de um percentual alarmante, a pesquisa revela que houve um decréscimo em relação ao crescimento apontado em anos anteriores. Quanto à disposição final, a pesquisa aponta que houve um aumento em números absolutos e no índice de disposição adequada, sendo que 58,7% dos resíduos coletados foram destinados para aterros sanitários. Em contrapartida, registrou-se um aumento da destinação inadequada de resíduos dispostos em lixões ou aterros controlados, com quase 30 milhões de toneladas de resíduos dispostos em locais que não possuem os critérios necessários para a proteção do meio ambiente. Esses dados revelam, na prática, que a disposição inadequada de resíduos sólidos urbanos ainda ocorre em todas as regiões brasileiras e 3.326 municípios fazem uso de locais impróprios para destinação dos resíduos sólidos urbanos (ABRELPE, 2015).

A Figura 1 apresenta o comparativo da disposição final por tipo de destinação no território brasileiro.

Figura 1: Comparativo da disposição final por tipo de destinação



Fonte: Adaptado de ABRELPE, 2015. Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, p. 23.

De acordo com a Lei 12.305/10, até agosto de 2014 todos os resíduos deveriam ser tratados, todos os municípios deveriam implantar a coleta seletiva em 100% do seu território, a compostagem em 100% do lixo orgânico e um programa de educação ambiental. Além disso, os resíduos/rejeitos inutilizáveis só poderiam ser depositados em aterros sanitários.

Segundo a pesquisa da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE, 2014), primeiro documento que apresenta a situação da gestão de resíduos sólidos após o prazo estipulado pela Lei, para que os municípios adequassem à disposição ambientalmente satisfatória dos rejeitos, os dados apresentados na pesquisa demonstram que as metas não foram atingidas.

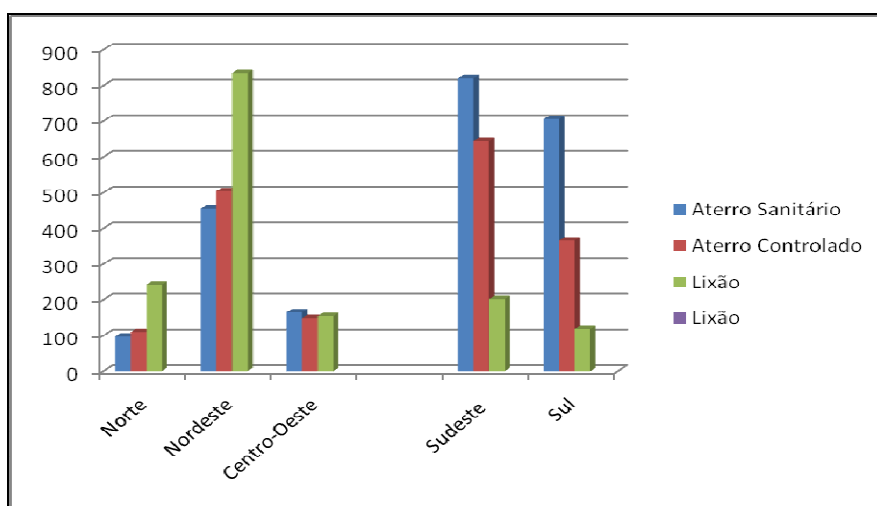
Diante do descumprimento da lei pelos municípios brasileiros, foi criado o Projeto de Lei do Senado (PLS 425/2014), que prorroga o prazo para a disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos de que trata o art. 54 da Lei nº 12.305/2010. Mesmo muito criticado, o projeto aprovado no Senado amplia os prazos para as capitais e municípios da região metropolitana até 31 de julho de 2018 para acabar com os lixões. Os municípios de fronteira e os que contam com mais de 100 mil habitantes, com base no Censo de 2010, terão um ano a mais para implementar os aterros sanitários. As cidades que têm entre 50 e 100 mil habitantes terão prazo até 31 de julho de 2020. Já o prazo dos municípios com menos de 50 mil habitantes será até 31 de julho de 2021. A emenda também prevê que a União irá editar normas complementares sobre o acesso a recursos federais relacionados ao tema (ASSEMAE, 2015). Além de um grande retrocesso, este projeto contribui de forma significativa para a ampliação da degradação ambiental nos municípios brasileiros, além de ser um descaso com os municípios que conseguiram a implantação de aterros sanitários, em conformidade com a Lei 12.305/2010.

Dos números relacionados à destinação final dos resíduos coletados no Brasil, mesmo com a evolução apontada entre os anos de 2014 e 2015, 82.000 toneladas de resíduos por dia, com elevado potencial de poluição ambiental, são destinados a lixões¹ e aterros controlados, o que demonstra que os avanços percebidos ainda não são suficientes para reduzir o volume de resíduos sólidos que são encaminhados para locais inadequados (ABRELPE, 2015).

¹ “O lixão é forma arcaica e prática condenável de disposição final, sendo os resíduos lançados ao solo, em área a tal destinada, sem qualquer estudo prévio, monitoramento ou tratamento. O impacto ambiental, nesses casos, geralmente consiste em contaminação do solo por chorume – líquido percolado oriundo da decomposição de matéria orgânica – podendo atingir o lençol freático e cursos de água e supressão da vegetação.” (MILARÉ, 2014, p. 1181).

Segundo a pesquisa, a maior concentração dos municípios que adotam a disposição inadequada de resíduos está concentrada nas regiões norte e nordeste do país e, os municípios com disposição adequada estão concentrados nas regiões sudeste e sul (ABRELPE, 2015). A Figura 2 permite uma melhor visualização desse percentual:

Figura 2: Quantidade de municípios por tipo de destinação adotada



Fonte: Adaptado de ABRELPE, 2015. Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, p. 24.

O manejo dos resíduos sólidos, segundo Jesus et al. (2014), depende de vários fatores, entre os quais ressalta-se: a forma de geração, acondicionamento na fonte geradora, coleta, transporte, processamento, recuperação e disposição final. Manejar inadequadamente os resíduos sólidos de qualquer origem incorre em desperdícios, contribuindo para as ameaças constantes à saúde pública e no agravamento da degradação ambiental (SCHALCH et al., 2002). Portanto, deve-se criar um sistema dirigido pelos princípios de engenharia e técnicas de projetos, que possibilite a construção de dispositivos capazes de propiciar a segurança sanitária para as comunidades contra os efeitos adversos dos resíduos (JESUS et al., 2014).

A gestão e o gerenciamento adequado dos resíduos sólidos são fundamentais para a diminuição dos impactos ambientais, sociais e econômicos e, sem dúvida, os entraves legais como a ausência de planejamento e de diretrizes políticas para conter a destinação inadequada são barreiras a esse processo. Não produzir resíduos ou lixos é uma tarefa praticamente impossível, no entanto, diminuir a sua produção e reutilizá-lo, de modo a minimizar os impactos ambientais de sua destinação incorreta, é tarefa inerente a todos os indivíduos e não apenas ao poder público. O conhecimento da temática de lixo e resíduo é o primeiro passo para a adoção de ações pró-ambientais, a exemplo da separação residencial dos resíduos recicláveis do lixo comum, fundamental para a efetivação de programas de coleta seletiva.

2.2. DIFERENÇAS ENTRE LIXO E RESÍDUO

A definição de "lixo" constante no dicionário de português "*on line*" é aquilo que se varre para tornar limpa uma casa, rua, jardim; restos de cozinha e refugos de toda espécie, como latas vazias e embalagens de mantimentos, que ocorrem em uma casa. Já entre as definições encontradas para resíduo, destaca-se o que resta, resto, sobra; restante, remanescente, substância que resta depois de uma operação química ou de uma destilação.

Para o Ministério Público Federal (MPF), a definição de lixo (rejeito) é aplicada aos materiais não aproveitáveis, indesejados ou desprovidos de valor; por sua vez, considera-se resíduo como as sobras ou restos do processo produtivo ou de consumo que têm valor e que podem ser reutilizados ou reciclados.

Já a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define o lixo como os restos das atividades humanas, considerados pelos geradores como inúteis, indesejáveis ou descartáveis, podendo-se apresentar no estado sólido, semissólido ou líquido, desde que não seja passível de tratamento convencional.

A definição de resíduo para Tonani (2011) se aplica a qualquer material que seu proprietário ou produtor não considere mais com valor para conservá-lo, podendo se apresentar nos estados sólido, líquido ou gasoso.

A Lei 12305/2010 apresenta a definição de resíduos sólidos como sendo todo material, substância, objeto ou bem descartado, que resulte de atividades humanas em sociedade, cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnicas ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível. A referida lei estabelece a diferença entre resíduo e rejeito (lixo), sendo que os resíduos devem ser reaproveitados e reciclados e apenas os rejeitos devem ter disposição final.

Para Silva e Cândido (2012), lixos representam aquilo que não tem utilidade para a coletividade, sendo depositados, costumeiramente, em áreas distantes dos centros urbanos. Para os autores, o descarte desses materiais não obteve tratamento necessário ao longo do tempo, uma vez que são eliminados em áreas como os "lixões a céu aberto", culminando em consequências graves ao meio ambiente e à saúde pública.

A disposição dos resíduos sólidos no solo sem critérios técnicos que preservem o ambiente e evitem problemas sanitários é uma prática comum na maioria dos municípios brasileiros, sendo esses locais denominados de “lixão” (ALCANTARA, 2010).

Os resíduos representam um valor positivo, considerando que são elementos testemunhais dos avanços técnicos das sociedades; simbólicos, pois envolvem as crenças e os hábitos do cotidiano social e econômico, foco de atuação de grandes empresas multinacionais prestadoras de serviço e de atores sociais que busquem neles suas estratégias de sobrevivência (NEVES; MENDONÇA, 2016).

Os resíduos, na sua maioria, são materiais reaproveitáveis que necessitam de uma solução para o seu tratamento. Para tanto, a implantação de um sistema de gerenciamento integrado, que combine diferentes métodos de coleta e descarte dos mesmos de maneira ambientalmente efetiva, economicamente pagável e socialmente aceitável é obrigatório (JESUS et al., 2014).

Cabe destacar que existe uma infinidade de definições para lixo e resíduos e uma grande dificuldade das pessoas nas suas diferenciações. Para Pereira Neto (2007), lixo é toda matéria sólida que não seja mais útil, funcional ou ultrapassada. O autor amplia sua definição destacando o lixo como sendo proveniente da diversidade de resíduos sólidos resultantes das atividades humanas e que possam ser reciclados ou utilizados parcialmente, gerando algum tipo de benefício.

Neste entendimento, Naime e Santos (2009) destacam que não há uma diferença substancial entre lixo e resíduo, entretanto, atualmente, denominam-se resíduos sólidos aqueles materiais separados, passíveis de reciclagem ou reaproveitamento, e denominam-se lixo os materiais misturados e acumulados. Resumidamente, o que for possível reutilizar, reaproveitar ou reciclar, não é lixo.

Prática comum na maior parte dos municípios brasileiros, os resíduos simplesmente são depositados em locais longe da visão dos moradores, sem que haja uma efetiva preocupação com a disposição adequada dos mesmos. Independentemente da diversidade de definições de lixo e resíduo, o conceito de resíduo deve ser aplicado a todo material que esgotadas as suas possibilidades de uso ou reutilização, seja possível dar condições para a reciclagem, antes de seu descarte final.

O entendimento dessa temática pode representar, na prática, um aumento da consciência do consumidor no descarte pós-consumo, contribuindo para a adoção de hábitos e comportamentos mais adequados, especialmente em relação aos projetos de coleta seletiva.

2.3. COMPORTAMENTO AMBIENTALMENTE RESPONSÁVEL DO CONSUMIDOR

A história começa com o consumidor. Economistas de renome, desde Adam Smith, têm alegado que os consumidores são personagens fundamentais que fazem escolhas racionais a fim de maximizar sua satisfação. Contudo, em sentido contrário, percebe-se que os consumidores tomam decisões falhas, talvez em função de um conjunto de fatores baseados em informações incompletas e tendenciosas, que podem ser movidas pela propaganda, regras culturais, influências sociais, impulsos fisiológicos e associações psicológicas, cada um dos quais potenciais incrementadores do consumo (GARDNER; ASSADOURIAN; SARIN, 2004).

Segundo Ribeiro (2014), os bens de consumo começaram a interligar-se com a vida social, e a revolução do consumo instalou-se como uma característica estrutural dessa mesma vida, chegando ao século XIX como fator social permanente, indicando uma forma de *status* na sociedade.

O consumo assume significados diferentes, de acordo com as linhas de atuação: para os economistas e profissionais de marketing, representa um processo de satisfação de necessidades individuais; para os ambientalistas, consumo é todo ato que incorre no uso de recursos naturais que infringem os limites ecológicos (BARBOSA; CAMPBELL, 2006). A relação entre o consumo e os problemas ambientais e sociais apresenta um vínculo intrínseco. A cultura do consumo cria necessidades cada vez maiores de exploração daqueles serviços naturais, impondo-se uma necessidade de mudança de paradigma e uma reeducação das pessoas, no sentido de consumir menos e melhor (RIBEIRO, 2014).

Dessa discussão, em relação ao consumo e aos problemas ambientais, emerge o tema "desenvolvimento sustentável". Para Cordeiro (2006), o desenvolvimento sustentável busca a integração e a compatibilização do desenvolvimento econômico e social com a qualidade ambiental, remetendo à assertiva de que não haverá crescimento econômico em longo prazo sem progresso social e sem cuidado ambiental.

A mudança de atitude por parte da sociedade é importante para o alcance do desenvolvimento sustentável, pois, o mesmo abrange questões ambientais, tecnológicas, econômicas, culturais e políticas, as quais apresentam notável complexidade em sua aplicação

e, dessa forma, necessitam de reestruturações nos comportamentos de diferentes atores (FRANCO, 2000).

Nesta concepção, o consumidor percebe o enorme poder que a consciência de suas escolhas reflete no ato de consumir, em algo que vai além do consumo em si, tornando-se um ato de cidadania e indutor de uma verdadeira transformação social. O comportamento de um consumidor consciente possibilita uma verdadeira mudança em seus hábitos individuais cotidianos, levando ao coletivo da sociedade pela ação do conjunto de consumidores, permitindo mudanças significativas nas relações de produção, consumo e pós-consumo na sociedade (INSTITUTO AKATU, 2002).

O termo comportamento humano, segundo Afonso et al. (2014), pode ser influenciado por diversos qualificadores, de acordo com a literatura sobre a inter-relação entre indivíduos e meio ambiente: "Comportamento ambientalmente responsável", "comportamento ecologicamente responsável", "comportamento ecológico", "comportamento ambientalmente correto" e "comportamento pró-ambiental" (CORRAL-VERDUGO, 2000; MARTINEZ-SOTO, 2006), cujas designações visam desvendar características pessoais e condições relacionadas a um indivíduo responsável diante do meio ambiente (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 1999).

Segundo Afonso et al. (2014), o comportamento ambientalmente responsável pode ser definido como a atenção e o cuidado com o meio ambiente que, resumidamente, pode ser entendido como o conjunto de ações responsáveis, efetivas e individuais e que resultam na proteção do meio. Todavia, os comportamentos são complexos, pois estão sujeitos à influência de fatores diversos, internos e externos, e que estão inter-relacionados (LUCAS et al., 2008).

O comportamento ecológico ou ambientalmente responsável, segundo Peixoto e Pereira (2013), pode ser originado de valores, crenças, ideologias e inclui uma variedade de formas de expressão, (HAANPÄÄ, 2007), como reciclagem (ESSOUSSI; LINTON, 2010), compra de produtos verdes (CONNOLLY; PROTHERO, 2008), o não consumo e a redução do consumo (SCHAEFER; CRANE, 2005), a conservação de energia e água (PINTO et al., 2011), o uso de sacolas “verdes” (RITCH; BRENNAN; MACLEOD, 2009), entre outros.

Segundo Loureiro (2010), a abordagem teórica que procurou sistematizar como os valores estão na base do comportamento pró-ambiental foi a desenvolvida por Stern e colaboradores, denominada Teoria Valor-Crença-Norma, do inglês, *value-belief-norm* - VBN (STERN, 2000), que considera a existência de três domínios, os quais, juntos, exercem

influência sobre o comportamento ambientalmente responsável: domínio pessoal, comportamental e contextual, conforme detalhado no Quadro 3:

Quadro 3: Influências sobre o comportamento ambientalmente responsável

Influências sobre o comportamento ambientalmente responsável	
Domínio Pessoal	Representa os valores básicos do indivíduo, crenças sobre como funciona a natureza e suas respostas e efeitos à ação do homem, pressões sociais sobre a forma de agir e normas pessoais sobre como o homem deve agir segundo suas obrigações sociais e ambientais. Encontra-se a Teoria do Valor Crença Norma, cuja abordagem trata como tais elementos pessoais influenciam o empenho ou o suporte do indivíduo no alcance dos objetivos pró-ambientais;
Domínio Comportamental	Trata dos comportamentos que são direcionados para alterar o meio ambiente, sendo: ativismo (ex. atuar em movimentos ambientais), comportamento cidadão (ex. aprovação de normas ambientais), apoiar políticas ambientais e comportamentos na esfera privada (ex. consumo verde) (STERN, 1999, 2000);
Domínio Contextual	Inclui atributos do homem desde o nascimento, como a religião, classe social e cultura; capacidades individuais, como educação e habilidades específicas; situação imediata do indivíduo, como residência onde mora, condições climáticas; constrangimentos e oportunidades advindas das políticas públicas, como transporte público, impostos; situação econômica, como renda, preço de produtos e serviços. Esses e outros fatores podem limitar o apoio e o engajamento do homem ao comportamento ambientalmente responsável.

Fonte: Peixoto (2012). Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Convergências e divergências do discurso ambientalmente responsável dos consumidores e seu comportamento de consumo, p. 56.

A Teoria Valor-Crença-Norma (Teoria VBN), segundo Peixoto e Pereira (2013), defende que o comportamento pró-ambiental ocorre quando certos valores, crenças e normas pessoais estão em operação. Para as autoras, a teoria diz que a relação entre valores e comportamento é mediada pelas crenças comportamentais (visão ecológica), consequências adversas para objetos de valor e habilidade para reduzir ameaças e normas pessoais que guiam a ação do indivíduo (JANSSON; MARELL; NORDLUND, 2011). A Figura 3 representa o esquema da Teoria valor-crença-norma, segundo Stern (2000):

Figura 3: Modelo Teórico Valor-Crença-Norma (Adaptado de Stern, 2000)

Valores		Crenças		Normas pessoais pró-ambientais		Comportamento
Biosféricos	→	Visão	→	Senso de obrigação para agir pró-ambientalmente	→	- Ativismo - Comportamento de não-Ativismo na esfera pública - Comportamento na esfera privada - Comportamento nas organizações
Altruístas	→	ecológica	→			
Egoístas	→	(NEP)	→			
		Consequências adversas para objetos de valor (AC)	→	Habilidade percebida para reduzir ameaças (AR)	→	

Fonte: Loureiro (2010)

Os valores relacionados ao comportamento pró-ambiental, segundo Peixoto (2012), são os biosféricos (onde a decisão do indivíduo se baseia de acordo com os custos e benefícios da natureza), altruístas (onde a decisão do indivíduo se baseia de acordo com os custos e benefícios percebidos pelos seus pares) e egoístas (onde o indivíduo considera os custos e benefícios do comportamento pró-ambiental para si).

Além dos valores, a autora aponta que para a Teoria Valor-Crença-Norma (VBN), certas crenças influenciam o comportamento pró-ambiental do consumidor, como o grau de percepção do indivíduo como parte integrante do ecossistema, a relação homem e meio ambiente (NEP), as consequências ambientais que ameaçam interesses do indivíduo (AC) e a responsabilidade do mesmo para agir corretivamente a essas consequências, visando à redução das ameaças (AR) (STERN, 2000).

Ainda, segundo Peixoto (2012), para a Teoria VBN, normas pessoais pró-ambientais se desenvolvem a partir das crenças, as quais representam a obrigação moral em adotar comportamento ambientalmente responsável (STERN, 2000). O comportamento pró-ambiental decorrido dos valores, crenças e normas pessoais são evidenciados no ativismo (o qual se refere ao envolvimento com organizações de movimentos ambientais), no comportamento de não ativismo na esfera pública (cidadania ambiental, suporte ou aceitação de políticas públicas), no comportamento na esfera privada ou ambientalismo na esfera privada (compra e utilização de bens e serviços ambientalmente responsáveis - consumo sustentável) e no comportamento nas organizações (o indivíduo pertence a organizações que adotam ações ambientalmente corretas) (STERN, 2000).

A existência de consciência ambiental para Loureiro (2010), geralmente, é acompanhada pelo aumento da importância dada aos problemas ambientais, assim como pela motivação de realização de proteção a ações associadas ao ambiente. Contudo, a mudança de comportamentos ainda está distante das preocupações ambientais, observando-se uma profunda diferença entre as crenças, atitudes e comportamentos efetivamente postos em prática pelos indivíduos (GARDNER; STERN, 2002).

Nessa mesma linha, Peixoto e Pereira (2013) destacam a inconsistência no discurso do consumidor que se diz ambientalmente responsável ou que considera importante o consumo sustentável, onde as pessoas revelam em suas falas o desejo e o interesse pela preservação ambiental, que, na prática, nem sempre é traduzido em comportamento ambientalmente responsável (FREESTONE; MC GOLDRICK, 2008).

Nessa concepção, Vaccari, Cohen e Rocha (2016) relatam que inúmeros modelos teóricos têm sido desenvolvidos para tentar explicar a incoerência existente entre a consciência ambiental e a falta de efetivas ações ligadas ao comportamento adotado pelo indivíduo, relacionado à preocupação com a preservação ambiental. Os autores citam alguns estudos sobre o tema, contudo, destacam que a questão desse tipo de comportamento é tão complexa que nenhuma explicação definitiva foi encontrada.

Na avaliação de Nascimento et al. (2014), a contradição entre a forma de pensar e agir pode ser atribuída à falta de conhecimento real sobre o ciclo de vida dos produtos desde a produção até o seu descarte. O autor ressalta que o consumidor não percebeu a verdadeira dimensão da importância de suas ações quando, por exemplo, faz o descarte dos resíduos incorretamente, sem o conhecimento dos próximos passos ou das consequências desse ato.

A percepção quanto à necessidade de um desenvolvimento sustentável em que prevaleça o equilíbrio entre sociedade, natureza e meio ambiente passaram a ter importante papel. Nesse sentido, comportamentos mais adequados dos consumidores no descarte de resíduos sólidos urbanos se tornam essenciais na sociedade.

2.4. COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR NO DESCARTE DE RESÍDUOS PÓS-CONSUMO

O comportamento e as atitudes das pessoas podem afetar significativamente o meio ambiente de modo que comportamentos mais adequados se tornam imprescindíveis. Muitos autores destacam que a base dos problemas ambientais, gerados pelo descarte incorreto de resíduos no meio ambiente, estão relacionados ao comportamento humano (BICKMAN, 1972).

A destinação dos resíduos pós-consumo e a responsabilidade pelo descarte dos mesmos tornaram-se um dos grandes problemas da atualidade. O crescimento da geração de resíduos sólidos impulsionado pelo consumismo e o descarte inadequado tem contribuído para danos irreparáveis ao meio ambiente.

O comportamento do indivíduo, por diferentes razões, pode estar além do alcance das políticas públicas e estas podem ser facilitadas pelos mecanismos reguladores e incentivos econômicos, sendo necessária uma estratégia articulada para facilitar a mudança almejada,

garantindo que as estruturas de incentivo e as regras institucionais favoreçam o encaminhamento de políticas em direção à sustentabilidade (GONÇALVES-DIAS, 2015).

O envolvimento com a responsabilidade da gestão de resíduos, segundo Echegaray e Hansstein (2016), não deve depender exclusivamente da consciência ambiental, de pontos de vista positivos de metas ambientais ou de atitudes solidárias com tecnologias de reciclagem.

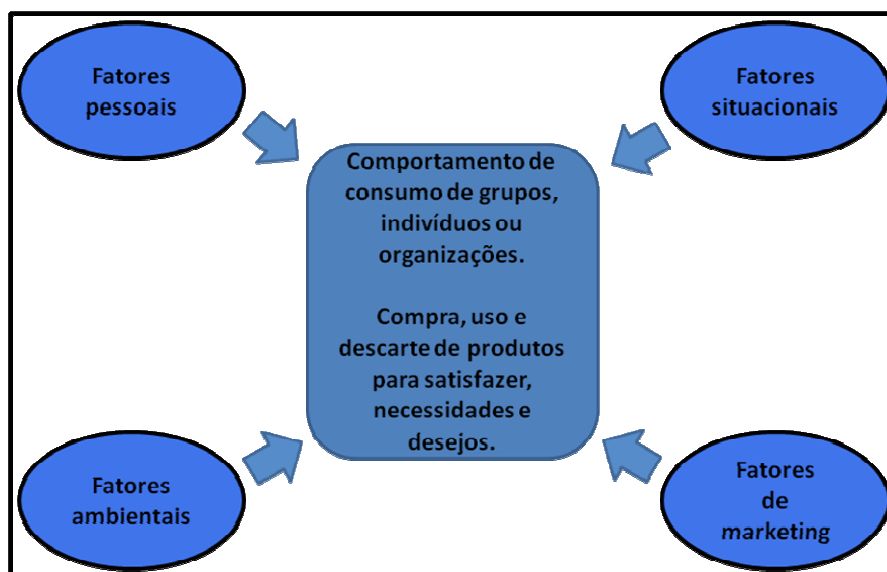
Pelo contrário, ela requer um senso de eficácia pessoal e legitimidade social para a adoção de ações, que visem o efetivo envolvimento dos indivíduos. A compreensão adequada das influências que moldam comportamentos pró-ambientais oferecem “insights” valiosos, que podem ajudar na formulação de políticas fundamentais para o governo, para as empresas e demais iniciativas para enfrentar as questões ambientais de maneira mais eficaz.

Entender o comportamento do consumidor, segundo Ibdaiwi, Garcia e Lopes (2012), não é tarefa fácil, sendo necessário um conhecimento amplo, pois envolve processos psicológicos e sociais que as pessoas realizam na aquisição, uso e descarte de bens, serviços, ideias e práticas e, ainda, segundo Solomon (2011), processos cognitivos, emocionais e motivacionais.

O comportamento do consumidor, segundo Peixoto e Pereira (2013), é complexo, uma vez que valores pessoais, crenças, desejos, necessidades e tantos outros elementos fazem parte do processo de avaliação e, posteriormente, da escolha de suas ações (FREESTONE; MCGOLDRICK, 2008; HANSEN, 2005; PINTO; NIQUE; AÑAÑA; HERTER, 2011).

O comportamento do consumidor contempla os estudos acerca dos processos envolvidos no momento em que os indivíduos selecionam, compram, usam e descartam produtos (SOLOMON, 2011), para satisfazer necessidades e desejos, podendo ser definido como um conjunto de ações ou respostas dos indivíduos a determinados estímulos, ressaltando os que decorrem de fatores pessoais, ambientais, situacionais e de marketing (LIMEIRA, 2008), como demonstrado na Figura 4:

Figura 4: Fatores influenciadores do comportamento do consumidor



Fonte: Limeira (2008). Comportamento do consumidor brasileiro.

Segundo Rozzett (2013), no contexto dos estudos sobre o comportamento do consumidor, o descarte ganha importante papel nas pesquisas referentes ao pós-consumo e compõe o foco de inúmeras pesquisas de campo. Por sua vez, Suarez et al. (2011) relatam que além dos pressupostos ecológicos, estudar o descarte pode trazer benefícios ao proporcionar uma visão de longo prazo a respeito do comportamento de consumo.

Desse modo, é importante estudar não só quem conduz a decisão de compra, mas, sobretudo, quem e como se realiza o descarte dos resíduos (NASCIMENTO et al., 2014). O resultado do estudo promovido pelos autores Miafodzyeva, Brandt e Olsson (2010), de acordo com Nascimento et al. (2014), apontou que nem todos os cidadãos estão dispostos a fazer a separação diária de seus resíduos, utilizando como justificativas a falta de tempo para separar, coletar e transportar o lixo; a falta de espaço adequado para separar e coletar o lixo e o possível odor desagradável.

Os estudos de Lima (2008) demonstraram que quanto maior o número de pessoas em um determinado local de consumo, menor será a probabilidade de ocorrer o descarte adequado de lixo. O resultado apontado por Sousa (2011) em sua pesquisa demonstra que sexo e idade e a condição do indivíduo, se em grupo ou não, aparecem como mediadores para o comportamento de descarte, além de que, sexo e idade estimada, podem, além de ter influenciado o comportamento de descarte, refletir sobre as relações entre traços de cultura, forma de socialização e papel social dos indivíduos.

Neste contexto, o consumidor configura como um importante ator social e fundamental para a efetividade e o sucesso da Política Nacional de Resíduos Sólidos (KALIL; EFING, 2015).

Estudos apontam para a continuidade de práticas inadequadas de descarte pela população. No entanto, assumir o papel que cada um desempenha neste contexto é fundamental para a mudança de nossos hábitos.

2.5. A PRÁTICA DO DESCARTE DOS RESÍDUOS PÓS-CONSUMO

A continuidade da prática de destinação inadequada de resíduos pós-consumo torna-se um verdadeiro retrocesso, que deixará efeitos negativos de grandes proporções para toda a sociedade, pois além da elevação nos índices de poluição, do aumento nos gastos com saúde e da grande dificuldade para a consolidação de ações de recuperação e reciclagem dos resíduos, importantes recursos serão desperdiçados (ABRELPE, 2014).

A expressão "descarte inadequado de lixo", segundo Sousa (2011) corresponde à tradução para o termo inglês "*littering*", que na realidade, trata-se de um neologismo, tendo em vista que a palavra não possui tradução direta para o português. Tal fato pode sinalizar peculiaridades sobre o fenômeno de nossa cultura, como a falta de controle social para esse tipo de conduta.

Caballero (2008) relata que o primeiro trabalho técnico sobre coleta e destinação de resíduos foi registrado em Porto Alegre em 1915 e que, naquela época, expressões utilizadas no artigo denominado "Saneamento das Cidades", pelo autor Benito Elejalde, remetia a preocupações com "a produção, a coleta e o destino" do lixo, que continuam sendo utilizadas em estudos técnicos atuais.

Para minimizar os problemas ambientais referentes ao descarte dos resíduos, Marchi (2011) ressalta que a Agenda 21 considera a prática dos 3R's (reduzir, reutilizar, reciclar), atualmente 4R, com a inclusão do termo "repensar", como essencial para a diminuição dos impactos causados ao meio ambiente nos aterros sanitários.

A redução na fonte, segundo a autora, é considerada uma das atividades que pressupõe, além de esforço gerencial, com tomada de decisões no âmbito legal e fiscal, participação comunitária, por meio de normas e educação socioambiental. A reutilização se refere às ações que possibilitam a utilização de resíduos gerados para outras finalidades, de

modo a maximizar o uso desses materiais antes do descarte final. A reciclagem é um conjunto de técnicas que tem por finalidade aproveitar os resíduos e reutilizá-los no ciclo de produção de que saíram (MARCHI, 2011). Ainda segundo a autora, é necessário disseminar e difundir informações e procedimentos a respeito das práticas que conduzam ao retorno dos resíduos, após o seu uso pelo consumidor às organizações, pois não se trata apenas de uma questão de regulação, mas de uma visão estratégica para o setor produtivo.

Na visão de Leite (2009), o sistema de reciclagem agrega valor econômico, ecológico e logístico aos bens de pós-consumo. O sistema de reuso agrega valor de reutilização e o sistema de incineração agrega valor econômico, pela transformação dos resíduos, como, por exemplo, em energia elétrica. Desse modo são criadas condições para a reintegração do material objeto de descarte ao ciclo produtivo, gerando uma economia reversa.

O estudo apresentado por Pimenta et al. (2013), cujo objetivo foi analisar a educação ambiental que envolve a prática para o descarte de resíduo reciclável e a conscientização ambiental de estudantes na Região Metropolitana de São Paulo, demonstrou que o tema sobre a educação e a conscientização ambiental está presente em 83% no cotidiano do grupo. Quanto à prática da separação de resíduo reciclável, os resultados apontam que 78% dos estudantes realizam a sua separação, contudo, desse total, 54% alegam que sempre separam o resíduo reciclável, pois consideram uma prática importante e 24% correspondem às práticas esporádicas nessa separação. Quando questionados sobre se há recolhimento de resíduo reciclável em suas residências, 39% responderam que não o separam, pois não há sistema de coleta seletiva onde residem. Da mesma forma, quando questionados sobre se existe coleta seletiva nas empresas onde trabalham, 37% responderam que não há sistema de coleta seletiva no local.

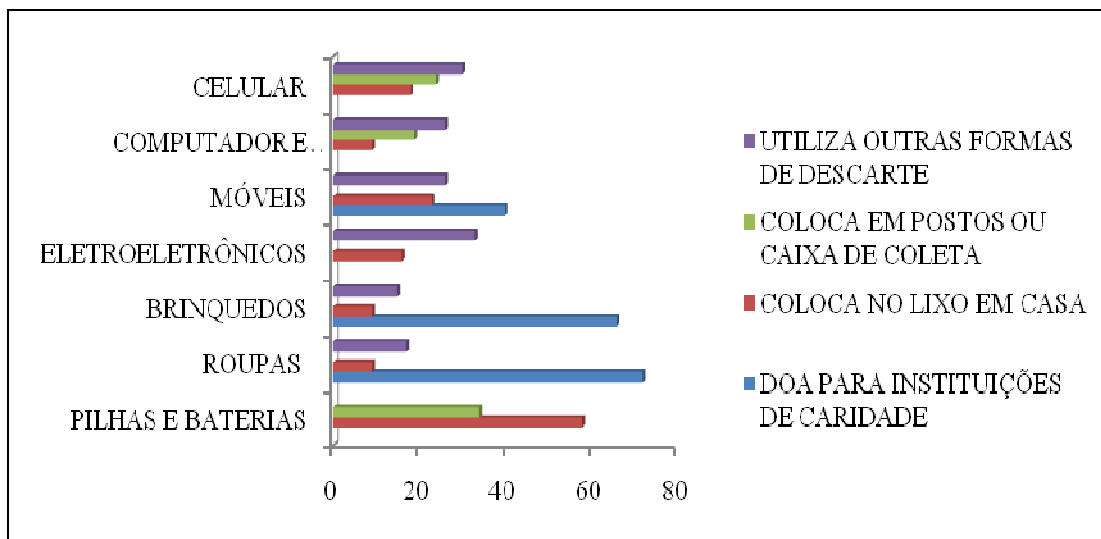
O estudo apresentado por Ziliotto e Reis (2014), sobre as opiniões e comportamentos da comunidade acadêmica da UFFS em relação à prática do descarte de resíduos sólidos em suas dependências, envolvendo aspectos culturais e comportamentais, revelou que a comunidade acadêmica conhece a coleta seletiva e que possui um nível de consciência ambiental regular. Nem sempre o que os indivíduos conhecem na teoria é levado para a prática cotidiana, e nem todas as práticas observadas correspondem ao discurso dos pesquisados. De modo geral, de acordo com o estudo, as práticas de separação dos resíduos não são péssimas, mas existem muitos pontos a serem melhorados e nem todos os indivíduos têm ações sempre corretas, o que implica no comprometimento de toda a segregação, pois, se houver uma mistura de diferentes tipos de resíduos, toda a separação anterior e posterior ficará sujeita a problemas. Evidenciou-se, ainda, que boa parte do resíduo produzido e

descartado nas lixeiras como recicláveis, coletado e transportado para a triagem, acaba não tendo condições de ser encaminhado para a reciclagem por duas principais razões: o resíduo não é reciclável ou está contaminado (sujo) pelo contato com orgânicos ou água (ZILIOTTO; REIS, 2014).

Uma pesquisa nacional de opinião, promovida pelo Ministério do Meio Ambiente em 2012, intitulada "O que o Brasileiro pensa do Meio Ambiente e do Consumo Sustentável", indicou que a população brasileira apresenta comportamentos variados quanto à prática de descarte de produtos, sendo que o descarte incorreto ocorre principalmente via lixo da própria residência.

A pesquisa aponta que entre os principais produtos descartados incorretamente via lixo da própria residência (Figura 5), as pilhas e baterias aparecem como uma das formas mais utilizadas pelos brasileiros (58%); seguido do descarte de celular (18%); notebooks e componentes de computadores (9%); e 16% para o descarte de eletrodomésticos. Em geral, o que mais se reaproveita é, nesta ordem, por meio de “doação”: roupas (72%); brinquedos (66%) e móveis (40%) (BRASIL, 2012).

Figura 5: Hábitos de descarte de produtos



Fonte: Adaptado de Brasil, 2012. O que o Brasileiro pensa do Meio Ambiente e do Consumo Sustentável, p. 55.

Quando perguntados sobre algumas posturas adotadas em ações simples intrínsecas ao cotidiano, nos últimos 12 meses, a pesquisa aponta que os brasileiros ainda não demonstram grande consciência ecológica, mas os comportamentos pró-ambientais já alcançam mais de 20% da população. As ações de consertar algum produto quebrado para prolongar sua vida útil e evitar jogar no lixo comum produtos tóxicos que agredem o meio ambiente estão sendo

praticadas por, respectivamente, 49% e 45% dos brasileiros, segundo a edição da pesquisa (BRASIL, 2012).

A gestão e o gerenciamento dos resíduos sólidos são instrumentos necessários para que o impacto ambiental causado pelo descarte inadequado seja cada vez menor (FRÉSCA, 2007). Nessa concepção, é perceptível a necessidade de se estudar e tratar as questões relativas aos resíduos sólidos de forma integrada e estratégica (PIRANI, 2010), considerando que os indivíduos possuem diferentes formas de descarte para diferentes tipos de resíduos, de modo a buscar alternativas que minimizem o impacto do descarte inadequado sobre o meio ambiente.

Em atenção à perspectiva dessa pesquisa, a análise das categorias de resíduos sólidos se deu em função da potencialidade de reciclagem dos resíduos via lixo da própria residência do cidadão. Contrariamente a essa pontecialidade, se verifica um descumprimento da legislação vigente quanto à sua disposição final.

Assim, considerando que os resíduos domiciliares são típicos do cotidiano do cidadão, que os resíduos orgânicos representam grande parcela de sua composição e que contaminam grande parte do potencial de reciclagem dos resíduos domésticos secos; que os resíduos eletroeletrônicos atualmente estão caracterizados pela tendência da obsolescência planejada e desperdício pela atual sociedade, levada pelo consumo, e que possuem alto grau de contaminação ao meio ambiente e; considerando que alguns estudos apontam para uma preocupação do indivíduo na doação de roupas e; para que possa analisar o que leva o consumidor à percepção da necessidade de descartar adequadamente um tipo de resíduo e não demonstrar essa preocupação em outro, optou-se por investigar o que motiva o descarte das seguintes categorias de resíduos sólidos domiciliares: secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis.

2.6. O DESCARTE DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES SECOS

Os resíduos sólidos são gerados desde o início da civilização, contudo, a sua geração se agrava quando se pensa em hábitos de consumo voltados para a cultura do supérfluo, do uso e da produção de objetos descartáveis que rapidamente se tornam inúteis, transformando-se em resíduos sólidos. Da mesma forma, continua sendo um grande desafio dar um

tratamento e disposição final adequada aos resíduos produzidos, especialmente aos resíduos sólidos domiciliares (FRÉSCA, 2007).

Os resíduos sólidos domiciliares (RSD), também denominados doméstico ou residencial, nos termos da Lei Federal nº 12.305/10 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, englobam os resíduos domiciliares, ou seja, aqueles originários de atividades domésticas em residências urbanas (ABRELPE, 2014).

Inicialmente, de acordo com De Oliveira e Bassetti (2015), os resíduos sólidos domésticos eram discretamente eliminados em espaços abertos de terra, geralmente mais afastados dos centros urbanos em função da densidade populacional e a produção de resíduos ainda ser pequena e, até então, ser composta basicamente de resíduos orgânicos, facilmente biodegradáveis.

Atualmente, grandes volumes desses resíduos são colocados na lixeira. A crescente industrialização que produz cada vez mais itens de vida curtos e descartáveis, aliados ao aumento das populações e seus hábitos de consumo, gera perspectivas preocupantes em relação ao tema (CASARIL et al., 2009). Considera-se, assim, que grande parte dos resíduos produzidos deixou de ser orgânicos, passando grande parcela de sua composição para os resíduos secos oriundos principalmente de embalagens, entre outros.

Segundo Braga et al. (2008), a quantidade de resíduos sólidos gerada nos domicílios pode variar de acordo com fatores como dia da semana e do mês, condições climáticas, datas especiais, eventos extemporâneos, como o desempenho da economia, o poder de compra e de aspectos socioeconômicos e culturais que afetem a forma de consumo de uma dada população. Neste mesmo entendimento, Monteiro et al. (2001) destacam os fatores que exercem forte influência sobre as características e o volume dos resíduos sólidos urbanos, conforme descrito no Quadro 4:

Quadro 4: Fatores que influenciam as características dos resíduos sólidos domiciliares

Fatores	Influência
Climáticos Chuvas/Outono/Inverno	➤ Aumento do teor de umidade; ➤ Aumento do teor de folhas; ➤ Aumento do teor de embalagens de bebidas (latas, vidros e plásticos rígidos).
Épocas Especiais (Períodos festivos e férias escolares)	➤ Aumento do teor de embalagens de bebidas (latas, vidros e plásticos rígidos); ➤ Aumento de embalagens (papel/papelão, plásticos maleáveis e metais); ➤ Aumento de matéria orgânica.
Socioeconômicos Nível cultural	➤ Quanto maior o nível cultural, maior a incidência de materiais recicláveis e menor a incidência de matéria orgânica;

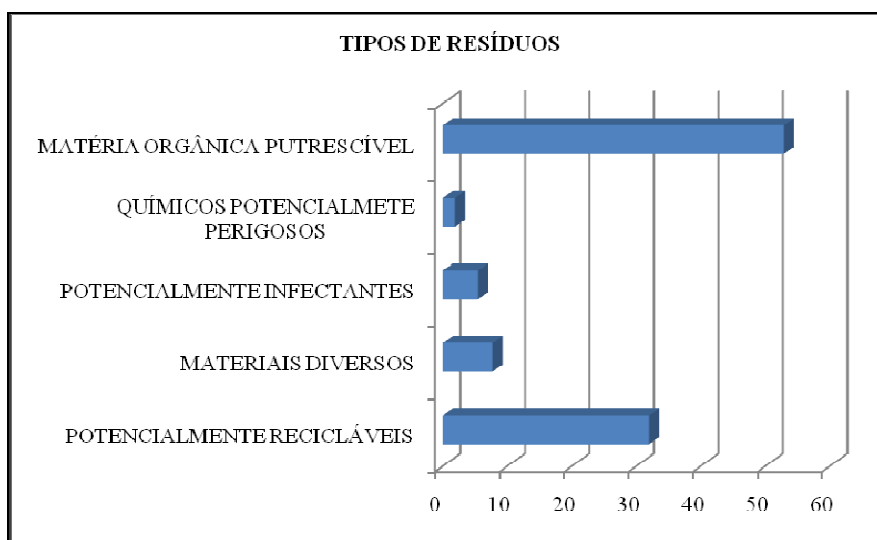
Nível educacional	➤ Quanto maior o nível educacional, menor a incidência de matéria orgânica;
Poder aquisitivo	➤ Quanto maior o poder aquisitivo, maior a incidência de materiais recicláveis e menor a incidência de matéria orgânica;
Poder aquisitivo (no mês)	➤ Maior consumo de supérfluos perto do recebimento do salário (fim e início do mês);
Poder aquisitivo (na semana)	➤ Maior consumo de supérfluos no fim de semana; Introdução de materiais cada vez mais leves, reduzindo o valor do peso específico aparente dos resíduos;
Desenvolvimento tecnológico	
Lançamento de novos produtos / Promoções de lojas comerciais	➤ Aumento de embalagens;
Campanhas ambientais	➤ Redução de materiais não biodegradáveis (plásticos) e aumento de materiais recicláveis e/ou biodegradáveis (papéis, metais e vidros).

Fonte: Adaptado de Monteiro et al. (2001). Manual Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos, p. 37.

O resíduo sólido domiciliar, originado da vida diária das residências, normalmente é constituído por restos de alimentos como cascas de frutas, folhas, verduras, legumes, produtos deteriorados, jornais e revistas, garrafas, embalagens em geral, papel higiênico, fraldas descartáveis, sacolas plásticas e uma grande diversidade de outros itens.

Em estudo realizado sobre a quantificação de resíduos potencialmente infectantes presentes nos resíduos sólidos domésticos de Belo Horizonte, Cussiol, Rocha e Lange (2006) identificaram a presença dos seguintes tipos de resíduos no lixo doméstico: matéria orgânica putrescível, materiais potencialmente recicláveis, resíduos químicos potencialmente perigosos e materiais diversos, conforme demonstrado na Figura 6:

Figura 6: Tipos de resíduos presentes no lixo doméstico



Fonte: Adaptado de Cussiol, Rocha e Lange (2006). Quantificação dos resíduos potencialmente infectantes presentes nos resíduos sólidos urbanos da regional sul de Belo Horizonte, p. 5.

Para a execução da pesquisa, Cussioli, Rocha e Lange (2006) separaram os resíduos de acordo com o seguinte critério:

- a) Matéria orgânica putrescível (restos de preparo e sobras de alimentos com data de validade vencida e estragada);
- b) Materiais potencialmente recicláveis (papel/papelão, embalagens longa vida, vidros, plásticos, metais ferrosos e não ferrosos);
- c) Resíduos químicos potencialmente perigosos (lâmpadas, materiais de pintura, automotivo e eletrônico, pilhas e baterias, frascos de remédios vazios ou com conteúdo, cosméticos e produtos de higiene pessoal);
- d) Materiais diversos (panos/trapos, isopor, borracha, couro, entulho, madeira, espuma, gesso, cerâmica, eletroeletrônicos e material misturado de difícil separação);
- e) Resíduos potencialmente infectantes (resíduos contendo fezes humanas e de animais, urina, sangue e fluidos corpóreos e aqueles que oferecem risco de acidente por perfuração e corte). Os resíduos potencialmente infectantes foram subdivididos em não perfuro cortantes, como papel higiênico, absorvente higiênico, fraldas descartáveis de uso infantil e adulto, preservativo masculino, materiais para curativo (algodão, gaze, band-aid, atadura); máscara descartável, luvas, toalhas de papel e embalagens de soro fisiológico e perfuro cortantes: agulhas de injeção, seringas com agulhas, ampolas, aparelhos e lâminas de barbear.

Para os autores, o resultado da pesquisa demonstrou que é possível diagnosticar que os resíduos domiciliares possuem um potencial poder de contaminação biológica no meio ambiente e, mesmo diante de tal evidência, há uma tendência das pessoas, independentemente da formação, nível cultural e posição na sociedade, em não perceberem os riscos existentes nos resíduos domiciliares.

Nesta mesma concepção, o estudo de caracterização do resíduo sólido domiciliar, realizado no município de Cabreúva, no Estado de São Paulo no período de maio de 2012 a março de 2013, de acordo com Costa e Teixeira (2014), demonstrou que a população local tem o hábito de descartar bens pós-consumo, como pilhas, baterias, lâmpadas fluorescentes e fármacos no resíduo domiciliar, o que evidencia o descumprimento da legislação vigente por parte dos consumidores, fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes e do próprio Poder Público.

Este quadro, segundo Costa e Teixeira (2014), apresenta um grande desafio, considerando a importância e a necessidade de se estruturar um sistema que contribua para a mudança de comportamento, para a prevenção das consequências oriundas da

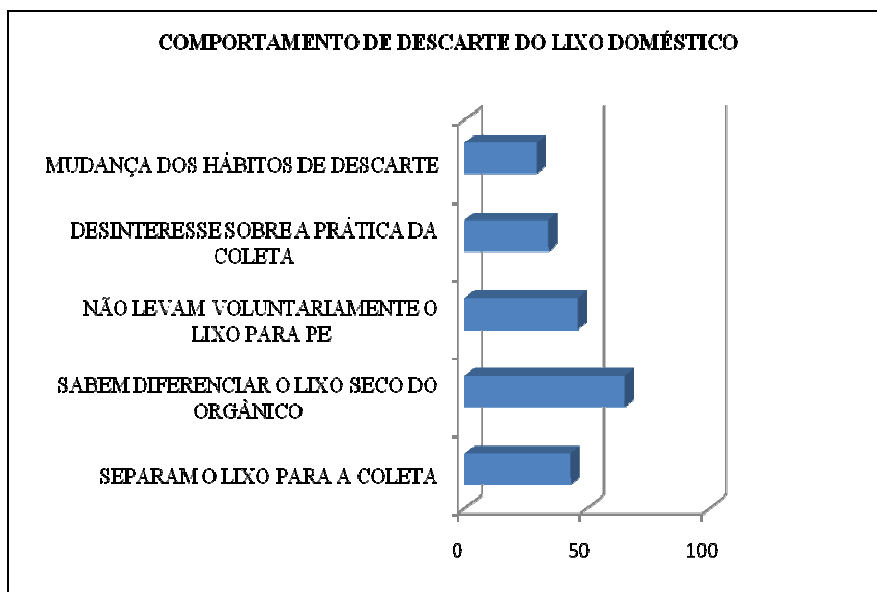
insustentabilidade do modelo de desenvolvimento adotado e para a promoção da melhoria da qualidade ambiental, da saúde e do bem-estar.

O acesso ao serviço de coleta de lixo doméstico foi uma das variáveis utilizadas na construção dos indicadores de desenvolvimento sustentável 2015, de acordo com publicação apresentada pelo IBGE. Esse indicador representa a parcela da população atendida pelos serviços de coleta de lixo doméstico e se constitui na razão, expressa em percentual, entre as populações urbana e rural atendidas pelo serviço de coleta de lixo. O acesso à coleta de lixo domiciliar, de acordo com a publicação, se constitui em um indicador de infraestrutura, principalmente para as áreas urbanas, podendo ser utilizado como um mecanismo para o desenvolvimento socioeconômico e ambiental (IBGE, 2015).

Em pesquisa realizada sobre o comportamento do brasileiro diante do programa de coleta seletiva de lixo instaurada na cidade de Brasília, Avelino (2014) demonstra que existe engajamento do brasileiro, no entanto, o próprio procedimento de separação do lixo orgânico e seco exige do indivíduo critérios de destinação.

Os dados da pesquisa, no que diz respeito ao descarte, segundo Avelino (2014), demonstraram que 43% dos entrevistados fazem a separação do lixo para a coleta, 65% mostraram conhecer o programa e a grande maioria sabe diferenciar o lixo seco do lixo orgânico, o que à luz da teoria significa que houve uma busca de informação, interna ou externa. A maioria entrevistada mostra que quando não há a coleta de lixo, ou seja, quando o caminhão da coleta não passa, 46% afirmaram não levarem o lixo voluntariamente para um dos pontos de entrega. A maioria dos entrevistados demonstrou desinteresse quando questionados sobre se achavam que as pessoas já haviam mudado suas práticas de coleta de lixo diante do novo serviço, 34% responderam que não concordavam e nem discordavam. No entanto, percebe-se um potencial aumento nessa percepção, levando em consideração que 29% da amostra concordou que há uma mudança nos hábitos dos brasileiros, quase se equiparando com os desinteressados (Figura 7).

Figura 7: Comportamento de descarte do lixo doméstico para a coleta seletiva



Fonte: Organizado pela autora conforme dados apresentados por Avelino (2014).

Visando identificar a percepção das pessoas sobre as implicações do ato de descartar um produto ou uma embalagem, Nascimento et al. (2014) realizaram um estudo onde foi apontada a transferência de responsabilidades e das suas consequências para alguém (alienação); desconhecimento sobre a destinação do lixo (ausência de visão sistêmica) e as influências disso em toda a cadeia de valor envolvida; reforço da educação ambiental, ensinando como as pessoas devem agir e quais as consequências das suas ações. Para os autores, o compromisso dos consumidores com os resíduos por eles gerados desaparecem no momento em que deixam as suas residências. A partir de então, ocorre uma transferência de responsabilidade manifestada pelo desconhecimento e pela alienação acerca das consequências do descarte.

Outro aspecto importante relacionado ao descarte do lixo doméstico é o seu acondicionamento. Schio (2016) aponta em seu estudo acerca da destinação do lixo doméstico que 84% das famílias reutilizam as sacolas das compras dos mercados para acondicionar o lixo produzido em suas residências, o que demonstra que a grande maioria da população urbana tem esse hábito.

Dados da Associação Brasileira dos Supermercados (ABRAS, 2012) apontam que 80% das sacolas plásticas são utilizadas uma única vez e depois descartadas. Quando reutilizadas, sua principal destinação é armazenar o lixo doméstico.

As sacolas plásticas convencionais, também conhecidas como oxidegradáveis, são amplamente utilizadas para carregar as compras nos supermercados e na maioria dos estabelecimentos comerciais. Surgiram a partir dos anos 1950, nos Estados Unidos, chegando ao Brasil na década de 1980, sendo que antes desse período utilizavam-se sacos de papel para a mesma finalidade (AMIS, 2011).

De acordo com dados do Ministério do Meio Ambiente, cerca de 1 trilhão de sacolas plásticas são consumidas anualmente no mundo todo. No Brasil, esse número chega a 1,5 milhões de sacolas plásticas por hora. Elas são apontadas como uma grande vilã dos impactos ambientais. O descarte incorreto, principalmente em período chuvoso, contribui para o alagamento em muitas cidades, que depois vão parar nos rios, matas e oceano.

Com a intenção de conhecer o comportamento de consumo de sacolinhas de plástico na cidade de Belo Horizonte, Matos (2013) efetuou uma pesquisa onde 40% dos entrevistados declararam nunca ou raramente terem deixado de usar as sacolinhas de plástico, outros 40% declararam terem deixado de usá-las algumas vezes e 20% declararam terem deixado de usá-las frequentemente ou sempre. Quando perguntados sobre se queriam deixar de usar a sacolinha plástica no futuro, 51% responderam positivamente, 39% negativamente e os demais se declararam indiferentes. Para o autor, com o estudo foi possível avaliar que o uso das sacolinhas de plástico é um comportamento sedimentado, desenvolvido durante um longo período de tempo e seu abandono envolve grande mudança comportamental.

Desse modo, as ações efetivas do comportamento dos indivíduos no descarte de resíduos secos são fundamentais, uma vez que os mesmos são os responsáveis diretos pelo seu descarte no cotidiano de suas residências.

2.7. O DESCARTE DOS RESÍDUOS ORGÂNICOS

De todo lixo gerado no mundo, a maior parcela provém das residências. É o chamado lixo domiciliar ou doméstico, visto que quanto maior o desenvolvimento econômico e tecnológico de um país, menor é a fração de material orgânico, predominando embalagens plásticas, papéis, papelões, vidros e latas (EL-DEIR, 2014).

Os resíduos orgânicos, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente, são constituídos basicamente por restos de animais ou vegetais, podendo ter diversas origens, como doméstica ou urbana (restos de alimentos e podas), agrícola ou industrial (resíduos de agroindústria alimentícia, indústria madeireira, frigoríficos etc.), de saneamento básico (lodos de estações de tratamento de esgotos), entre outras.

Os resíduos são separados em diferentes frações com destinações apropriadas, sendo as principais: recicláveis secos, recicláveis orgânicos e rejeitos. De acordo com dados apresentados no Diagnóstico de Resíduos Sólidos Urbanos (IPEA, 2012), a composição gravimétrica dos resíduos sólidos urbanos coletados no Brasil indica que os resíduos orgânicos representam 51,4% do total de resíduos gerados, e quando separados na fonte podem ser reaproveitados por meio da reciclagem e transformação em adubo ou fertilizante orgânico.

Para Ensinas (2003), a destinação final dos resíduos sólidos urbanos é um dos graves problemas ambientais enfrentados mundialmente, e tendem a se agravar com o aumento do consumo de bens descartáveis. Uma das alternativas de tratamento dos resíduos sólidos são os aterros sanitários, que têm como um dos subprodutos a emissão de gases provenientes da decomposição do material orgânico. Assim, o reaproveitamento ou a reutilização de tudo o que for possível é uma maneira eficaz de amenizar o problema, diminuindo a destinação de resíduos aos aterros sanitários ou lixões, embora deva estar associado a outros métodos de manipulação de resíduos, especialmente dos resíduos orgânicos.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos em seu art. 36, inciso V, previu a necessidade de implantação de “sistemas de compostagem para resíduos sólidos orgânicos e articulação com os agentes econômicos e sociais formas de utilização do composto produzido”. Desta forma, entende-se que a promoção da compostagem da fração orgânica dos resíduos, assim como a implantação da coleta seletiva e da disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos, faz parte do rol de obrigações dos municípios instituída pela Lei 12.305/2010.

Dados do IPEA (2009) demonstram que o Brasil está entre os 10 países que mais desperdiçam comida no mundo, onde aproximadamente 35% de toda a produção agrícola são descartadas como resíduos sólidos. Ainda, de acordo com os dados do IPEA, mais de 10 milhões de toneladas de alimentos poderiam abastecer 54 milhões de brasileiros que vivem na linha da pobreza (PISTORELLO; CONTO; ZARO, 2015).

As perdas de alimentos se referem à diminuição de alimentos disponíveis para o consumo humano, nas fases de produção, pós-colheita, armazenamento e transporte. Já o desperdício de alimentos está relacionado com as perdas oriundas da decisão de descartar alimentos que ainda têm valor e se associa ao comportamento de venda e consumo de alimentos (BENÍTEZ, 2016).

Segundo Pistorello, Conto e Zaro (2015), as projeções indicam que até 2075 a população mundial pode chegar a 9,5 bilhões de pessoas, o que significa um aumento de aproximadamente três bilhões de pessoas em relação à população mundial atual. Atualmente, são produzidos em torno de 4 bilhões de toneladas de alimentos por ano. Estima-se que entre 30-50% de toda a comida produzida no mundo (1,2-2 bilhões de toneladas) seja transformada em resíduos sólidos. Portanto, políticas sociais, econômicas e ambientais precisam ser construídas hoje para garantir a sustentabilidade no futuro (IMechE, 2013).

Segundo Graham-Rowe, Jessop e Sparks (2014), a produção e o fornecimento de alimentos, o qual é subsequentemente desperdiçado, tem um número de custos ambientais. Os autores destacam que o desperdício de alimentos é apontado como um agente contribuinte para o aumento da demanda por terras agrícolas, contribuindo para o desmatamento de áreas de florestas em todo o mundo, além de implicações para o desperdício de água e eliminação de resíduos biodegradáveis em aterros, contribuindo para a liberação de gases, principalmente o metano.

Uma das causas do desperdício de alimentos, apontada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO, resulta da combinação entre comportamento do consumidor e a falta de comunicação ao longo da cadeia de abastecimento, oriundas do planejamento ineficaz de compras, que leva ao exagero e consequente vencimento dos produtos por falta de utilização.

Neste contexto, Pistorello, Conto e Zaro (2015) destacam que as razões que levam ao desperdício em âmbito domiciliar são diversas. Os autores citam a pesquisa realizada por Willians et al. (2012) com 61 famílias da Suécia. As famílias foram convidadas a observar a sua geração de resíduos e responder a um questionário sobre os seus padrões de descarte. Ambos os grupos indicaram que quase 50% da sua comida eram descartadas por ter estragado

e em torno de 25% porque foi preparada em uma quantidade maior que a consumida. O tamanho de embalagens e a dificuldade em esvaziar algumas delas, devido ao seu *design*, também foram relatados pelos respondentes como motivos para o desperdício de alimentos.

No caso do desperdício de alimentos, segundo Pistorello, Conto e Zaro (2015), além da geração de resíduos orgânicos, outros problemas podem ser apontados: desperdício de água e energia que são utilizados para o cultivo e processamento de alimentos; aplicação desnecessária de agroquímicos em alimentos que não são consumidos; desmatamento e uso de grandes extensões de terra para o plantio de alimentos e criação de animais para corte e leite; aumento de preços dos alimentos pelo varejo e restaurantes, que consideram os resíduos alimentares gerados nas suas planilhas de custos; desperdício de recursos financeiros que poderiam ser aplicados em outras áreas; escassez de alimentos, que afeta principalmente as regiões mais pobres do planeta; empobrecimento de solos devido a técnicas de agricultura inapropriadas, entre outros.

Por sua vez, Cotta et al. (2015) destacam que os resíduos sólidos orgânicos são materiais biodegradáveis, em que o processo de reciclagem auxilia na retenção de umidade e na melhoria da textura do solo. A reciclagem dos resíduos orgânicos por meio do processo de compostagem tem se constituído no principal meio de retirada da grande quantidade desses resíduos de aterros sanitários, uma vez que, no Brasil, a fração orgânica é de aproximadamente 50% dos resíduos (MARAGNO; TROMBIN; VIANA, 2007). Além disso, o aumento do custo dos fertilizantes comerciais e a crescente poluição ambiental fazem do uso de resíduos orgânicos na agricultura uma opção atrativa do ponto de vista econômico em razão da reciclagem de carbono e de nutrientes (MELO et al., 2008; LOUREIRO et al., 2007).

O estudo de Dhokhikah, Trihadiningrum e Sunaryo (2015), com o objetivo de examinar a participação da comunidade da cidade de Surabaya, na Indonésia, na redução e fatores que influenciam os resíduos domiciliares, demonstrou que a taxa média de geração de resíduos sólidos domiciliares foi de 0,33 kg / capita / dia. A composição dos resíduos sólidos domiciliares foi dominada pelos resíduos orgânicos (de restos de alimentos), (64,19%), seguido de plástico (10,79%), de papel (9,24%) e fraldas usadas (6,97%). As características socioeconômicas tiveram menos influência do que os fatores de apoio às atividades de triagem, reciclagem e compostagem.

Os resíduos sólidos, de acordo com Dhokhikah, Trihadiningrum e Sunaryo (2015), tornaram-se um problema grave nas grandes cidades com alta densidade populacional. Surabaya, uma das cidades metropolitanas densamente povoadas na Indonésia, enfrenta este

problema, que é causado principalmente pela falta de terra para servir como local de disposição final e a falta de recursos e instalações.

Mesmo diante da necessidade de se investigar os principais fatores que motivam, permitem ou impedem o comportamento adotado no descarte de resíduos orgânicos, pouca pesquisa até agora abordou diretamente este objetivo. Graham-Rowe, Jessop e Sparks (2014) destacam que os estudos se concentraram de forma explícita sobre os resíduos orgânicos no domicílio, principalmente na identificação de que tipo de alimento é mais provável de ser jogado fora (WRAP, 2009a; WRAP, 2009b; WRAP, 2010) e como as pessoas se sentem sobre o desperdício de alimentos (LYNDHURST; COX; DOWNING, 2007). Os autores apontam ainda a pesquisa de Doron (2013), em que foram identificadas preocupações ambientais como uma nova categoria de preocupação com o desperdício de alimentos, no entanto concluíram que a preocupação ambiental não é uma preocupação fundamental no presente (QUESTED et al., 2013).

Ainda, segundo Graham-Rowe, Jessop e Sparks (2014), algumas pesquisas têm procurado identificar os comportamentos específicos que resultam em desperdício de alimentos em domicílios, que contribuem potencialmente para o aumento dos resíduos orgânicos. Os autores destacam que comportamentos potenciais identificados em alguns estudos incluíram: comprar e/ou cozinhar demais, não planejar refeições com antecedência, deixando de compilar ou cumprir uma lista de compras, não proceder a um inventário de comida antes de fazer compras, compras por impulso, e comida que passou da data de validade. A pesquisa de Graham-Rowe, Jessop e Sparks (2014) também destacou relativamente a baixa sensibilização do público para o impacto negativo dos resíduos orgânicos no domicílio e a falta de consciência das próprias contribuições de resíduos orgânicos.

Contudo, o potencial do lixo brasileiro para a coleta seletiva é bem significativo, sendo que o reaproveitamento ou reutilização é uma das formas de diminuição dos resíduos em aterros e lixões, que devem estar associados a outros métodos de reciclagem, especialmente à compostagem dos resíduos orgânicos. A efetivação de políticas públicas e o cumprimento das legislações vigentes, acompanhado de maior preocupação das pessoas com o desperdício de alimentos, além de ações como a separação do resíduo orgânico do restante do lixo comum nos domicílios, são primordiais para a diminuição do impacto ambiental causado pelo descarte inadequado dos resíduos orgânicos.

2.8. O DESCARTE DE RESÍDUOS DE EQUIPAMENTOS ELETROELETRÔNICOS

A cada dia novos produtos eletroeletrônicos são lançados no mercado. Embora os principais indicadores de desempenho do setor no primeiro trimestre de 2016 se mostraram retraídos, com a queda do faturamento da indústria em 15% comparado com igual período de 2015, o faturamento da indústria elétrica e eletrônica em 2015 atingiu R\$142,5 bilhões (ABINEE, 2016). Mesmo com o decréscimo nos números do faturamento, milhares de aparelhos de telefonia móvel foram colocados no mercado (ABINEE, 2016). Neste contexto, surge a preocupação com o aumento do descarte dos novos produtos adquiridos, bem como daqueles que podem ter sido substituídos por novas tecnologias. O Brasil produz cerca de 2,6 kg por ano de resíduos eletrônicos por habitante (IPEA, 2012).

Neste contexto, Giaretta et al., (2010) destacam que o descarte por novas tecnologias ou armazenamento pós-consumo ocorre devido à obsolescência. Esse fenômeno bem ajustado e de marketing pode ser chamado de obsolescência programada, ou seja, há uma expectativa curta de duração de algum bem ou produto, projetando que o mesmo dure um determinado período e seja trocado, o que faz com que o consumidor fique insatisfeito e garanta um consumo constante.

Os resíduos de equipamentos eletroeletrônicos podem também serem denominados de lixo eletrônico, e-lixo (e-waste) e, ainda lixo tecnológico e vão além dos produtos de informática (IPEA, 2012), podendo ser classificados de acordo com o tipo de resíduo eletroeletrônico (REE) em: monitores, televisores, computadores, celulares, telefones, fax, impressoras, DVD, vídeo cassete, CD player, rádios, geladeiras, máquinas de lavar, secadoras, aspiradores, ares-condicionados, ferros de passar, cafeteiras etc. (MARTINS, 2011).

O Guia de Gerenciamento Sustentável de Produtos Eletroeletrônicos (GGSPE, 2014), para a aquisição e destinação final dos aparelhos eletroeletrônicos que serão utilizados nos Jogos Rio 2016, traz a definição de equipamentos eletroeletrônicos (EE) de acordo com Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), onde (EE) são os produtos cujo funcionamento depende do uso de corrente elétrica ou de campos eletromagnéticos e são geralmente divididos em quatro grandes categorias:

- Linha Branca: refrigeradores e congeladores, fogões, lavadoras de roupa e louça, secadoras, ares-condicionados, fornos de micro-ondas;
- Linha Marrom: monitores e televisores de tubo, plasma, LCD e LED, aparelhos de DVD e VHS, equipamentos de áudio, filmadoras;

- Linha Azul: batedeiras, liquidificadores, ferros elétricos, furadeiras, secadores de cabelo, espremedores de frutas, aspiradores de pó, cafeteiras;

- Linha Verde: computadores desktop e laptops, acessórios de informática, *tablets* e telefones celulares. Ao fim de sua vida útil, tais produtos passam a ser considerados resíduos de equipamentos eletroeletrônicos (REEE). Somente chegam a esse ponto, uma vez esgotada todas as possibilidades de reparo, atualização ou reuso.

Entre os resíduos sólidos, Araújo (2015) destaca que os REEE são os que apresentam grande índice de crescimento, o que representa o reflexo dos avanços tecnológicos, da alta taxa de descarte, do aumento de consumo (devido à redução dos preços) e da vida útil curta (IPEA, 2012).

A gestão dos REEE continua sendo uma preocupação significativa de saúde ambiental, em função do seu volume e periculosidade, por serem constituídos de um grande número de elementos e compostos químicos que necessitam de condições de tratamento e disposição final específico. O gerenciamento adequado ainda encontra obstáculos pelo desconhecimento da natureza dos resíduos, pela ausência de cultura de separação, pela contaminação dos resíduos comuns, que podem ocorrer no contato com os resíduos perigosos e, pelo aumento de novos materiais e substâncias (IPEA, 2012).

Os REEE são compostos por materiais diversos como: plásticos, vidros, componentes eletrônicos, mais de vinte tipos de metais pesados e outros. Esses materiais estão frequentemente dispostos em camadas e subcomponentes afixados por solda ou cola. Alguns equipamentos ainda recebem jatos de substâncias químicas específicas para finalidades diversas, como proteção contra corrosão ou retardamento de chamas. A concentração de cada material pode ser microscópica ou de grande escala. A extração de cada um deles exige um procedimento diferenciado. Assim, sua separação para processamento e eventual reciclagem, tem uma complexidade, um custo e um impacto muito maiores do que aqueles exemplos mais conhecidos de recolhimento e tratamento de resíduos, como é o caso das latas de alumínio, garrafas de vidro e outros (ABDI, 2013).

Em nenhuma hipótese, os REEE devem ser depositados diretamente na natureza ou junto a rejeitos orgânicos. Mesmo em aterros sanitários, o mero contato dos metais pesados com a água incorre em imediata contaminação do chorume, multiplicando o impacto decorrente de qualquer eventual vazamento. Penetrando no solo, esse material pode contaminar lençóis subterrâneos ou acumular-se em seres vivos, com consequências negativas para o ambiente como um todo. Todas as etapas da logística reversa devem levar em conta esses riscos e implementar formas de evitá-los (ABDI, 2013).

Para Echegaray e Hansstein (2016), o regulamento que aborda diretamente questões de lixo eletrônico no Brasil, promulgado em 2010, tem sido amplamente relacionado com a responsabilidade obrigatória compartilhada do produtor. No entanto, essas disposições legais permanecem desconhecidas para os consumidores e mal aplicadas entre os fabricantes e as autoridades locais. Além dessas limitações, os estudiosos apontam para a falta de instrumentos formais e contínuos de *feedback* para fornecer a todos os interessados as informações sobre seus respectivos papéis e possíveis sanções, além da implementação ineficaz de coleta seletiva, reciclagem e mecanismos de logística reversa, especialmente com relação a aparelhos eletroeletrônicos (DE OLIVEIRA; BERNARDES; GERBASE, 2012).

Em um mercado de produção e circulação global, a questão dos REEE torna-se também significativa em países em desenvolvimento, diante dos fatores como crescimento exponencial da telefonia móvel, elevado potencial consumidor e alta taxa de descartabilidade. Considerando-se que nesses países, na ausência de políticas públicas para o setor, a infraestrutura de coleta e encaminhamento para recuperação ou tratamento desses resíduos não acompanhou a velocidade de crescimento do consumo, os resíduos decorrentes do descarte de aparelhos celulares vêm se tornando um problema para a saúde humana e ambiental (GIARETTA et al., 2010).

O estudo de Giaretta et al. (2010) destaca que entre os REEE mais descartados atualmente encontram-se os aparelhos provenientes da área de tecnologia de informação, categoria em que se enquadram os aparelhos de telefonia móvel. Notadamente, os equipamentos de telecomunicações têm um ciclo de obsolescência mais curto. Em outras palavras, devido à introdução de novas tecnologias ou à indisponibilidade de peças de reposição, eles são substituídos e, portanto, descartados mais rapidamente (ABDI, 2013).

O comportamento declarado dos consumidores e sua consciência ecológica no descarte de celulares foi o tema do estudo de Rozzett e Assumpção (2013). O modelo teórico da pesquisa baseou-se na relação de predição da consciência ecológica do consumidor no comportamento declarado de descarte de celulares, com moderação das variáveis sociodemográficas, idade, sexo, estado civil e escolaridade. O estudo apontou como destinação principal a manutenção ou a venda, no entanto, os resultados indicaram que metade dos entrevistados mantém algum aparelho celular guardado em casa. Os resultados indicaram ainda que a maioria dos consumidores costumava doar, vender ou guardar os eletrônicos usados, mesmo que estivessem estragados, por não saberem o que fazer com eles. Os autores relacionam outros estudos no Brasil a respeito do descarte de produtos eletrônicos (ANDRADE; FONSECA; MATTOS, 2010; FERREIRA e FERREIRA, 2008; SILVEIRA;

CHANG, 2010), que comprovam a falta de conscientização, a dificuldade de acesso a coletores específicos, o desconhecimento de técnicas adequadas para se fazer o descarte e até mesmo o desconhecimento dos problemas ocasionados pelo descarte incorreto.

A consciência dos consumidores e a percepção de reutilização dos REEE, de acordo com Bovea et al. (2016), é outro aspecto analisado na literatura. Cruz-Sotelo et al. (2013) e Ylä-Mella et al. (2015) examinaram a potencial reutilização de telefones celulares no México, na Espanha e na Finlândia, respectivamente. As pesquisas apontam que os hábitos de conservação atuais dos consumidores fazem a potencial reutilização de REEE difícil. Uma conclusão similar foi obtida por Dindarian e Gibson (2011), que utilizaram entrevistas semiestruturadas para avaliar o comportamento do consumidor no descarte de fornos de microondas.

Em geral, Bovea et al. (2016) relatam que os estudos apontam que as barreiras para os consumidores comprarem produtos usados estão relacionados em considerá-los pouco atraentes, "*old-fashioned*" ou mesmo "contaminados" por proprietários anteriores (FISHER et al., 2008), e pouco confiáveis devido à falta de normas para a inspeção/garantia (WEI et al., 2015). No entanto, Bovea et al. (2016) ressaltam que além dos aspectos ambientais e econômicos, as atividades de reutilização também têm implicações sociais significativas. Para os autores, embora um mercado para equipamentos eletroeletrônicos reutilizados não seja plenamente viável do ponto de vista econômico, pode ser justificável em termos de seus benefícios para a sociedade, uma vez que as atividades de reutilização levam à criação de empregos, proporcionam uma melhor qualidade de vida para as comunidades locais, além de proporcionar qualificação da mão-de-obra (IJOMAH, DANIS, 2012; STREICHER-PORTE et al., 2009; WILLIAMS et al., 2008).

Buscando compreender como se comportam os consumidores porto-alegrenses frente ao descarte de bens de consumo duráveis, Silva, Rohde e Carvalho (2013) investigaram quais são as variáveis que motivam os consumidores a realizarem o descarte e de que forma compreendem a importância dessa ação. No que tange às percepções dos entrevistados, em termos gerais, os mesmos demonstraram preocupação com as questões ambientais provenientes do descarte e não têm dificuldades em se desfazer de seus bens. A maioria dos entrevistados costuma doá-los ou armazená-los porque podem ser úteis para outras pessoas.

Entretanto, o estudo de Giaretta et al. (2010) indica que as pessoas até possuem consciência de que o descarte inadequado compromete o meio ambiente, entretanto, a maioria dos pesquisados armazenam os produtos obsoletos em casa, deixando de dar uma destinação adequada por simples falta de informação.

Com a intenção de investigar a percepção da população de Belo Horizonte quanto ao descarte do lixo eletrônico, Siqueira e Marques (2012) utilizaram como instrumento de pesquisa um questionário fechado, com perguntas relacionadas ao lixo eletrônico. Quando questionados sobre os prejuízos ao meio ambiente e à saúde, oriundos do descarte inadequado dos REEE e a respeito do conhecimento de substâncias perigosas presentes nesses resíduos, 43,0% e 44,5%, foram capazes de citar pelo menos um aspecto negativo ou composto perigoso encontrado nos equipamentos eletroeletrônicos. No entanto, de acordo com os autores, a maioria dessas pessoas apresentou um nível de conhecimento superficial, considerado insuficiente para gerar mudanças de atitude quanto ao descarte correto do lixo eletrônico. Ainda, de acordo com a pesquisa, 34,0% dos entrevistados declararam utilizar o lixo comum como único destino para os aparelhos sem utilidade em suas residências.

O estudo de Siqueira e Marques (2012) apontou ainda que a doação sozinha é a atitude mais recorrente entre os entrevistados para o descarte de produtos eletroeletrônicos (36%), e tal prática pode ser vista como uma maneira de transferir a responsabilidade do descarte para outra pessoa, geralmente de menor poder aquisitivo. O hábito de não descartar por não saber como fazê-lo foi apontado na pesquisa por 15,0% dos indivíduos abordados, o que, segundo os autores, indica que existe a predisposição a dar o fim correto ao lixo eletrônico. Outro fator apontado para o descarte de REEE no estudo foi a falta de informações, que, de acordo com os autores, se constitui em barreira para tal, onde 73,5% dos entrevistados afirmaram não ter conhecimento sobre qualquer instituição na cidade que recolhe e/ou recebe o lixo eletrônico. Os demais 26,5% que possuem informações sobre locais de recebimento REEE citaram, principalmente, como pontos de recebimento, instituições como bancos, supermercados, drogarias, instituições de ensino superior, empresas privadas, ONGs, assistências técnicas e instituições públicas do município.

Toda nação para sustentar um crescimento continuado da economia precisa estar atenta à questão dos REEE, cujo volume tende a continuar aumentando ao longo dos anos. Especificamente quanto ao Brasil, que busca se posicionar como uma potência com interesse em questões sociais e ambientais, esse tema é ainda mais premente. Estamos orientados ao futuro, mas ainda temos um longo caminho a percorrer (ABDI, 2013).

Assim, o que se vê é que a consequência principal desse cenário de descarte inadequado dos resíduos eletroeletrônicos, principalmente no lixo doméstico e, muitas vezes, misturado aos rejeitos orgânicos, é a degeneração do meio ambiente, tendo em vista que o descarte, seja em lixões ou em aterros sanitários, necessita de cuidados especiais no tratamento desse tipo de resíduo, com a retirada de seus componentes, os quais possuem

substâncias tóxicas, capazes de contaminar ar, água e solo, colocando em risco seres humanos e o meio ambiente.

2.9. O DESCARTE DE RESÍDUOS TÊXTEIS

De acordo com a Associação Nacional de Indústria Têxtil (ABIT, 2013), o Brasil ocupa a quarta posição entre os maiores produtores mundiais de artigos de vestuário e a quinta posição entre os maiores produtores de manufaturas têxteis. O mercado têxtil e de confecção mundial é um dos mais dinâmicos, realizando lançamentos no mínimo a cada quatro vezes ao ano.

Em 2010, foram consumidas 80 milhões de toneladas de fibras, sendo 62% de fibras químicas e 38% de fibras naturais, como o algodão. A produção mundial de fios, tecidos, malhas e confeccionados foi de 76 milhões de toneladas. Atualmente, a Ásia é responsável por 73% do volume total produzido no mundo, com destaque, por ordem, para: China, Índia, Paquistão, Coreia do Sul, Taiwan, Indonésia, Malásia, Tailândia e Bangladesh.

Os dados do setor demonstram que o Brasil possui uma das últimas cadeias têxteis completas do ocidente. Em 2012, o setor têxtil e de confecção faturou US\$ 56,7 bilhões, o que representa cerca de 6% do valor total da produção da indústria de transformação. São 9,4 bilhões de peças, incluindo cama, mesa e banho, produzidos ao ano e mais de 1,9 milhão de tonelada de algodão em pluma produzida (ABIT, 2013).

Os sentidos do vestir sempre estiveram relacionados a um universo de complexos valores, como pudor, proteção e adorno e, neste último, construiu-se uma relação intrínseca com a identidade do indivíduo e a sua comunicação com os demais. Pode-se dizer que os sentidos do vestir estão relacionados a funções práticas, estéticas e simbólicas, em maior ou menor escala. O tema gera inúmeros desdobramentos e problemas, o que leva a necessidade de se repensar atitudes e valores, bem como as práticas de negócio da indústria da moda (BERLIM, 2012).

O descarte de um produto começa com a decisão do consumidor de parar de utilizar o mesmo para sua finalidade original, mesmo quando o produto ainda mantém a capacidade de utilização (JACOBY et al., 1977). Um produto que interessa cada vez mais a pesquisadores em estudos de descarte é a roupa (LAITALA, 2014). O baixo preço de peças de vestuário e sua diminuição de tempo de uso aumentam a frequência de compras dos consumidores

(BIRTWISTLE, MOORE, 2007), contudo, aumenta o impacto ambiental. Somente nos Estados Unidos, segundo Cruz-Cárdenas, González e Del Val Núñez (2015), os gastos anuais das famílias com vestuário, chegam a aproximadamente 350 bilhões de dólares.

Segundo Azevedo, Giuliano e Moura (2014), como panorama da realidade da indústria movida pela moda, a regra da atualidade é o “*ready to wear*”, ou seja, a obsolescência planejada, a ignorância e o desperdício (BROWN, 2010), onde a média de utilização é de apenas seis vezes, sendo posteriormente descartadas.

Diante do rápido descarte de peças em perfeitas condições de uso, Schulte e Rosa (2010) destacaram que há uma desvalorização acentuada das roupas, apontando que a causa desse comportamento seria a imposição da moda. Desse modo, os autores apontaram para a necessidade de serem inseridas no vestuário de moda novas propostas, visando à redução do consumo e um ciclo de vida mais longo para os produtos. Essas propostas devem ser bem fundamentadas para que possam contribuir de maneira significativa para uma nova reorientação e reformulação do sistema de moda vigente.

Nesta concepção, Azevedo, Giuliano e Moura (2014) destacaram a velocidade presente no lançamento de novos produtos. Segundo os autores, essa temática é abordada por Lipovetsky (2009), quando declara que a moda se manifesta em toda a sua autenticidade e na tendência acelerada das mudanças de produto. Para ele, a lógica econômica vigente afastou o ideal de permanência, imperando agora a regra do efêmero na produção e no consumo dos objetos.

Para Goworek et al. (2012), roupas baratas e consideradas de má qualidade são consideradas descartáveis e são jogadas no lixo, e roupas que poderiam ser reparadas são eliminadas com frequência devido ao custo do reparo ou à inabilidade das pessoas para repará-las.

As possíveis motivações que podem levar o consumidor a descartar suas roupas têm sido abordadas e discutidas por diversos autores. Cruz-Cárdenas (2013) aponta que as razões estão fragmentadas e dispersas em uma variedade de estudos, como a insatisfação a partir de presentes inadequados, mudanças na vida dos consumidores, tanto alterações físicas no corpo como mudanças nas fases da vida e da imagem do consumidor. O autor ainda relaciona a troca do vestuário ao afastamento de momentos ou fases de lembranças tristes, a renda do consumidor ou a seus gostos e preferências. O espaço físico disponível do ambiente do consumidor também foi apontado pelo autor como outro fator de descarte, além da variedade de produtos e marcas disponíveis no mercado. Mudanças no ambiente cultural, novas tecnologias, a obsolescência do produto também foram apontadas como motivação para

antecipar o descarte. Finalmente, uma outra causa para a eliminação está relacionada com a transitoriedade de uso do produto, onde sua compra está relacionada a apenas ocasiões de uso específico, após o que se torna desnecessário.

Neste contexto, Calíope, Conceição e Leocádio (2014) destacaram alguns estudos em que a falta de conhecimento/consciência sobre o descarte também foram discutidos: Birtwistle e Moore (2007) apontaram que as pessoas não sabem como e onde fazer o descarte de roupas, nem como reciclá-las, devido à falta de conhecimento sobre como e onde descartar suas roupas, além do fato de a mídia não abordar muito esse assunto. No entanto, os autores apontam para a possibilidade de mudança do comportamento das pessoas em relação ao consumo e descarte de roupas se estivessem mais cientes das consequências ambientais e sociais.

O estudo de Calíope, Conceição e Leocádio (2014) apontou alguns autores que procuraram demonstrar qual a motivação das pessoas ao optar por cada um dos meios de descarte: vender, doar, customizar e jogar no lixo. Como resultado do estudo proposto, considerando a análise da motivação para o descarte de roupas, a pesquisa apontou que a principal forma de descarte utilizada pelos respondentes da pesquisa foi a doação (quase o total da amostra), sendo considerada por Lee et al. (2013) como um indicador do desejo de descartar roupas de forma socialmente responsável. Entre as motivações hedônicas, destaca-se que as pessoas que vendem ou doam roupas fazem isso porque se sentem bem e ao mesmo tempo ajudam outras pessoas, conforme demonstrado em pesquisas anteriores (BIANCHI; BIRTWISTLE, 2007; HA-BROOKSHIRE, HODGES, 2009; LEE et al., 2013). Nas motivações utilitárias, destacou-se a reutilização de roupas para economizar dinheiro, o que também foi encontrado por Joung e Park-Poaps (2013). Quanto às motivações socioambientais, verificou-se que a maioria das pessoas descarta suas roupas (venda, doação, customização) levando em consideração questões sociais e ambientais. No tocante aos atributos do produto, as pessoas descartam roupas que estão em boas condições por meio da venda e doação e aquelas que estão desgastadas são jogadas no lixo, apoiando os estudos de Lee et al. (2013). Os atributos situacionais foram os que menos se destacaram, tendo como principal motivo a doação devido ao hábito e a influência da família.

Para Azevedo, Giuliano e Moura (2014), o impacto causado pela aceleração dos sistemas da moda, gerando e alimentando o aumento ao consumo, é um dos principais desafios para se caminhar rumo à sustentabilidade, assim como a cultura do descarte, que a sociedade internaliza e entende como simples mecanismo do sistema, sendo gerador de grande preocupação e debate.

A importância da consciência e do conhecimento a respeito das consequências dos problemas ambientais e sociais provocados pelo descarte inadequado de roupas torna-se essencial a cada dia, o que pode levar a ações que visem à mudança de comportamento. No entanto, é necessária uma readequação de toda cadeia do produto de vestuário, desde a sua fabricação até as regras dos padrões atuais de consumo, consumindo menos e melhor, para atenuar os impactos provocados pelo descarte.

2.10. O QUADRO DO DESCARTE DE RESÍDUOS NA CIDADE DE RIO VERDE

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, em seu artigo 7º, inciso II, estabelece normas sobre a redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos. Em Goiás, a Lei Estadual 14.248/2002 dispõe sobre a política estadual de resíduos sólidos. O inciso XIV do artigo 5º institui a coleta seletiva diferenciada de materiais descartados, os quais devem ser encaminhados para a reciclagem, reuso, tratamento e outras destinações.

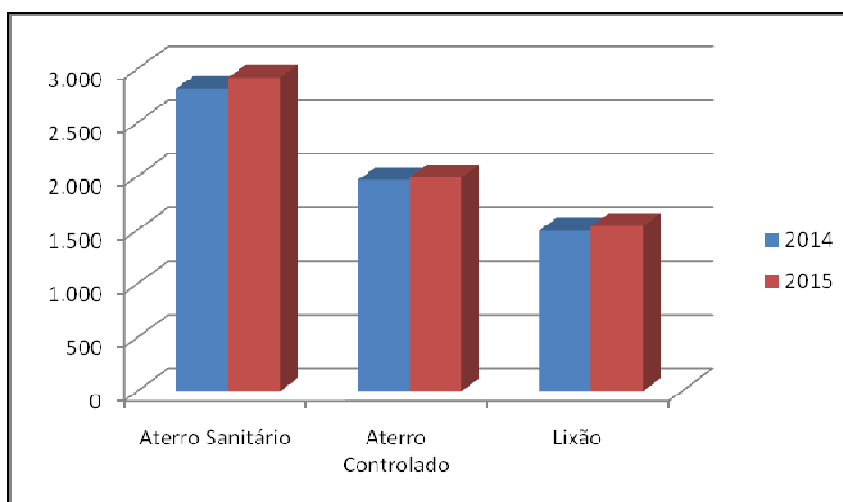
Não diferentemente do restante do país, a situação do estado de Goiás não é muito animadora quando se trata da disposição de resíduos sólidos urbanos. Dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (IBGE, 2008) demonstram que dos 246 municípios Goianos apenas 14 possuem aterro sanitário. Tema de discussões, a situação da reciclagem em Goiás foi discutida em audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado ao final de 2015. De acordo com o gerente de Políticas de Resíduos Sólidos e Drenagem, da Secretaria de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Infraestrutura, Cidades e Assuntos Metropolitanos (SECIMA), Paulo Sérgio de Oliveira Resende, 96% dos municípios não possuem aterro sanitário, sendo que o Estado não conseguiu cumprir a meta estipulada pela PNRS de que pelo menos 5,5% dos resíduos sólidos urbanos sejam coletados de forma separada. Ainda, segundo o dados informados pelo gerente, 30% dos municípios alegam fazer a coleta seletiva, no entanto, menos de 3% dos resíduos são encaminhados para a reciclagem.

Dados da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE, 2015) apontam que Goiás possui uma população de 6.610.681 habitantes, com um crescimento estimado de 1,33% referente ao ano anterior. Já a geração dos resíduos sólidos urbanos (RSU), de acordo com os dados da mesma pesquisa, aponta para o crescimento de 2,16% no mesmo período, sendo gerados diariamente em Goiás 6.790 t/dia.

Observa-se que o crescimento de resíduos sólidos urbanos quase que dobrou em um mesmo período de tempo.

Dados da pesquisa apontam, ainda, que do total de resíduos produzidos, 6.447 t/dia de RSU são coletados, dos quais apenas 45,3% têm como destino o aterro sanitário, 30,9% são destinados a aterros controlados e 23,8% possuem como destino final, o lixão. O gráfico abaixo aponta o comparativo da disposição final dos resíduos sólidos em Goiás, comparado ao ano de 2014 (Figura 8).

Figura 8: Comparativo da disposição final de RSU em Goiás (T/Dia) - 2014 e 2015



Fonte: Adaptado de ABRELPE, 2015. P. 49

De maneira geral, os resultados da pesquisa indicam avanços na disposição final de resíduos sólidos em Goiás, no entanto, esse avanço não é suficiente para conter o encaminhamento dos RSU para locais inadequados.

O diagnóstico dos RSU nos municípios goianos, apontado por Ferreira e Silva (2011), indica que mesmo diante de todo respaldo legal, a ausência de cultura e a falta de investimentos financeiros fazem com que o poder público não promova um modelo adequado para a disposição final dos resíduos.

Entre os municípios goianos, Rio Verde se destaca. Com mais de 210 mil habitantes e o maior produtor de grãos de Goiás (IBGE, 2016), localizada no sudoeste do estado, a cidade é considerada a capital do agronegócio brasileiro.

Mesmo com grande potencial econômico, a cidade não possui coleta seletiva. Em pesquisa no Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento - SNIS, administrado pelo Governo Federal no âmbito da Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental (SNSA), do Ministério das cidades, quanto ao percentual da população urbana atendida pelo serviço de

coleta seletiva, a pesquisa retorna a informação "sem dados", o que demonstra que o município não possui o serviço de coleta na cidade. Dados do mesmo sistema apontam que 92,70% da população é atendida com os serviços de coleta regular de resíduos domiciliares, fornecidos pelos prestadores de serviços ou órgão municipais encarregados da gestão dos mesmos, o que representa 182.658 habitantes do município.

A cidade possui um aterro sanitário, localizado as margens da BR 452, onde é depositado tudo que é recolhido pelo serviço de coleta regular. De acordo com informações presentes no site do Ministério Público do Estado de Goiás, o mesmo não se encontra licenciado ambientalmente.

Para o acondicionamento dos resíduos sólidos na cidade, são utilizadas lixeiras, coletores e caçambas, onde as pessoas depositam o lixo produzido nas residências, de acordo com os dias e horários em que é feito o serviço de coleta. Desse modo, as lixeiras nas residências das pessoas representam o único ponto de descarte até a coleta, mantido pelo poder público.

A coleta seletiva, de acordo com Richter (2014), é apontada como uma das formas para a solução e a diminuição dos problemas causados pelo descarte inadequado de resíduos sólidos, possibilitando um melhor reaproveitamento de materiais descartados no lixo comum, a exemplo de papel, vidro, metal, plástico e matéria orgânica. Ainda, segundo o autor, a coleta seletiva é capaz de induzir a população à criação de novos hábitos como forma de contribuir para uma sociedade mais consciente, civilizada, comprometida e limpa.

No entanto, conforme apontado por Philippi Jr (2010), grande parte dos municípios brasileiros apresentam dificuldades em assumir efetivamente a responsabilidade pela gestão dos serviços de saneamento. De acordo com o autor, esse cenário indica carência de recursos especializados na área de saneamento e meio ambiente, o que, na maioria dos casos, é incentivado pela falta de planejamento e descontinuidade administrativa de ações, essenciais para o saneamento ambiental e para uma gestão efetiva quanto à destinação final dos resíduos sólidos urbanos.

Neste contexto, o que se identifica na cidade de Rio Verde é a realidade de grande parte dos municípios brasileiros, com práticas inadequadas de disposição final de resíduos sólidos domésticos e falta de ações efetivas da gestão municipal no gerenciamento de resíduos sólidos urbanos.

Desse modo, a influência do poder público com a implantação de projetos que visem a um gerenciamento adequado de resíduos sólidos urbanos é imprescindível para a mudança de hábitos, que levam à mudança da cultura de uma população e influenciam diretamente na

diminuição do impacto ambiental causado pelo descarte inadequado de resíduos no meio ambiente.

Quadro 5: Quadro-resumo dos principais estudos sobre descarte de resíduos sólidos domésticos

Estudo	Tema	Contribuições
ABRELPE (2014)	Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil em 2014	Pouco avanço da aplicação da Lei que instituiu a PNRS e da gestão de resíduos sólidos no país. Crescimento da geração de resíduos superior ao crescimento da população. Aumento da destinação inadequada de resíduos sólidos.
ABRELPE (2015)	Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil em 2015	Continuidade do aumento da geração e da destinação inadequada de resíduos. Aumento pouco significativo dos índices de disposição final adequados.
Lei 12.305/2010	A Política Nacional de Resíduos Sólidos	Destinação final ambientalmente adequada, gestão compartilhada, não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento e disposição final.
Tonani (2011) Silva e Cândido (2012) Jesus et al. (2014) Pereira Neto (2007) Naime e Santos (2009) Neves e Mendonça (2016)	Diferenças entre lixo e resíduo	Lixo ou rejeito é aplicado aos materiais não aproveitáveis, desprovidos de valor, inúteis, indesejáveis, ultrapassados, misturados e acumulados; Resíduos podem ser reaproveitados, reutilizados ou reciclados, passível de tratamento. Envolvem as crenças e hábitos do cotidiano econômico e social.
Gardner, Assadourian e Sarin (2004) Ribeiro (2014) Barbosa e Campbell (2006)	Consumismo	Decisões falhas dos consumidores que podem ser movidas pela propaganda, regras culturais, influências sociais, impulsos fisiológicos e associações psicológicas; Indicação de <i>status</i> ; Mudança de paradigma, consumir menos e melhor; Diferenças de acordo com a área de atuação, representando a satisfação das necessidades individuais (marketing e economistas) e uso de recursos naturais que infringem os limites ecológicos (ambientalistas).
Afonso et al. (2014) Peixoto de Pereira (2013) Stern (2000) Peixoto (2012) Peixoto e Pereira (2013) Vaccari, Cohen e Rocha (2016) Nascimento et al. (2014)	Comportamento ambientalmente responsável	Conjunto de ações responsáveis, efetivas e individuais e que resultam na proteção do meio ambiente; Pode ser originado de valores, crenças e ideologias; Teoria Valor-Crença-Norma - domínio pessoal, comportamental e contextual; Valores, crenças e normas influenciam o comportamento pró-ambiental do consumidor; Inconsistência entre consciência ambiental e ações sustentáveis; Contradição entre a forma de pensar e agir.

Suarez et al. (2011)	reflexões oriundas de diversos autores da área de marketing e comportamento do consumidor que pesquisaram o descarte.	Complexidade do descarte. Informações dispersas dos distintos fatores relacionados ao produto em si (estímulos do objeto), ao indivíduo (influências internas), ao contexto (influências externas) ou à situação.
Bickman (1972) Gonçalves-Dias (2015) Solomon (2011) Miafodzyeva, Brandt e Olsson (2010) Lima (2008) Sousa (2011)	Comportamento do consumidor no descarte	A base dos problemas ambientais está relacionada ao comportamento humano; O comportamento do indivíduo pode ser facilitado por mecanismos reguladores e incentivos econômicos; Envolvem os processos no momento da seleção, compra, uso e descarte de produtos e dependem de estímulos pessoais, ambientais, comportamentais e de marketing; Entre os fatores de motivação para a não adoção da separação de resíduos estão a falta de tempo para separar, coletar e transportar o lixo, a falta de espaço adequado para armazenar e odor desagradável; Quanto maior o número de pessoas em determinado local, menor será a probabilidade de ocorrer o descarte adequado; Sexo e idade e a condição do indivíduo, se em grupo ou não, podem influenciar o descarte;
Pimenta et al. (2013) Ziliotto e Reis (2014) "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" (2012) Cussioli, Rocha e Lange (2006)	A prática do descarte de resíduos (secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis	O fato de não haver sistema de coleta seletiva do lixo reciclável pode influenciar em sua não separação; A educação e a conscientização ambiental é um processo que intervém no caráter do indivíduo. As pessoas conhecem a coleta seletiva e possuem um nível de consciência ambiental regular, no entanto, o que os indivíduos conhecem na teoria não é levado para a prática. As pessoas apresentam comportamentos variados quanto à prática do descarte, que ocorre principalmente via lixo das residências. Os resíduos sólidos domiciliares possuem grande potencial de contaminação biológica. Tendência das pessoas, independentemente de formação, nível cultural

Costa e Teixeira (2013)		e posição na sociedade, de não perceberem esses riscos.
Avelino (2014)		O hábito das pessoas em descartar produtos como pilhas, baterias, lâmpadas no lixo domiciliar.
Nascimento et al. (2014)		A grande maioria da população sabe diferenciar o lixo seco do orgânico.
Schio (2016)		O compromisso dos consumidores com os resíduos por eles gerados desaparecem no momento em que deixam suas residências, havendo uma transferência de responsabilidade pelas consequências do descarte.
Matos (2013)		A grande maioria das famílias tem o hábito de reutilizar as sacolas de compras de mercados para acondicionar o lixo.
El-Deir (2014)		O uso das sacolas de mercado para o descarte é um comportamento sedimentado entre as pessoas.
Benítez (2016)		Quanto maior é o desenvolvimento econômico e tecnológico de um país, menor é a fração de material orgânico, prevalecendo materiais descartáveis.
Pistorello, Conto e Zaro (2015)		O desperdício de alimentos está relacionado com o descarte de alimentos que ainda possuem valor e se associa ao comportamento de venda e consumo de alimentos.
Cotta et al. (2015)		O desperdício de alimentos está relacionado à quantidade de preparo maior que a quantidade consumida.
Quested et al. (2013)		A compostagem é um dos principais meios de retirada de grande parcela de resíduos orgânicos dos aterros sanitários.
Giaretta et al. (2010)		A preocupação ambiental com o desperdício de alimentos não é fundamental no presente entre as pessoas.
Rozzett e Assumpção (2013)		O descarte por novas tecnologias ou armazenamento pós-consumo ocorre devido à obsolescência, sendo que os aparelhos da área da tecnologia da informação, como celulares, são os mais descartados.
Silva, Roohde e Carvalho (2014)		A maioria dos consumidores costuma doar, vender ou guardar os eletrônicos usados, mesmo estragados, por não saber o que fazer com eles.
		A maioria dos consumidores doa ou armazena os eletroeletrônicos porque podem ser úteis para outras pessoas.

Siqueira e Marques (2012)		A doação é a atitude mais recorrente no descarte de eletroeletrônicos, podendo ser vista como a transferência de responsabilidade do descarte para pessoas de menor poder aquisitivo.
Cruz-Cárdenas (2013)		A motivação para o descarte de roupas está relacionada à insatisfação a partir de presentes inadequados, mudanças na vida dos consumidores, alterações físicas do corpo, imagem do consumidor, espaço disponível, variedades de produtos e marcas.
Caliope, Conceição e Leocádio (2014)		A principal forma do descarte de roupas é a doação.
Lee et al. (2013)		A doação de roupas é um indicador do desejo de descartar de uma forma socialmente responsável.

3. METODOLOGIA

Para a realização de uma pesquisa científica é necessário que ela seja dividida em várias etapas, desde o questionamento inicial até a análise e formulação de conclusões sobre os dados levantados no estudo. Entre estas está a escolha do tipo de estudo a ser realizado. A escolha, nessa etapa, é uma ferramenta destinada a uma finalidade específica, em consonância com os objetivos traçados para o estudo (ARAGÃO, 2013).

Autores como Malhotra (2012) defendem que a pesquisa qualitativa assegura uma visão e compreensão melhor do contexto do problema, se caracterizando pela metodologia de pesquisa não estruturada e exploratória, baseada em pequenas amostras que proporcionam percepções e compreensão do contexto do problema. Já a pesquisa quantitativa se caracteriza por quantificar os dados e, geralmente, é aplicada alguma forma de análise estatística.

Nesse sentido, a escolha entre diferentes métodos de pesquisa depende do objetivo da mesma, do que se está tentando explicar (ROMAN; MARCHI; ERDMANN, 2013). Ademais, Silverman (2006) exemplifica que caso o pesquisador esteja preocupado em explorar a história de vida das pessoas ou seu comportamento no cotidiano, então, o método qualitativo pode ser mais apropriado.

Corroborando esse entendimento, o método utilizado nesta pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória, do tipo estudo de caso, tendo em vista que a intenção é a compreensão do contexto do problema apresentado, bem como dos fatores motivadores da decisão do descarte de diferentes categorias de resíduos sólidos domésticos. A pesquisa foi realizada no Campus Rio Verde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (CRV IF Goiano), por considerar que o mesmo seja o mais adequado para a realização desta pesquisa, tendo em vista que esta pesquisadora trabalha no local.

Quanto à classificação, autores como Malhotra (2012) destacam de modo amplo a classificação da pesquisa como exploratória ou conclusiva, sendo que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal oferecer discernimento e compreensão acerca de uma situação problema enfrentada pelo pesquisador, com processo de pesquisa flexível e não estruturado, com amostra pequena e não representativa. Quanto à pesquisa conclusiva, o objetivo principal é testar hipóteses específicas e examinar relações, claramente definidas, com processo de pesquisa formal e estruturadas, com amostras grandes e representativas.

Complementando o entendimento, Gil (2014) destaca que as pesquisas exploratórias apresentam como finalidade precípua o aprimoramento de ideias e descoberta de intuições,

para a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para posteriores estudos, além de apresentarem um planejamento mais flexível.

Os estudos referentes ao descarte de resíduos abordam, em grande parte, o descarte de um tipo específico de resíduo e não estudos de comparação da motivação da decisão de descarte de diferentes tipos de resíduos. Para tanto, será necessária, inicialmente, a exploração do tema para o aprimoramento de ideias e busca de novas perspectivas para o estudo.

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória quanto aos objetivos, tendo em vista que o estudo aqui descrito visa buscar a compreensão dos fatores que influenciam o comportamento dos indivíduos no descarte de diferentes tipos de resíduos.

O estudo de caso, segundo Yin (2005), é um método de investigação empírica, que abrange planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos, além de descrever uma situação no seu contexto real.

Desta forma, a presente pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada por meio de estudo de caso para identificar os fatores que se encontram associados à decisão das pessoas em descartar os diferentes tipos de resíduos, validados por meio de entrevistas em profundidade semiestruturadas e de um questionário estruturado com servidores e alunos do Campus Rio Verde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Optou-se pela utilização da entrevista em profundidade, por considerar que esse seja o método que proporcione melhores entendimentos referentes ao problema, diante do leque de informações que podem ser obtidas. O uso de entrevistas "em profundidade" na pesquisa qualitativa, segundo Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012), deve ser apreciado e valorizado, diante da riqueza de informações que podem ser obtidas e da possibilidade de ampliação do entendimento dos objetos investigados, por meio da interação entre entrevistados e entrevistador.

Nessa concepção, Malhotra (2012) destaca que a principal utilidade da aplicação das entrevistas "em profundidade" é proporcionar à pesquisa exploratória mais entendimentos referentes ao problema, sendo que podem ser utilizadas com eficácia em casos de problemas especiais como a compreensão de comportamentos. Mattos (2010) enfatiza que a entrevista "em profundidade" tem sido cada vez mais utilizada na pesquisa em Administração.

Para Bardin (2011), como método, a análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Neste entendimento, Silva e Fossá (2015) complementam que a análise de conteúdo, objetiva analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador, buscando auxiliar na compreensão do que está por trás de discursos de determinado tema ou categoria. O autor destaca que a análise de conteúdo tem sido amplamente disseminada e empregada para a análise de dados provenientes de estudos qualitativos.

O *locus* desta pesquisa é o Campus Rio Verde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, autarquia federal, que articula a educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, onde a amostra para a coleta de dados é composta por servidores e discentes e onde a autora desenvolve seu trabalho cotidiano.

Para a complementação da análise dos dados qualitativos, quanto à motivação para a adoção de comportamento de descarte, foi utilizado o *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). A escolha por esse *software* se deu em função de sua gratuidade e pela possibilidade de identificar a frequência de determinada associação de palavras em um texto.

3.1. SELEÇÃO DA AMOSTRA E COLETA DE DADOS

Os resultados deste estudo não têm a pretensão de serem representativos do universo, considerando que a pesquisa será qualitativa exploratória, e sua intenção é analisar as diferenças entre as diversas categorias de resíduos sólidos domésticos, de acordo com as características dos entrevistados. Por conta disso e objetivando atender aos objetivos específicos do presente estudo, foi selecionada uma amostragem não probabilística, utilizando-se como técnica para a coleta de dados 30 (trinta) entrevistas semiestruturadas em profundidade, com roteiro preestabelecido pela pesquisadora.

De acordo com Minayo (2008), as entrevistas se caracterizam devido à sua forma de organização, podendo possuir perguntas fechadas, geralmente de organização ou classificação, entretanto, dando ao entrevistado a possibilidade de falar livremente sobre o tema proposto. Ainda, o entrevistador pode fazer perguntas para alcançar a maior profundidade das respostas.

As 30 (trinta) entrevistas foram divididas igualmente entre servidores e alunos dos três segmentos de ensino ofertados pelo Campus Rio Verde do IF GOIANO: ensino

técnico, superior e pós-graduação. Tais cursos foram escolhidos em função de atenderem à verticalização do ensino, desde o ensino médio até a pós-graduação.

Para a coleta de dados, foi solicitada, inicialmente, ao Diretor Geral da unidade, a autorização para a entrevista com os servidores e alunos, utilizando o Termo de Livre Consentimento para a utilização do público alvo da pesquisa, bem como do ambiente do Campus Rio Verde do IF Goiano para a sua realização. Ressalta-se que o objetivo do estudo não é o descarte efetuado no Campus Rio Verde do IF GOIANO, e sim na rotina da residência do público, composto por alunos e servidores.

Quanto aos servidores, a coleta de dados ocorreu no período compreendido entre 17 de novembro e 02 de dezembro de 2016, efetuada por meio da abordagem dos servidores de diferentes departamentos, compreendendo professores e técnico-administrativos, efetuados pessoalmente pela pesquisadora. Aqueles que aceitaram responder ao questionário tiveram o agendamento da entrevista efetuado no horário que melhor lhe conviesse, ocorrido dentro da instituição, na sala da Diretoria de Administração e Planejamento, localizado no Prédio Administrativo.

Quanto aos alunos, devido à baixa receptividade em responder à pesquisa, foi necessária a interferência da Diretoria de Ensino e da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, sendo destinado a esta pesquisadora um período para a apresentação do objetivo do presente estudo, nos cursos técnico em agropecuária e superior em agronomia, devido à disponibilidade indicada pelos professores desses cursos.

Após a apresentação, foi solicitada por esta pesquisadora a participação voluntária dos alunos para responderem ao questionário e à entrevista, o que foi prontamente atendido. Devido à grande adesão, foi limitada a participação de 5 alunos de cada curso.

As entrevistas foram realizadas no pavilhão pedagógico, na sala 4. Para que não houvesse prejuízos das atividades dos discentes, os mesmos foram entrevistados de acordo com a liberação dos professores, individualmente.

Quanto aos alunos da pós-graduação, eles sua indicação se deu pela Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação e Diretoria de Extensão, sendo fornecido o contato telefônico de alguns alunos do mestrado e do doutorado em Ciências Agrárias. Com a relação de alunos fornecida a esta pesquisadora, foi efetuado contato telefônico. Após terem voluntariamente aceitado participar da pesquisa, o agendamento da entrevista foi efetuado de acordo com o horário e o local que melhor conviesse ao entrevistado.

Antecedendo a entrevista, foi apresentada a cada entrevistado a identificação da pesquisadora e dos objetivos do estudo, bem como o roteiro da entrevista, sendo informados

que as opiniões registradas seriam utilizadas sem a identificação nominal do entrevistado, e solicitada a autorização para a gravação da entrevista. Ainda, para garantir a fidedignidade da opinião exposta, a pesquisadora se prontificou a encaminhar a entrevista transcrita a cada entrevistado, caso o mesmo se interessasse em recebê-la. Após a ciência dos entrevistados, foi fornecido o questionário referente ao Bloco I, o qual tratou da identificação do entrevistado, com os dados referentes ao sexo, idade, o vínculo do entrevistado com o Campus Rio Verde do IF Goiano, se aluno ou servidor, nível de escolaridade em caso de servidor e identificação do curso em que se encontrava matriculado.

Em seguida, individualmente, teve início a gravação da entrevista semiestruturada, de acordo com o roteiro previamente apresentado, o qual foi dividido em blocos: o conhecimento sobre o tema “resíduos sólidos domiciliares”; e o bloco referente às diferentes categorias de resíduos sólidos domésticos: secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis.

Caso o entrevistado apresentasse alguma dificuldade no conhecimento sobre o tema “resíduos sólidos domiciliares”, especificamente sobre a diferença entre lixo e resíduo, antes de iniciar as perguntas do bloco seguinte, foi efetuada uma explanação sobre essa diferença, bem como sobre os tipos de resíduos sólidos domiciliares tratados na pesquisa.

Portanto, considera-se que a principal fonte de dados dessa pesquisa é constituída pelo questionário preenchido pelos entrevistados e pelas entrevistas semiestruturadas.

3.2. PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Para que seja possibilitada uma análise adequada, Flick (2009) destaca que todas as formas de documentação possuem relevância em um processo de pesquisa, podendo o material ser documentado por meio de fotos, filmes, áudios, entre outros. Neste entendimento, se pressupõe que entre as formas de documentação do material coletado encontra-se a transcrição. Ainda, segundo o autor, a análise de conteúdo pode ser considerada como um procedimento clássico para a análise de um material textual, independentemente de sua origem.

Neste entendimento, Bardin (2011) destaca que a análise de conteúdo em entrevista é muito complexa, podendo em alguns casos, não ser tratada, inclusive, por alguns programas de computadores. Segundo a autora, os critérios de organização de uma análise são divididos

em etapas, classificando-as em: pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados.

Segundo Bardin (2011), na fase de pré-análise, o material deve ser organizado para compor o *corpus* da pesquisa, de modo a elaborar os indicadores que irão nortear a interpretação final. Para tanto, de acordo com o autor, devem ser observadas algumas regras, tais como: a) exaustividade: sugere-se esgotar todo o assunto sem omissão de nenhuma parte; b) representatividade: preocupa-se com as amostras que representam o universo; c) homogeneidade: nesse caso, os dados devem se referir ao mesmo tema, com as mesmas técnicas e amostras semelhantes; d) pertinência: é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa; e) exclusividade: um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Quanto à fase da exploração do material, Bardin (2011) destaca que a análise do material seja codificada até que sua codificação atinja a representação do conteúdo de modo a chegar à categorização dos mesmos. De acordo com a autora, a categorização é uma operação de classificação dos elementos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento, de acordo com os critérios previamente estabelecidos, que podem ser semânticos (temas), sintáticos (verbos, adjetivos e pronomes), lexicais (sentido e significado das palavras) e expressivos (variações da linguagem e na escrita).

Por fim, de acordo com a autora, a etapa de tratamento dos resultados, com a adoção da inferência e da interpretação, é necessária para que o pesquisador retorne ao referencial teórico para o embasamento das análises, dando sentido à interpretação.

Em atendimento à premissa proposta por Bardin (2011), na fase de pré-análise, o material coletado foi inicialmente preparado, utilizando-se da transcrição do áudio das entrevistas gravadas, convertendo-as em material textual. As entrevistas e as transcrições foram realizadas pela própria pesquisadora, as quais foram devidamente ajustadas e conferidas, o que facilitou a organização do material, com o devido registro das perguntas feitas, separadas por blocos, com as respostas e informações coletadas nas entrevistas.

Após a organização preliminar do material, na fase de exploração, o mesmo foi separado por categorias, tendo em vista que as mesmas já haviam sido definidas preliminarmente com base no referencial teórico efetuado, sendo elencados como categorias, quatro diferentes grupos de resíduos sólidos domésticos, sendo eles: 1) resíduos secos; 2) resíduos orgânicos; 3) resíduos eletroeletrônicos; e 4) resíduos têxteis.

Considerando que as categorias já haviam sido predefinidas, foram atribuídas subcategorias. As subcategorias compostas foram elencadas em observância às perguntas

contidas no roteiro de entrevistas, objetivando o atendimento aos objetivos específicos do estudo proposto.

Desse modo, foram definidas as seguintes subcategorias:

A) conhecimento - análise da percepção dos entrevistados em relação à diferença entre lixo e resíduo, ao local para onde o lixo produzido é encaminhado, aos programas de coleta seletiva ou pontos de entrega voluntária existentes na cidade e da destinação correta para o lixo produzido;

B) preocupação e importância - análise da percepção dos entrevistados quanto à preocupação em descartar corretamente os resíduos sólidos domésticos, ao impacto ambiental de uma categoria de resíduos sólidos domésticos em detrimento de outro, grau de importância para o descarte correto de resíduos sólidos domiciliares e adoção de ação pró-ativa para evitar o descarte;

C) comportamento de descarte - análise do comportamento adotado pelas pessoas no modo de descartar as diferentes categorias de resíduos sólidos domésticos, com a adoção de algum critério de separação do lixo comum e armazenamento adotado;

D) motivação - análise da percepção dos entrevistados em relação à motivação para a adoção do comportamento de descarte das categorias de resíduos sólidos domésticos.

Em um segundo momento, na fase de tratamento de resultados, foi realizada a apresentação dos resultados e das principais interpretações obtidas na análise dos dados.

Para a análise do perfil da amostra, utilizou-se a porcentagem para que fosse viabilizada a descrição da amostra em texto e tabelas.

Ainda, para a análise dos dados, quanto à motivação para a adoção do comportamento de descarte das diferentes categorias de resíduos sólidos domésticos foi utilizada a análise de conteúdo léxica categorial com o auxílio do *software* Iramuteq.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Uma maneira de entender o que significa pesquisa qualitativa, segundo Glazier e Powell (1992), é entender o que ela não é. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa não é um conjunto de procedimentos que dependem de análise estatística para suas inferências ou de métodos quantitativos para a coleta de dados.

Assim, neste capítulo, são apresentados os dados coletados, bem como a análise da pesquisa qualitativa encontrada nas entrevistas, que nortearam a interpretação da presente pesquisa de acordo com o objetivo proposto no presente estudo.

Visando uma melhor apresentação dos resultados apontados, inicialmente, é apresentado o perfil da amostra. Após, os resultados estão divididos de acordo com as subcategorias que orientaram este estudo: conhecimento, preocupação e importância, comportamento de descarte e motivação para o comportamento de descarte. Para este último, a análise foi complementada com a utilização do *software* Iramuteq.

4.1. PERFIL DA AMOSTRA

Inicialmente, apresentamos o perfil pessoal dos 30 entrevistados, com as informações referentes ao gênero, faixa etária e vínculo com o Campus Rio Verde do IF Goiano, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil pessoal da amostra.

Faixa etária	N	%
17 a 25	10	33,33
26 a 35	7	23,33
36 a 45	10	33,33
46 a 55	1	6,67
Acima de 55	1	3,33
Gênero		
Masculino	15	50
Feminino	15	50
Total	30	100
Vínculo com IF Goiano		
Discente	15	50
Servidor	15	50
Total	30	100

Fonte: Dados da pesquisa da autora

Para a característica faixa etária, 33,33% dos entrevistados têm entre 17 e 25 anos, 23,33% têm entre 26 a 35 anos, 33,33% têm entre 36 e 45 anos e 10% dos entrevistados têm acima de 46 anos. A maior concentração de respondentes discentes (33,33%) se encontra na faixa etária entre 17 e 25 anos e a de servidores está concentrada na faixa etária de 36 a 45 anos (26,67%). Note-se que a maior concentração do público de entrevistados discentes é relativamente jovem. Tal fato pode evidenciar um menor grau de maturidade nas respostas dos discentes. A relação se encontra demonstrada na Tabela 2.

Tabela 2: Relação faixa etária/vínculo com o CRV IF Goiano

Faixa etária	Vínculo CRV IF Goiano		Total (%)
	Discentes (%)	Servidor (%)	
17 a 25	33,33	-	33,33
26 a 35	6,67	16,67	23,34
36 a 45	6,67	26,67	33,34
Acima de 45 anos	3,33	6,67	10
Total	50	50	100

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Quanto ao vínculo com o Campus Rio Verde do IF Goiano (CRV IF Goiano), 50% dos entrevistados são discentes e 50% são servidores. Quanto ao gênero dos entrevistados, 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino, sendo 67% dos entrevistados discentes do sexo masculino e 33% servidores. Para o sexo feminino, 33% são discentes e 67% são servidores, conforme demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3: Relação gênero/vínculo com o CRV IF Goiano

Gênero	Vínculo CRV IF Goiano		Total (%)
	Discentes (%)	Servidor (%)	
Masculino	67	33	100
Feminino	33	67	100

Fonte: Dados da pesquisa da autora

Quanto ao nível de escolaridade, a amostra apresenta um alto nível entre os entrevistados. Para os discentes, a amostra aponta que 33,33% dos entrevistados estão matriculados no curso Técnico em Agropecuária, 33,33% estão matriculados no curso Superior em Agronomia e os 20% restantes estão matriculados no curso de Mestrado em

Ciências Agrárias e 13,33% estão matriculados no curso de doutorado em Ciências Agrárias. Para os servidores, a amostra apresenta que 6,67% possuem o ensino médio, 6,67% possuem o ensino superior incompleto, 53,33% possuem especialização, 26,67% possuem mestrado e 6,67% possuem doutorado. As Tabelas 4 e 5 expressam o nível de escolaridade dos discentes e dos servidores, respectivamente.

Tabela 4: Discentes/Curso matriculado CRV IF Goiano

Curso	Total (%)
Técnico em Agropecuária	33,33
Superior em Agronomia	33,33
Mestrado em Ciências Agrárias	20,00
Doutorado em Ciências Agrárias	13,00
	100

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Tabela 5: Servidores/Nível de Escolaridade

Curso	Total (%)
Ensino Médio	6,67
Ensino Superior Incompleto	6,67
Especialização	53,33
Mestrado	26,67
Doutorado	6,67
	100

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

4.2. ENTREVISTAS

A entrevista, segundo Minayo (2008), em sentido amplo, é a tomada de comunicação verbal e, em sentido restrito, revela uma coleta de informações a respeito de determinado tema científico, podendo ser considerada, segundo o autor, como a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo.

Objetivando responder à pergunta norteadora desta pesquisa "Por que os processos de decisão de descarte de resíduos diferem entre um tipo e outro?" foram efetuadas as entrevistas em profundidade semiestruturadas, separadas em blocos.

A seguir, são apresentadas as percepções dos entrevistados a respeito das diferentes categorias de resíduos sólidos domiciliares, objetos do estudo, de acordo com as subcategorias anteriormente estabelecidas: conhecimento, preocupação e importância, comportamento de descarte e motivação para o comportamento de descarte.

4.2.1. Conhecimento

Com o objetivo de avaliar a percepção dos entrevistados em relação à diferença entre lixo e resíduo, bem como no que se refere ao local para onde o lixo produzido é encaminhado, aos programas de coleta seletiva ou pontos de entrega voluntária existentes na cidade e, da destinação correta para o lixo produzido, foram efetuados questionamentos aos entrevistados. Na sequência, seguem as análises resultantes das entrevistas proferidas.

Inicialmente, questionou-se aos entrevistados a respeito da percepção entre a diferença de lixo e resíduo.

Ao analisar as entrevistas realizadas, é possível perceber um conceito próprio sobre a diferença entre lixo e resíduo pela maioria dos entrevistados, sendo a diferença entre eles conceituada em função do seu reaproveitamento. Para os entrevistados, aquilo que não pode mais ser reaproveitado é o lixo. Os trechos abaixo demonstram essa percepção:

"Lixo é o que eu não vou mais aproveitar de maneira alguma ele vai ser totalmente descartado e resíduo vai ser alguma coisa que de alguma forma pode ser reaproveitado ou, é reciclado. Essa é a diferença." (Entrevistado 2)

"... o lixo, a gente não consegue mais dar utilidade para ele. E os resíduos, podemos reciclar." (Entrevistado 5)

"A diferença é que lixo não pode ser reaproveitado, e resíduo, de alguma maneira, pode ser reaproveitado." (Entrevistado 20)

"Lixo é aquilo que a gente não vai aproveitar mais e, resíduo é o que a gente ainda consegue reutilizar de alguma outra forma." (Entrevistado 21)

A análise dos dados demonstra uma boa percepção dos entrevistados a respeito do conhecimento do tema, o que pode representar, na prática, um aumento do conhecimento

sobre o descarte de resíduos, seja por meio do acesso à internet ou de outros meios de comunicação. Consequentemente, ações que levem à conscientização para o descarte adequado de resíduos sólidos, com a separação do lixo comum, tendem a repercutir favoravelmente nos hábitos e atitudes das pessoas.

Neste contexto, Grimberg (2004) destaca a importância que a separação dos resíduos possui na diferenciação entre os dois conceitos. A autora destaca, de forma simples, que restos de alimentos, embalagens descartadas e objetos inservíveis, quando misturados, tornam-se lixo, passando o seu destino final, na melhor das hipóteses aos aterros sanitários e lixões, sendo a compreensão desses conceitos, um avanço para a construção de um novo paradigma, que possa superar o conceito de limpeza urbana.

Ao questionar os entrevistados sobre o conhecimento do local para onde o lixo produzido por eles era encaminhado, as respostas demonstraram que muitos não conhecem pessoalmente o local, todavia, sabem onde é a sua localização e têm a informação de que se trata de um aterro sanitário. A ideia de lixão, de aglomerado e amontoado de lixo, coberto com uma camada de terra, faz parte da visão de quem conhece o local para onde o lixo é depositado e não apenas daqueles que não o conhecem. Salienta-se que no município todos os resíduos, após recolhidos, seguem para o aterro sanitário.

"Sim, já fui. É um lixão. Um amontoado, sem nenhuma separação. Quando eu fui, tinha produto hospitalar, seringa, tudo no mesmo lugar. Não existia separação nenhuma. Tudo junto." (Entrevistado 2)

"Não conheço, mas imagino que seja bem aglomerado, bem feio." (Entrevistado 08)

"Conheço de longe, não muito próximo, o nosso aterro. Eu sei que o lixo é misturado com terra, que vai sendo colocado ali e é batido..." (Entrevistado 19)

"Eu já visitei o local aqui. Conheço muito bem. Tempos passados, não sei como está agora. Faz uns três anos que eu fui lá. É lixão mesmo, colocavam o material e o trator ia colocando terra. Não tinha suporte adequado como aterro sanitário." (Entrevistado 1)

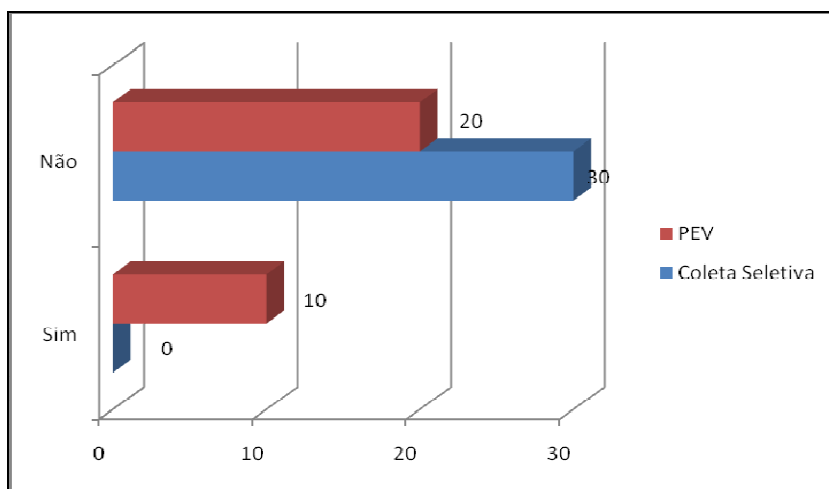
Conforme percebido nos trechos anteriores, tal fato pode indicar a fragilidade do aterro sanitário quando não possuem o controle e a manutenção adequada, passando a assemelhar-se aos lixões, o que pode ser explicado diante do fato do mesmo não se encontrar licenciado, de acordo com as informações presentes no site do Ministério Público do Estado de Goiás.

De acordo com a PNRS, para que o aterro sanitário seja considerado como disposição final ambientalmente adequada, são necessárias a observância de normas operacionais específicas, que visem evitar danos ou riscos à saúde pública e a segurança e a minimizar os

impactos ambientais. Os mesmos distinguem-se dos lixões e dos aterros controlados em função das técnicas para o confinamento dos resíduos e redução da poluição ambiental.

Quando questionados sobre algum tipo de coleta seletiva ou pontos de entrega voluntária na cidade de Rio Verde, os entrevistados demonstraram não ter conhecimento de coleta seletiva e poucos declararam conhecer pontos de entrega voluntária, como demonstrado na Figura 9:

Figura 9: Conhecimento sobre coleta seletiva e PEV



Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Os seguintes trechos das entrevistas demonstram a percepção dos entrevistados a respeito do conhecimento de coleta seletiva e PEV's:

"Não conheço." (Entrevistado 19)

"Não conheço. Pode até ser que tenha ponto de entrega voluntária, mas eu não conheço. Não é divulgado." (Entrevistado 20)

"Em um supermercado faz coleta de pilha. Não sei se está fazendo ainda, mas fazia. E não saída da cidade, tinha um lugar que recolhia televisão, esses lixos eletrônicos." (Entrevistado 29)

"Conheço um ponto de coleta. A de um supermercado" (Entrevistado 30)

Os trechos anteriores e os dados apresentados indicam que a cidade não possui coleta seletiva e poucos pontos de entrega voluntária disponíveis, o que demonstra uma carência de empresas especializadas no gerenciamento de resíduos sólidos, além da falta de divulgação dos existentes para o acesso da população, o que pode ser um fator motivador para a atitude das pessoas em não separar os resíduos sólidos domésticos do lixo comum na residência dos entrevistados.

Quanto à coleta seletiva, o resultado da pesquisa demonstra que a população do município de Rio Verde se assemelha a cerca da metade da população brasileira, que não possui esse tipo de serviço disponível. Dados da pesquisa CNI-IBOPE (2012) demonstram que (48%) da população brasileira não tem acesso à coleta seletiva de lixo em sua rua, e a maioria da população sem acesso à coleta seletiva de lixo é maior nas regiões Norte e Centro-Oeste. Richter (2014) destaca que programas de coleta seletiva são capazes de influenciar a população na criação de novos hábitos, contribuindo para uma sociedade consciente, civilizada, comprometida e limpa.

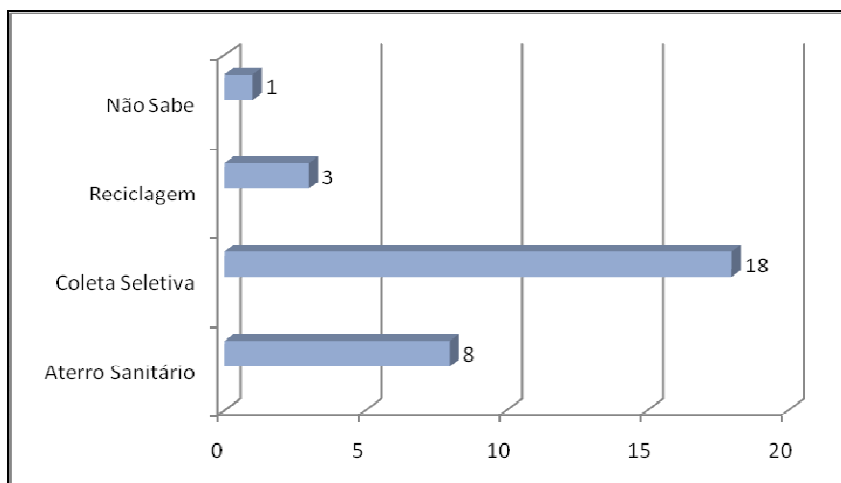
O estudo de Santana (2013) indica que a ausência de locais específicos e de coletores especiais para a disposição de materiais recicláveis é um fator que inibe e desestimula o comportamento das pessoas para a reciclagem. Em resumo, influencia a atitude das pessoas em separar os resíduos do lixo comum.

A necessidade de deslocamentos a grandes distâncias para entregar o resíduo separado, segundo Bringhenti e Günther (2011), é um dos aspectos impeditivos e/ou que dificultam a participação da população na separação dos resíduos domiciliares para a disposição em programas de coleta seletiva.

4.2.2. Preocupação e importância

Com o objetivo de avaliar a percepção dos entrevistados quanto à preocupação em descartar corretamente os resíduos sólidos domésticos, quanto ao impacto ambiental de uma categoria de resíduos sólidos domésticos em detrimento de outra, ao grau de importância para o descarte correto de resíduos sólidos domiciliares e ainda no que se refere à adoção de ação pró-ativa para evitar o descarte são demonstradas a seguir nas interpretações obtidas:

Quanto à percepção de qual seria o destino correto para o lixo produzido na residência dos entrevistados, apenas 01(um) dos 30 (trinta) entrevistados declarou não saber. Os demais, 29 (96,67%), indicaram que o destino correto seria a adoção de separação, a exemplo de coleta seletiva, o aterro sanitário e a reciclagem como meio de destinação eficaz para o descarte de resíduos, como demonstra a Figura 10:

Figura 10: Percepção dos entrevistados sobre o destino correto para o lixo

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Abaixo, seguem trechos de algumas entrevistas que indicam a percepção dos entrevistados:

"O destino correto deveria ser um aterro sanitário com toda a estrutura que existe e é possível fazer hoje, você tem tratamento de chorume, você pode gerar renda que é o gás, o biogás, que é emanado do lixo. No aterro correto, se tem produção de energia e, o lixo, no caso dos componentes eletrônicos, poderia ir para um local, um depósito apropriado para fazer um destino correto, não ficar no ambiente." (Entrevistado 1)

"Eu acho que teria que ter um processo de coleta seletiva. De cada dia passar e pegar aquele determinado tipo de lixo. Os pet's pega, por exemplo, na segunda, na terça pega os papelões, quem sabe, para poder dar o destino correto." (Entrevistado 5)

"Deveria existir a coleta seletiva, com a finalidade de reciclagem. Acho que essa seria a melhor saída. A coleta seletiva." (Entrevistado 26)

"O destino correto, se tivesse uma coleta seletiva e, eu soubesse que essa coleta seletiva realmente fosse para lugares específicos, de cada categoria do lixo, eu acho que seria o ideal. Porque, cada um, seria destinado para aquele determinado tipo de lixo específico." (Entrevistado 29)

Os dados e os trechos destacados indicam que os entrevistados possuem conhecimento e consciência quanto à destinação correta dos resíduos sólidos, além da percepção da importância da sua separação, do tratamento adequado e da reciclagem. O conhecimento, neste caso, é percebido como fator motivador para a adoção de atitudes ambientais, como a participação em programas de coleta seletiva, indicada como uma necessidade antes da disposição final dos resíduos pelos entrevistados.

Tal fato relaciona-se ao entendimento de Neves e Mendonça (2016) que destacam que os aterros sanitários podem ser considerados como um avanço no descarte final de resíduos sólidos, no sentido de minimização da degradação ambiental. No entanto, o seu esgotamento é

inevitável. Ainda, a pesquisa realizada pelo IPEA (2012), a respeito do diagnóstico dos resíduos sólidos urbanos, aponta que a principal estratégia para a redução do volume de resíduos dispostos nos aterros sanitários é a criação de sistemas de coleta seletiva nos municípios. Segundo Zikmund (2006), o conhecimento influencia na percepção e nas atitudes ambientais do cidadão, sendo um fator determinante do seu comportamento e da tomada de decisão.

Quando perguntados se o descarte de algum resíduo ou lixo doméstico provocava uma maior preocupação quanto ao impacto ambiental, as respostas dos entrevistados indicaram uma preocupação maior com os resíduos de aparelhos e componentes eletroeletrônicos, especialmente quanto às pilhas, baterias e aparelhos celulares.

Os trechos abaixo demonstram a preocupação apontada pelos entrevistados:

"Sim. Tenho. Com certeza. O que me causa mais preocupação na atualidade é o lixo eletrônico, que tem, principalmente, vários metais pesados, dos componentes eletrônicos, né. E esse lixo é descartado aqui em Rio Verde, no município, tudo no lixão, ou seja, lâmpada, bateria de celular..." (Entrevistado 1)

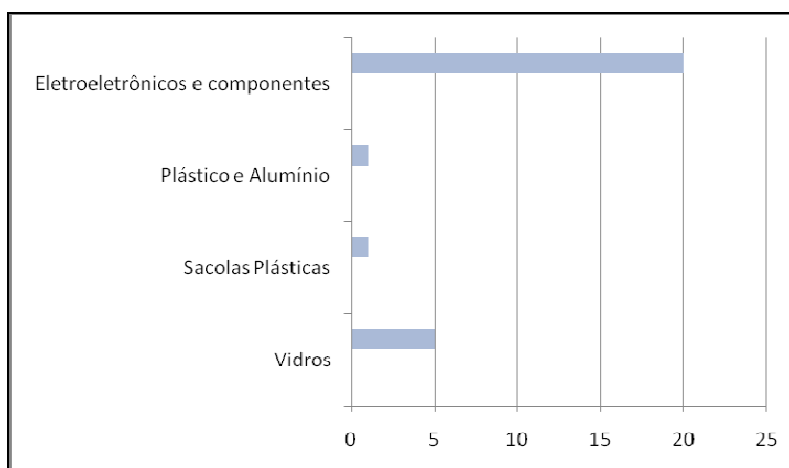
"Aqueles lixos de baterias e pilhas. Essas coisas que eu fico mais preocupada com o destino que vai ser dado, por causa do impacto ambiental. A pilha mesmo, ela é radioativa e altamente contaminante." (Entrevistado 4)

"O maior seria com eletrônicos e pilha, né. Porque, a gente não tem um local adequado aqui na cidade que seja fácil o acesso." (Entrevistado 21)

"Sim. Há algumas coisas que eu tenho preocupação maior em descartar, por exemplo, bateria de celular. As baterias, pilhas, lá em casa, a gente vai criando um monte, porque a gente guarda até achar onde entregar...." (Entrevistado 24)

A Figura 11, a seguir, apresenta os resíduos que despertam maior preocupação ambiental quanto ao descarte:

Figura 11: Resíduos que despertam maior preocupação ambiental



Fonte: Dados da pesquisa da autora.

O estudo de Giaretta et al. (2010) aponta resultado similar à preocupação destacada neste estudo, revelando que entre os aparelhos eletroeletrônicos mais descartados encontram-se os provenientes da área de tecnologia da informação, categoria que se encontra os aparelhos celulares e seus componentes. As pilhas e baterias aparecem como um dos principais produtos descartados incorretamente via lixo das residências, como apontado na pesquisa "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" (BRASIL, 2012), seguidos pelos componentes e equipamentos eletroeletrônicos. Segundo a ABDI (2013), esse fato pode ser explicado devido ao surgimento de novas tecnologias ou a indisponibilidade de peças de reposição, o que leva à sua substituição, diminuindo seu ciclo de obsolescência.

Uma observação importante foi a preocupação apresentada pelos entrevistados quanto à segurança das pessoas que fazem a coleta. Em algumas falas, é possível identificar que a separação do vidro no lixo comum não é adotada em função da preocupação com o impacto ambiental que ele possa causar e, sim, dos riscos de acidentes com cortes que esse tipo de material pode ocasionar as pessoas que fazem a coleta comum. Isso foi evidenciado nas seguintes falas dos entrevistados:

"... A gente tem mania de separar lata de molho, essas coisas que a gente abre, latinhas de cerveja e vidros para o "lixeiro" não machucar, então geralmente a gente põe duas ou três sacolinhas separadas, e o resto do lixo mistura junto e vai mesmo embora." (Entrevistado 6)

" Tenho preocupação com o vidro, porque a hora que o "lixeiro" vai pegar lá, pode cortar a mão. Mas descarte mesmo, não, porque vai tudo para o mesmo lugar...Não tem como você preocupar muito." (Entrevistado 14)

" Sim, vidro. Porque, eu acho que o pessoal que trabalha recolhendo lixo pode se machucar. Então eu sempre coloco ele em outro vidro descartável, litro descartável, para jogar fora. Eu nunca descarto em uma sacolinha de qualquer jeito." (Entrevistado 18)

No estudo de Feitosa et al. (2016), os entrevistados apresentaram preocupação similar quanto ao descarte de vidros. De acordo com a autora, o descarte de resíduos gerados nos domicílios dos entrevistados é feito por meio da coleta convencional, onde constatou-se o hábito das pessoas em acumular esse tipo de resíduo no quintal, pois temem o risco de corte para os profissionais que trabalham na coleta dos resíduos.

Esse mesmo comportamento foi apontado na Pesquisa de Percepção de Descarte de Resíduos Sólidos da Cidade do Rio de Janeiro (2013), onde os entrevistados declararam que enrolam os vidros em papel, acondicionam em sacolas individuais, para evitar acidentes durante a coleta.

Nos trechos destacados e nos dados apontados, os entrevistados indicam possuir uma boa percepção dos problemas ambientais decorrentes do descarte inadequado dos resíduos eletroeletrônicos, especialmente quanto à existência de materiais e substâncias perigosas, que podem causar danos ao meio ambiente e à saúde humana.

De acordo com Jacobi (2012), à medida que a geração de resíduos sólidos per capita aumenta, cada vez mais aumenta a complexidade e a periculosidade dos resíduos sólidos urbanos. Mesmo em aterros sanitários, o mero contato de metais com a água, substância comum nos resíduos eletroeletrônicos, incorre na contaminação do chorume, aumentando o impacto de qualquer vazamento (ABDI, 2013). Um dos grandes problemas dos resíduos eletroeletrônicos está nas substâncias tóxicas não biodegradáveis em sua composição, o que aumenta a responsabilidade quanto à sua destinação final (SILVA, 2010).

Quando questionados sobre a importância em descartar corretamente o lixo ou resíduo na residência dos entrevistados, em uma escala de (0) zero a (10) dez, onde (0) zero é considerado nada importante e (10) dez muito importante, apenas um entrevistado declarou dar uma nota 5, sendo que os demais, pontuaram com uma nota mínima 8 e os demais entre 9 e 10. Os trechos das falas de alguns dos entrevistados demonstram a percepção quanto à importância do descarte correto:

"Dez. Apesar de não praticar tudo o que seria correto." (Entrevistado 2)

"Dez. É muito importante." (Entrevistado 4)

"Com certeza dez." (Entrevistado 19)

"A importância desse descarte, eu daria aí de 9 a 10. Agora, na prática mesmo, infelizmente eu não consigo. E não vou desculpar por isso. Muitas vezes é descaso mesmo. Ah! Todo mundo faz! Não tem para onde levar. Então assim, nós sabemos que é importante, a gente sabe da necessidade, mas acaba se deixando levar pela situação e, não tomando nenhuma atitude, às vezes. (Entrevistado 25)

As falas dos entrevistados indicam que a importância em descartar corretamente o lixo ou o resíduo é considerada pelos entrevistados como "muito importante" e "importante", o que demonstra seu conhecimento acerca da problemática ambiental causada pelo descarte inadequado de resíduos no âmbito de suas residências. O conhecimento, segundo Zikmund (2006), possui influência na percepção e nas atitudes ambientais, tornando fator determinante do comportamento e da tomada de decisão dos cidadãos.

Tal fato pode ser influenciado pelo alto nível de escolaridade da amostra, o que vai ao encontro do resultado da pesquisa CNI-IBOPE (2012), que aponta que quanto mais elevado é o nível educacional do entrevistado, maior é a sua preocupação com o meio ambiente. Os

dados da mesma pesquisa apontam ainda para um crescente aumento da preocupação relacionada com o meio ambiente pela população brasileira, passando de 80% em 2010 para 94% em 2011.

De modo semelhante ao resultado encontrado, a pesquisa "Percepção de Descarte de Resíduos Sólidos da Cidade do Rio de Janeiro (2013)" apontou que, para as famílias cariocas, o descarte correto dos resíduos é muito importante, e 65% dos entrevistados atribuíram notas 9 ou 10.

Quando questionados sobre a adoção de ações pró-ativas, como o reaproveitamento de resíduos domésticos secos, a exemplo de embalagens vazias, os entrevistados destacaram, principalmente, o reaproveitamento de embalagens de potes de sorvetes e de margarinas para o armazenamento de comidas prontas e congeladas, e o reaproveitamento de garrafas pet's para o acondicionamento de líquidos e cultivo de plantas. Importante ressaltar que entre as motivações para o reaproveitamento dessas embalagens, foi destacada a praticidade das mesmas pelo fato de sempre terem algum tipo de utilidade dentro de casa e por não precisar comprar outro tipo de embalagem para guardar alimentos e afins. A fala de alguns entrevistados destaca essa evidência:

"Ah, isso é coisa de dona de casa. A gente faz! Eu acho que é costume. Sei lá, tipo, comprei um sorvete, para que jogar a latinha fora. Pode por um feijão, conservar uma salada, deixar tampadinho, tudo prontinho... Acho que é praticidade mesmo." (Entrevistado 6)

"Eu uso embalagem da margarina, latinha de extrato, litro de refrigerante, lata, é, caixinha de sorvete, para por feijão, por água, porque é fácil e não precisa comprar, é conforto." (Entrevistado 9)

"Latinha de margarina, latinha de sorvete, garrafa pet para levar para a fazenda e trazer com leite, alguma coisa assim. Eu aproveito pela praticidade desses produtos, por exemplo, as latinhas eu uso para guardar feijão cozido, alguma coisa assim. Acho que normalmente todo mundo vai responder isso." (Entrevistado 12)

"Latas de sorvete, potes de margarina, requeijão, tudo a gente reutiliza. Eu acho que é uma forma também de evitar ir para o meio da rua, né. Porque a gente coloca lá, alguém passa, pega e joga no quintal da frente. É uma forma da gente estar evitando um descarte indevido dela. As de sorvete, tem elas maiores, tem elas menores. A gente utiliza para guardar alguma sobra de comida. As latas pequenas de margarina também, para guardar feijão, essas coisas que a gente faz cozimento." (Entrevistado 21)

A análise dos trechos da entrevista demonstra a percepção dos entrevistados de que os resíduos sólidos domésticos podem ser reaproveitados, tendo como fator de motivação o reuso por eles proporcionado, especialmente como utilidade doméstica.

A percepção das pessoas de que muitos materiais presentes nos resíduos sólidos poderiam ser reaproveitados foi apontada por Bringhenti e Günther (2011). O estudo de Konrad, Mazzarino e Turatti (2015) aponta resultado semelhante, onde a separação de resíduos sólidos secos era motivada pela possibilidade de guardar esses materiais para reuso e para aproveitamento pelas crianças da família.

Quanto aos resíduos orgânicos, foi questionado aos entrevistados se é feita alguma ação pró-ativa com vistas a reduzir o desperdício nas suas residências. Os entrevistados apontaram a diminuição de compras e preparo de alimentos, fazendo o necessário para não desperdiçar, o planejamento das compras e das refeições. O trecho das entrevistas transcritas abaixo indica essa percepção:

"Sim. Por questão econômica. Que hoje em dia, na crise que está, a gente não pode ficar gastando demais e eu penso que tem tanta gente precisando daquilo ali, por que eu vou tacar fora?" (Entrevistado 5)

"Sim, com certeza. É feito por questões econômicas, principalmente. Não preocupado com resíduo, mas mais com a questão econômica de não sobrar comida." (Entrevistado 12)

"A questão da alimentação A não ser que tenha alguém ou uma visita, daí a gente perde um pouco o controle da quantidade. Mas se for na rotina do dia a dia, ali, não desperdiça nada, não descarto nada. A questão da economia e a preocupação com o lixo também, principalmente a comida. Eu me preocupo muito com o lixo de comida, porque, geralmente, tem moscas, bichos, então tem muitas doenças que podem ser transmitidas." (Entrevistado 19)

"A gente tenta fazer o necessário para a alimentação e para reduzir os custos, que a gente vai ter, e o desperdício realmente. Não faz para sobrar. A gente faz mesmo para a alimentação, da refeição ali." (Entrevistado 21)

"Sim, o planejamento de compras, o reaproveitamento também. Congela, para ver se aumenta a durabilidade. Isso aí a gente faz. A motivação é econômica e cultural também, né. Porque a gente vê tanta gente passando necessidade, que não é certo, que você desperdice o alimento, que falta para tanta gente." (Entrevistado 22)

As falas dos entrevistados levam à percepção de que evitar o desperdício está presente no hábito das pessoas, no entanto, os fatores econômicos e emocionais sobressaem aos fatores ambientais relacionados ao descarte incorreto dos resíduos orgânicos.

Para Quested et al. (2013), os fatores que influenciam as pessoas a reduzir o desperdício de alimentos são variados. No entanto, a economia, mais do que qualquer outra razão, é um fator motivador para a redução do desperdício de alimentos nos domicílios. Ainda, segundo os autores, a economia pode levar as pessoas a evitar o desperdício de alimentos, no entanto, pode motivar um maior poder de compra de outras partes do orçamento doméstico.

Quanto aos fatores emocionais, o estudo Quested et al. (2013) aponta que a maioria das pessoas não gosta de desperdiçar comida, sendo que quando isso ocorre leva a sentimentos de "culpa". Uma hipótese para esta observação pode ser a preocupação com a escassez de alimentos que afetam, principalmente, as regiões mais pobres do planeta (PISTORELLO; CONTO; ZARO, 2015).

Quanto aos resíduos eletroeletrônicos, os entrevistados foram questionados acerca da adoção de ações pró-ativas, a exemplo de evitar uma nova compra em função do descarte dessa categoria de resíduo, visando à redução do consumo. A maioria dos entrevistados declarou não pensar no descarte ou na redução do consumo ao adquirir um aparelho eletroeletrônico. Os trechos abaixo indicam as falas dos entrevistados:

"Não. O que eu quero comprar eu compro." (Entrevistado 6)

"Não, acho que isso aí também não. Eu só vou comprar, hoje, a minha ideia é essa, se realmente, o que eu tenho não atende às minhas necessidades. Mas se eu acho que eu vou precisar, que aquilo ali é o melhor para mim, eu compro. Eu não descarto o que eu tenho, de qualquer forma, eu dou ou eu entrego em um ponto para eles tirar peças para reparos." (Entrevistado 19)

"Não. Eu não penso no descarte que aquela compra vai causar futuramente. Eu não tenho essa preocupação. Eu compraria mesmo sem me preocupar com descarte." (Entrevistado 11)

"Nunca pensei nessa possibilidade. Então, nunca pensei no descarte. Eu sempre quando adquiro os equipamentos eletroeletrônicos, é naquela intenção de que aquilo vai facilitar o meu dia a dia. Então, ao querer comprar, eu quero é facilitar o meu dia a dia, mas pensar realmente lá, no destino dele, final, eu acho que não. Acho não, tenho certeza que não penso." (Entrevistado 17)

"Olha, eu acho que essa motivação é bem pequena. Acaba que quando bate a necessidade, o impulso de comprar é maior." (Entrevistado 30)

As entrevistas acima demonstram que evitar uma nova compra em função do descarte não é fator motivador para influenciar as atitudes dos entrevistados, mesmo havendo a percepção dos riscos ambientais decorrentes do descarte inadequado dos resíduos eletroeletrônicos. A motivação é apontada em função das necessidades de consumo sem considerar os impactos ambientais decorrentes dessa ação.

Neste entendimento, Costa (2016) ressalta que os consumidores tendem a mudar suas ideologias de acordo com seus interesses e valores sociais, considerando o meio em que estão inseridos, uma vez que os hábitos de consumo se adequam às necessidades. Ainda, para Gonçalves-Dias (2015), uma das grandes preocupações é que o cidadão não associa o atual nível de consumo à degradação ambiental, e que o desenvolvimento tecnológico motiva o aumento do consumo dos equipamentos eletroeletrônicos, que, segundo Sena (2012), com a

finalidade de usufruir das novas tecnologias disponíveis, necessários ou não, são consumidos no cotidiano do cidadão.

Quanto aos resíduos têxteis, os entrevistados foram questionados acerca da adoção de ações pró-ativas, visando prolongar a vida útil e reduzir o consumo dos mesmos de modo a evitar o descarte. A maioria dos entrevistados declarou que adotam ações como lavá-los separadamente, seguir as instruções das etiquetas, secar à sombra e fazer reparos com vistas a aumentar a durabilidade das roupas. Os trechos seguintes indicam as falas dos entrevistados:

"Sim. Algumas peças são lavadas à mão. Na lavagem a gente lava só camiseta, só calças. Se estragou, se descosturou, a gente sempre conserta. Então, lá em casa não tem muita coisa não para jogar fora sem estar acabado mesmo não. E o que não serve mais a gente acaba doando." (Entrevistado 2)

"Adoto. Eu lavo roupas separado por cores. Todas são secas na sombra. Evito usar, assim. muito produto. Uso somente sabão, para durar um pouco mais." (Entrevistado 19)

"Sim, para aumentar a vida útil eu adoto. Lavo tudo separadamente. Também, raramente, eu coloco no sol para secar, é sempre à sombra. Tem coisas que não vai na máquina de lavar, tem que ser lavada à mão, porque é mais delicado. Eu procuro prolongar a vida útil, dele. Até mesmo para questão da doação, né. Assim, quando chegar ao ponto de não usar mais, aquela roupa, ela ainda está em bom estado para ser reaproveitada por outra pessoa." (Entrevistado 22)

"Quando sou eu mesma que lavo, eu lavo separado, tanto as que vão para a máquina, quanto as que são de lavar a mão, que tem que ter mais cuidado. Secagem na sombra, não sou de usar produtos fortes, abrasivos, para lavar. Neste sentido, tentando prolongar, para que ela se conserve mais, que a gente acaba, aproveitando mais." (Entrevistado 25)

Diante das falas acima, é possível perceber que adotar ações com vistas a prolongar a vida útil das peças de vestuário e demais resíduos têxteis faz parte do hábito dos entrevistados. Embora o questionamento tenha sido direcionado para a adoção de ações pró-ativas para evitar o descarte, a motivação dessas ações está relacionada aos fatores situacionais, como a preservação das roupas, pensando inclusive em uma possível doação das mesmas e a fatores econômicos para o aumento da vida útil dos produtos.

Os estudos de Calíope, Conceição e Leocádio (2014) e Joung e Park-Poaps (2013) apontam a economia como fator motivador para a adoção de comportamento de descarte pelas pessoas. A doação, devido ao hábito e à influência da família, embora com menos destaque, foi apontada como fator motivador do descarte por Calíope, Conceição e Leocádio (2014).

O prolongamento da vida útil de vestuário, de acordo com Lima (2013), contribui para a redução do impacto ambiental, tendo em vista que se prolonga o uso de seu ciclo de vida, adiando seu descarte que, muitas vezes, é precoce.

4.2.3. Comportamento de descarte dos diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos

Com o objetivo de identificar o comportamento adotado pelas pessoas no modo de descartar as diferentes categorias de resíduos sólidos domésticos, com a adoção de algum critério de separação do lixo comum e sua forma de acondicionamento, foram analisadas as verbalizações dos entrevistados, conforme demonstrado na sequência:

Quanto à adoção de alguma forma de separação dos resíduos sólidos domésticos produzidos na residência dos entrevistados, as verbalizações indicam que apenas 26,67% (8 entrevistados) apontaram a adoção de um mesmo comportamento de separação para as categorias de resíduos investigadas, e o restante, 73,33% (22 entrevistados) apontaram comportamentos variados para a separação.

No Quadro 6 podem ser evidenciadas as respostas dos entrevistados quanto à adoção de alguma forma de separação dos resíduos domésticos.

Quadro 6: Adoção de algum método de separação/categoria de resíduos

	S = Separa		N = não separa	
	Secos	Orgânicos	Eletroeletrônicos	Têxteis
1	N	S	S	N
2	S	S	S	N
3	N	N	S	N
4	S	N	S	N
5	S	S	S	S
6	S	N	N	S
7	S	N	S	N
8	S	S	N	N
9	N	N	N	N
10	N	N	S	N
11	N	N	S	N
12	N	N	S	N
13	N	N	S	N
14	S	N	N	N
15	N	N	S	S
16	N	N	S	N
17	N	N	N	N
18	S	S	S	N
19	N	N	S	N
20	S	S	N	N
21	S	S	S	S
22	S	N	S	S
23	S	S	S	S
24	N	N	S	S
25	S	S	S	S
26	N	N	S	N

27	N	N	S	N
28	N	N	S	N
29	S	S	S	S
30	N	N	N	N

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Quanto à adoção de alguma forma de separação dos resíduos sólidos domésticos produzidos na residência dos entrevistados, as verbalizações das entrevistas evidenciam comportamentos variados das pessoas quanto aos hábitos de descarte dos resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, o que indica que cada indivíduo percebe o descarte de resíduos de uma forma única e diferenciada, de acordo com a importância atribuída ao tipo de material a ser descartado.

Comportamento similar foi apontado na pesquisa "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" (BRASIL, 2012), onde é destacado que a população brasileira apresenta comportamentos variados quanto à forma de descartar produtos.

Cada indivíduo possui uma percepção exclusiva e diferenciada de seu entorno, atribuindo valores e importâncias diferenciadas ao meio ambiente, pois a compreensão da experiência perceptiva é diferente de indivíduo para indivíduo, no tempo e no espaço (GOUVEIA, 2012). Neste entendimento, Fernandes et al. (2011) salientam que cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive, diante dos resultados das percepções individuais e/ou coletivas, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

No que se refere à identificação do comportamento adotado pelas pessoas na forma de descartar os resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, o resultado da pesquisa apontou que os entrevistados foram divididos em dois grupos: os que adotam alguma forma de separação dos diferentes tipos de resíduos do lixo comum e aqueles que não adotam nenhuma forma de separação, fazendo o descarte de resíduos misturado junto ao lixo comum em suas residências. A Tabela 6 permite comparar o percentual de entrevistados que declararam que separam e os que declararam não adotar nenhum tipo de separação dos resíduos do lixo comum em suas residências.

Tabela 6: Comportamento de descarte

	Secos	Orgânicos	Eletroeletrônicos	Têxteis
Separa	46,67%	33,33%	76,67%	30%
Não separa	53,33%	66,67%	23,33%	70%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Não foi identificado variação do comportamento quando separado entre os grupos de discentes e servidores. A Tabela 7 possibilita comparar o percentual de entrevistados que declararam que separam e os que declararam não adotar nenhum tipo de separação dos resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis do lixo comum em suas residências, identificado entre discentes e servidores do Campus Rio Verde do IF Goiano.

Tabela 7: Adoção de separação/servidores/discentes

	Separa (em %)				Não Separa (em %)			
	Secos	Orgânicos	Eletroeletrônicos	Têxtil	Secos	Orgânicos	Eletroeletrônicos	Têxtil
Discentes	40,00	26,67	66,67	20,00	60,00	73,33	33,33	80,00
Servidores	53,33	40,00	86,67	40,00	46,67	60,00	13,33	60,00

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Comportamento similar foi apontado no estudo de Da Silva (2014) ao analisar o acondicionamento e coleta de resíduos sólidos da Praia do Atalaia, no estado do Pará, com a identificação de grupos que adotam alguma forma de separação em detrimento dos que não adotam, visto que a maioria dos entrevistados (66%) afirmou não realizar nenhum tipo de separação dos resíduos do lixo comum, enquanto o restante (34%) declarou adotar algum tipo de separação. A pesquisa CNI-IBOPE (2012) aponta a adoção de algum tipo de separação de materiais recicláveis do lixo comum. Verifica-se que o percentual entre as pessoas que adotam algum tipo de separação sobe para 72% entre os residentes na região sul do país e cai para 44% entre os residentes das regiões Norte e Centro-Oeste.

Esse cenário pode ser explicado pelo fato de não haver nenhuma iniciativa do poder público de incentivo à separação.

Em contrapartida, a adoção de separação por parte dos entrevistados, mesmo sem motivação do poder público, pode ser entendida como uma consciência apresentada quanto aos problemas ambientais causados pelo descarte inadequado de resíduos, além de indicar uma predisposição dos entrevistados para a adoção de ações pró-ativas, o que reforça a ideia da necessidade de ações que incentivem a educação ambiental e da implantação de coleta seletiva.

Nessa concepção, o estudo de Konrad, Mazzarino e Turati (2015) aponta para tendência à prática da segregação de resíduos a cada dia, o que remete a possíveis mudanças de responsabilidade compartilhada, pelo menos entre o cidadão e o poder público, que podem surgir a partir da implantação de programas de coleta seletiva.

Os problemas da coleta seletiva, segundo Ribeiro e Lima (2006), não estão ligados apenas à conscientização da população sobre a importância da separação dos resíduos, mas ao fato de o poder público não saber responder satisfatoriamente à essa demanda. A falta de locais específicos para o descarte é um indicativo de barreiras para a separação dos resíduos do lixo comum (SANTANA, 2013).

As entrevistas indicam que os resíduos eletroeletrônicos fazem parte da categoria de resíduos que apresenta maior preocupação para a adoção de separação do lixo comum entre os entrevistados, sendo apontado por 76,67% (23). Deste percentual, 66,67% (10) são discentes e 86,67% (13) são servidores. Tal fato evidencia uma diferença nos hábitos das pessoas na forma de descartar uma categoria de resíduo, em detrimento de outra. O hábito, nesse caso, foi influenciado pela percepção das pessoas de que o resíduo eletroeletrônico causa um impacto maior na degradação do meio ambiente do que os demais.

O comportamento dos entrevistados é condizente com a literatura a respeito dos resíduos eletroeletrônicos. Araújo (2015) destacou que esse tipo de resíduo, devido ao alto índice de crescimento, tem apresentado altas taxas de descarte. Dados do IPEA (2012) apontam que os resíduos eletroeletrônicos continuam sendo uma grande preocupação de saúde ambiental devido ao seu grande potencial de periculosidade, que requerem tratamento e disposição final específicos, aumentando a responsabilidade quanto à sua destinação final (SILVA, 2010).

Quando questionados sobre o que motiva o descarte de aparelhos eletroeletrônicos em suas residências, os entrevistados apontaram que a atualização do aparelho em função do surgimento de novas tecnologias 43,33% (13), o desuso 6,66% (2), o alto preço cobrado pelo reparo 13,33% (4) e o desgaste natural do aparelho pelo uso 36,66% (11) foram apontados com fatores que influenciam o descarte.

As falas de alguns entrevistados indicam a motivação para o descarte de aparelhos e equipamentos eletroeletrônicos:

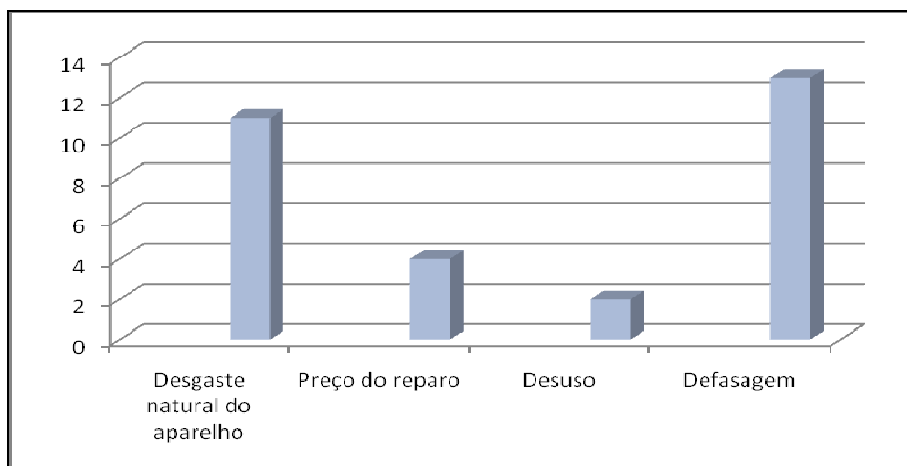
"É porque o infeliz queimou! Porque eu não gosto de ficar gastando dinheiro não. Se queimou joga fora, se não.... Eu não tenho esse negócio de ficar comprando "trem" moderno não. Enquanto estiver funcionamento, vai usando mesmo". (Entrevistado 6)

"É assim: surgiu um aparelho melhor, eu preciso dele, vamos trocar. Às vezes o aparelho nem estragou e a gente acaba comprando outro e deixa o outro guardado, como se fosse uma reserva". (Entrevistado 2)

"Normalmente os aparelhos eletrônicos, quando dão problema, para fazer o reparo é o preço de comprar uma televisão nova. Então não compensa. São aparelhos que quando dão problemas são quase que descartáveis." (Entrevistado 12)

"A questão de atualização dessas coisas mais modernas. Ai, eles ficam obsoletos, né. Então acaba que a gente descarta, não utiliza." (Entrevistado 26)

Figura 12: Motivação para o descarte de aparelhos eletroeletrônicos



Fonte: Dados da pesquisa da autora

Como visto na figura acima, a defasagem (obsolescência) é apontada como a principal motivação para o descarte de equipamentos eletroeletrônicos entre os entrevistados, o que traz um grande risco ao meio ambiente diante da crescente inovação de produtos oferecidos pelo mercado, que contribuem diretamente com o aumento do descarte dos resíduos eletroeletrônicos.

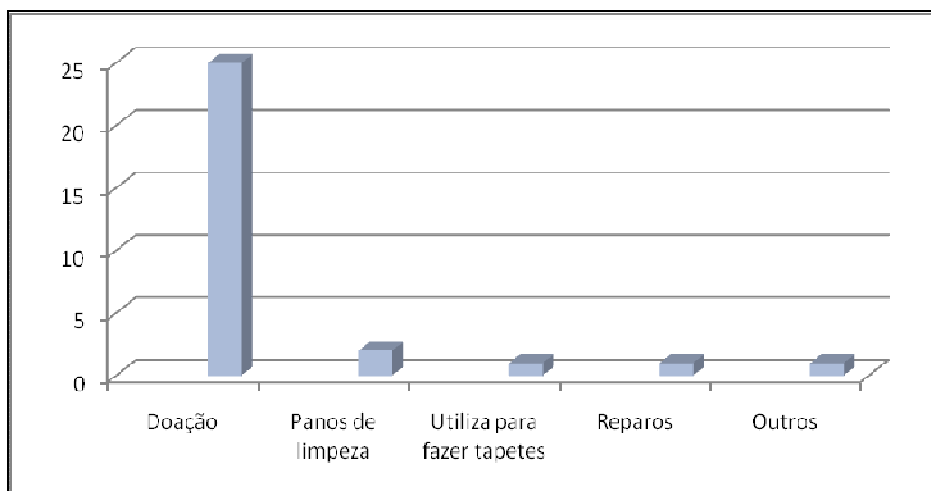
Como apontado nos estudos de Giaretta et al. (2010), a introdução de novas tecnologias ou a indisponibilidade de peças de reposição resulta na substituição de aparelhos atuais por outros mais avançados, o que ocasiona o descarte, que engloba não somente o ato de jogar o produto fora, mas no ato de doá-lo, vendê-lo e armazená-lo, mesmo que tenha perdido sua finalidade de utilização (JACOBY; BERNING; DIETVORST, 1977).

O resíduo têxtil foi indicado pelos entrevistados como o que incita maior percentual de não adoção de algum tipo de separação do lixo comum na residência dos entrevistados, sendo apontado por 70% (21) dos entrevistados. Desses, 80% (12) são discentes e 60% (9) são servidores.

Embora apresentem o maior percentual de não adoção de separação, as entrevistas indicam que o resíduo têxtil é descartado somente após esgotadas as possibilidades de reutilização do mesmo, quando chegam à condição de trapos, sendo adotadas outras formas de reciclagem ou reaproveitamento antes do seu descarte no lixo comum. Dos 30 entrevistados,

83% (25) indicaram que a doação era o principal destino dos resíduos têxteis que não são mais reaproveitados nas suas residências, como demonstrado na figura seguinte:

Figura 13: Destino dos resíduos têxteis que não são mais utilizados



Fonte: Dados da pesquisa da autora

Observa-se que as entrevistas podem indicar a percepção dos entrevistados da não adoção da separação em função da quantidade descartada no lixo comum, apontada como sendo efetuada com pouca frequência e em pequenas quantidades.

Tal fato pode ser evidenciado na fala de alguns entrevistados.

"Nada me impede, mas como é em pequena quantidade, é sempre assim, é só aquele paninho ali. Daí acaba descartando no lixo comum mesmo." (Entrevistado 2)

"Por exemplo, ele eu não coloco em uma sacolinha separado, como eu faço com a comida, com a pilha, com o vidro. Eu jogo lá no saco de lixo comum. São poucas vezes e em pequena quantidade." (Entrevistado 18)

"...Então é algo que já não dá mais para reutilizar. E aí, eu coloco no lixo comum. Mas é bem pouco, uma quantidade bem pequena mesmo." (Entrevistado 19)

Diferentemente de grande parte dos resíduos, o descarte de resíduos têxteis, especialmente as peças de vestuário, é motivado por fatores como mudança de moda ou de gostos, possuindo forte potencial de reciclagem e reutilização, o que faz que sejam mais propensos a serem doados do que descartados como lixo (KOCH; DOMINA, 1999).

Ao analisar as motivações e os atributos considerados no descarte de roupas, o estudo de Calíope, Conceição e Leocádio (2014) apontou a doação como o meio mais utilizado para o descarte em função das boas condições de uso, por esse ser um hábito das pessoas e por serem influenciados pela família. Corroborando este entendimento, a pesquisa "O que o

brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" (BRASIL, 2012) aponta que, de modo geral, o que mais se reaproveita por meio de doação são as roupas.

Quanto aos resíduos secos, 46,67% (14) dos entrevistados declararam adotar algum tipo de separação do lixo comum, dos quais 40% (6) dos respondentes são discentes e 53,33% (8) são servidores. Os dados apontam que há uma diferença entre o comportamento dos dois grupos de entrevistados, e, para essa categoria de resíduo, os servidores apontaram uma adoção maior de procedimentos de separação do que os discentes, o que não aconteceu com as categorias de resíduos orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis. As falas dos entrevistados demonstram que as embalagens dos resíduos secos são reaproveitadas como itens de utilidade doméstica na residência dos entrevistados, fato que pode evidenciar a interferência do sexo dos respondentes para essa categoria, considerando que as mulheres representam a maior parte da amostra dos servidores (67%) entrevistados e para os discentes, a maioria (67%) dos entrevistados são homens. A fala de alguns dos entrevistados demonstra a evidência:

"...isso é coisa de dona de casa. Comprei um sorvete, para que jogar a latinha fora. Pode por um feijão, conservar uma salada, deixar tampadinho, tudo prontinho. Acho que é praticidade mesmo." (Entrevistado 6)

"Minha mãe reutiliza aquelas vasilhinhas de sorvete para congelar feijão. Ela acha que não precisa jogar fora. É algo que está ali para usar. Aí as vasilhas bonitas ela deixa de enfeite." (Entrevistado 7)

"São utilizadas. A gente reutiliza porque encontra uma utilidade para elas dentro de casa." (Entrevistado 11)

No entanto, as embalagens não podem ser consideradas simplesmente como itens de acondicionamento para utilidades domésticas, tendo em vista seu alto potencial de degradação no meio ambiente em decorrência de seu descarte indevido.

Na pesquisa "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" (Brasil, 2012), as embalagens de alimentos foram os itens mais apontados como não sendo alvo da coleta seletiva. Embora a reutilização de embalagens, segundo Jorge (2013), possa ser traduzida em benefícios econômicos aos consumidores, a consciência do seu impacto no ambiente impõe a necessidade de diminuir de forma intensa seu depósito em aterros sanitários e promover a economia ambientalmente sustentável, sendo destinados ao aterro sanitário somente os resíduos que não têm qualquer possibilidade de serem valorizados ou reaproveitados.

A geração de resíduos provenientes de embalagens, segundo Cortez (2011), cresce à medida que aumenta o consumo, e quanto mais mercadorias são adquiridas, mais recursos naturais são consumidos e mais resíduos são gerados. Quanto maior o desenvolvimento econômico e tecnológico, maior é a fração de embalagens plásticas, vidros e latas (EL-DEIR, 2014), motivo pelo qual as embalagens não podem ser consideradas apenas como recipientes que acondicionam determinados produtos.

Para os resíduos orgânicos, os dados apontam que a maioria dos entrevistados, 66,67% (20), declarou não adotar nenhum tipo de separação do lixo comum. Desse percentual, a maioria (11) é formada por discentes e alunos de cursos da área de ciências agrárias, e o restante (9) são servidores. Tal fato leva à percepção de que o conhecimento não foi capaz de interferir de forma positiva nas atitudes dos entrevistados, considerando que 100% dos discentes declararam conhecer ou já ter visto falar em compostagem. No entanto, apenas 33,33% declararam que adotam essa forma de reciclagem.

A Tabela 8 demonstra os dados a respeito do conhecimento sobre o procedimento de compostagem apontado pelos entrevistados:

Tabela 8: Conhecimento/Adoção da compostagem

	Conhece a compostagem		Não conhece a compostagem	Total
	Adota	Não Adota	Não adota	
Discentes	33,33%	66,67%	-	100%
Servidores	33,33%	53,33%	13,33%	100%

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

A fala de alguns dos entrevistados, quando perguntados sobre o conhecimento a respeito da compostagem, contribui para a evidência mencionada:

"Já. Já ouviu falar, já vi até alguns modelos também, mas em casa a gente não faz." (Entrevistado 3)

"Não adoto. Sim, já ouvi falar com certeza." (Entrevistado 4)

"Já vi aqui mesmo no IF. Porém ainda não adoto." (Entrevistado 6)

"Eu já conheço a compostagem, só que eu não utilizo..." (Entrevistado 11)

"Já ouvi falar em compostagem e sei como ela funciona. Só que lá em casa não tem como fazer." (Entrevistado 23)

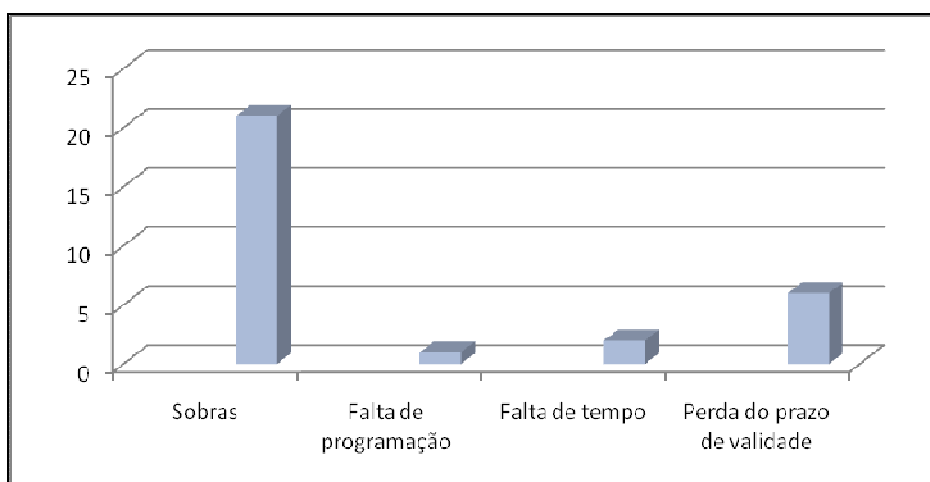
Em relação ao destino dado para o lixo orgânico, Dal Piaz e Ferreira (2011) apontam resultado similar. Segundo os autores, em sua pesquisa, a maior parte dos entrevistados deposita o resíduo orgânico na rua para recolhimento pela coleta convencional, e parte daqueles que adotam a separação utilizam tal resíduo na horta por meio de composteira.

Assim, como apontado no estudo de Silva e Da Silva (2016), o aproveitamento dos resíduos orgânicos por meio da compostagem são frases comuns no meio acadêmico entre alunos de ciências agrárias e ciências ambientais.

Tal fato nos leva à percepção de que ainda prevalece a lacuna entre o conhecimento e a prática adotada no descarte pelas pessoas, o que para Nascimento et al. (2014) evidencia a necessidade de informações mais claras sobre os produtos e de conscientização das pessoas independentemente do nível de escolaridade que possuem. Para Ziliotto e Reis (2014), nem sempre o que os indivíduos conhecem na teoria é levado para a prática, e nem todas as práticas observadas correspondem ao discurso das pessoas em relação ao descarte de resíduos.

A pesquisa possibilitou identificar as razões para o desperdício de alimentos, tendo as sobras provenientes dos restos dos pratos e do excesso de preparo da quantidade de alimentos sido apontadas por 70% (21) dos entrevistados como o principal fator, seguida pelo vencimento do prazo de validade dos produtos 20% (6), da falta de tempo para armazenar adequadamente ou reaproveitar em outros pratos 6,67% (2), e da falta de programação 3,33% (1), como demonstrado na Figura 14:

Figura 14: Razão para o desperdício de alimentos



Fonte: Dados da pesquisa da autora

Quanto às razões que levam ao desperdício de alimentos, esta pesquisa identificou comportamentos similares aos estudos de Willians et al. (2012) e Graham-Rowe, Jessop e

Sparks (2014), que identificaram comportamentos que resultam em desperdício de alimentos nos domicílios, como o preparo de alimentos em uma quantidade maior que a consumida, o excesso de compras, a falta de planejamento de refeições, a falta de uma lista de compras, não proceder um inventário de comida antes de fazer compras, comprar por impulso e vencimento do prazo de validade. Tais comportamentos contribuem diretamente para o descarte de resíduos orgânicos.

As entrevistas possibilitaram, ainda, a identificação do modo de separação apontado pelos respondentes, sendo formas comuns de segregação, a separação do lixo em seco e orgânico, com a adoção de sacolas plásticas nessa separação. Tal fato foi evidenciado na fala de alguns entrevistados:

"Eu adoto separação assim: do orgânico e do seco. O lixo seco e o molhado, o orgânico eu utilizo para fazer uma composteira..." (Entrevistado 1)

"Primeiro eu separo em sacolas plásticas de supermercado e depois eu coloco em um saco maior porque, infelizmente, eu não tenho coleta." (Entrevistado 4)

"Sempre separo o lixo da cozinha, que é só com casca [...] Agora, quando eu vou descartar uma garrafa pet ou alguma outra coisa, já é outro lixo." (Entrevistado 18)

"Separação só do lixo orgânico." (Entrevistado 23)

"Esse resíduo, eu coloco no lixo. No lixo comum, separado dos orgânicos, mas no lixo comum. (Entrevistado 29)

A percepção da adoção da separação dos resíduos, de acordo com as características de secos e orgânicos, indica um conhecimento ambiental regular entre os entrevistados quanto à segregação dos resíduos em secos e orgânicos, além de indicar um fator motivador para a participação da população em programas de coleta seletiva.

Comportamento similar foi identificado nos estudos de Avelino (2014), Feitosa et al. (2016), Mucelin e Bellini (2008) e Santana (2013). Santana (2013) identificou o hábito de separação dos resíduos sólidos domiciliares entre “secos” e “molhados” como os habituais adotados pela população da microrregião de Ouro Preto (MG), os quais são armazenados temporariamente na calçada em frente à residência ou em lixeiras, frequentemente acondicionados em sacolas plásticas.

O estudo de Avelino (2014) identificou comportamento semelhante da população brasileira na separação do lixo seco e do lixo orgânico, onde a maioria das pessoas demonstrou que sabe diferenciar o lixo ou o resíduo seco do orgânico, o que indica que houve uma busca de informação, interna ou externa, sobre essa separação.

Já o estudo de Feitosa et al. (2016) apontou o costume de uma parcela da população da cidade de Juazeiro do Norte (CE) em separar os resíduos em sacolas distintas, conforme as características dos resíduos em orgânicos e secos, o que, segundo a autora, pode favorecer a implantação da coleta seletiva e da compostagem a partir da triagem prévia praticada nos domicílios geradores dos resíduos. Os hábitos de segregação domiciliar dos resíduos sólidos em dois núcleos, os que separavam o lixo seco do lixo orgânico e os que não tinham o hábito de separação, foram identificados no estudo de Mucelin e Bellini (2008).

Sobre esse assunto, Grinberg (2004) destaca a importância da separação. Quando os resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis são misturados, eles tornam-se lixo. Todavia, segundo a autora, quando separados em materiais secos e úmidos, obtêm-se resíduos com alto potencial de reciclagem e reaproveitamento. Há muito que se melhorar nas práticas de separação de resíduos e nem todos os indivíduos possuem ações sempre corretas, pois se houver a mistura de diferentes tipos de resíduos, toda a separação ficará comprometida (ZILIOTTO; REIS, 2014).

Questionados quanto à forma de armazenamento adotada para o acondicionamento do lixo produzido em suas residências, a maior parte dos entrevistados (80%) respondeu que possuem o hábito de utilizar sacolas plásticas para o acondicionamento do lixo doméstico em suas residências, principalmente aquelas fornecidas pelos supermercados. Tal fato foi evidenciado na fala de alguns entrevistados:

"Sacolinhas, destas comuns de supermercado." (Entrevistado 9)

"Como 99,9% dos brasileiros: sacolinha de supermercado." (Entrevistado 11)

"Sacolinhas plásticas comum de mercado." (Entrevistado 13)

"Só o maior de ir para a cesta na rua, que eu compro o saco. Mas os outros dos lixos internos menores, tudo é com sacola de supermercado." (Entrevistado 19)

"Sacolas plásticas. Inclusive de supermercado." (Entrevistado 20)

No entanto, mesmo o alto nível de escolaridade e o conhecimento do público entrevistado não foram suficientes para conter a prática do hábito do descarte de bens pós-consumo via lixo da própria residência, acondicionados, majoritariamente, em sacolas plásticas. Tanto os entrevistados que declararam adotar alguma forma de separação das categorias de resíduos investigadas, quanto aqueles que declararam não adotar nenhuma forma de separação, a adoção de sacolas plásticas para o acondicionamento do lixo é hábito

comum no cotidiano do descarte de todas as categorias de resíduos na residência dos entrevistados.

Esse comportamento vai ao encontro dos estudos de Schio (2016), Matos (2013) e Feitosa et al. (2014), que indicam que a grande maioria da população urbana tem esse hábito, e o uso das sacolas de plástico é um comportamento sedimentado e seu abandono envolve grande mudança comportamental (MATOS, 2013).

As entrevistas possibilitaram, ainda, identificar que mesmo com a adoção de algum critério de separação, o lixo é recolhido pelo caminhão da prefeitura que faz a coleta na cidade, o que faz com que no momento da coleta, o que foi separado previamente, seja misturado. O registro da fala de alguns respondentes indica a forma da coleta adotada na cidade:

"...eles juntam e põem num caminhão só. Na verdade, você só tem perda de tempo. Então, não tem a seleção" (Entrevistado 1)

" É porque eu sei que a gente não tem a coleta seletiva na cidade, então para separar se vai recolher tudo junto?" (Entrevistado 3)

"... eu ponho no lixo, o caminhão vem e mistura tudo também. Então não me preocupo." (Entrevistado 9)

"... eu penso na forma de coletar. Porque às vezes eu penso, eu vou separar, mas vão coletar e vai para o mesmo local. Daí eu não perco esse tempo. Eu até faço uma pré-separação, mas na hora de botar lá na lixeira, vai em um saco só. Porque é a mesma empresa que vai coletar..." (Entrevistado 19)

Tal fato indica a percepção de que a falta de coleta seletiva é uma barreira para a adoção do comportamento de separação no descarte entre as diferentes categorias de resíduos do lixo comum pelos entrevistados. O tipo de coleta praticada na cidade pode desestimular a adoção da separação. Alguns entrevistados apontaram que a coleta misturada gera perda de tempo, desestimulando a continuidade do hábito de separação e a adoção de novas iniciativas para a sua propagação.

Neste mesmo entendimento, Galbiati (2012) destaca que iniciativas da população para separação de resíduos sólidos nos domicílios acabam na descontinuidade do hábito pela falta de um programa de coleta seletiva continuado, levando a crença da população de que tais ações não tenham utilidade prática para a construção da cidadania. No entanto, de acordo com a autora, o esforço conjunto dos órgãos de pesquisa e de organizações populares e do governo pode gerar soluções que viabilizem a implantação da coleta seletiva, respeitando as características específicas de cada município.

Conhecer a percepção e a atitude dos indivíduos acerca das questões ambientais, bem como explorar os fatores que influenciam o comportamento para a separação dos resíduos, é um fator que possibilita a implantação de políticas públicas pelos gestores municipais, a exemplo de implantação de programas de coleta seletiva. Neste entendimento, Santana (2013) destaca uma possível mudança de conduta da população, com a eficiência de programas de coleta seletiva, os quais dependem diretamente da colaboração da população quanto à separação dos resíduos sólidos domésticos gerados.

4.3. MOTIVAÇÃO PARA A ADOÇÃO DO COMPORTAMENTO DE SEPARAÇÃO

Após identificado o comportamento adotado pelas pessoas no modo de descartar os diferentes tipos de resíduos, o resultado da pesquisa apontou que os entrevistados foram divididos entre os grupos que separam o resíduo do lixo comum e os que não adotam separação.

Esta seção trata dos dados colhidos nas verbalizações dos entrevistados, quanto à motivação para a adoção do comportamento de separação no descarte das diferentes categorias de resíduos, separados em: secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis.

Com o propósito de identificar os fatores motivadores e possibilitar a comparação da motivação entre os mesmos, foi efetuado o questionamento aos entrevistados pertinente a cada categoria de resíduo sobre a adoção de alguma forma de separação dos mesmos do lixo comum.

Após a transcrição das entrevistas e leitura flutuante dos dados, de acordo com Bardin (2011), passa-se para a escolha de categorias, que surgirão das questões norteadoras do estudo, bem como da organização das mesmas em indicadores ou temas. Ainda segundo a autora, as unidades comparáveis de categorização para a análise temática e de unidades de codificação para os registros dos dados são efetuados de acordo com os temas que se repetem com muita frequência no texto.

Desse modo, seguindo os princípios da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) e considerando que as categorias já foram indicadas no estudo, passou-se à próxima fase: a de exploração do material para a identificação das unidades de registro. Para a autora, as unidades de registro significam o recorte que se dará na pesquisa, podendo ser um tema, uma palavra ou uma frase.

Assim, as unidades de registro foram identificadas em razão das características comuns nas falas dos entrevistados com o intuito de identificar os fatores de motivação para o comportamento de separação para as diferentes categorias de resíduos: secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis.

Os quadros a seguir refletem as semelhanças apontadas nas verbalizações dos entrevistados, tratados separadamente para cada categoria de resíduos.

Inicialmente, o Quadro 7 aponta as unidades de registro para a categoria de resíduos domésticos secos:

Quadro 7: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos secos

Categoria A - Resíduos domésticos secos	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo seco produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Reaproveitamento em casa	E2: " É, a gente armazena e separa tudo, sendo que alguns a gente acaba aproveitando para outra coisa. A motivação é reaproveitar na horta . Então, as caixinhas a gente usa para fazer mudas. As garrafas PET a gente também utiliza para fazer. As garrafas de 2 litros para fazer mudas de plantas maiores. Os de vidro os copos de requeijão acabam virando mesmo copos de uso de medida e de utilização lá em casa e os vidros de azeitona e palmito acabam virando vidro de conserva."
Facilidade para a coleta	E4: "Eu separo em embalagens menores. As embalagens plásticas, os papéis, e coloco tudo separado, mas no final, eu coloco tudo dentro e um saco maior e vai tudo para o mesmo lugar. Eu acho que fica mais fácil, porque se tivesse uma coleta, ficaria mais fácil para a pessoa separar ."
Facilidade para o catador	E5: "Adoto. Coloco sempre este tipo de resíduo dentro de um saco. Eu não costumo misturar com os outros. Porque às vezes passam pessoas catando, para reciclagem e leva. Então, para facilitar para eles ."
Reaproveitamento por terceiros que recolham em casa	E6: " Então, tem um sinhorzinho perto de casa, ele faz sabão . Então, as garrafas plásticas têm um cesto lá em casa, eu separo tudinho, detergente, desinfetante. O pet mesmo eu separo geral, não mando não. Motivação: É a pessoa que precisa, né. É um trabalho para ele, né. Gera emprego para ele, porque ele faz o sabão para vender. Ai, eu separo estas coisas que dá para ele colocar o sabão líquido ."
Reaproveitamento por terceiros que recolham em casa	E7: "Normalmente, quem faz esse descarte é a minha mãe. E não sei como que ela prepara. Normalmente ela separa sim. Porque sempre tem na porta de casa alguém que passa e pega garrafa, pega essas coisas de vender . Então, tem quem passa lá e pega. E o que ela joga fora mesmo, é resto de comida, algumas coisas que não tem reutilização, joga fora. Mas garrafas, essas coisas, tem quem passa lá e pega. A motivação: É ter a pessoa que pega."
Separação em função da característica do resíduo	E8: "Faço separação sim. De alumínio, plástico, não misturo com os orgânicos. Só. Não tenho muito motivo não. Assim, por não se bater com outro, lixo orgânico misturado com plástico, não dá certo ."
Reaproveitamento por terceiros na rua	E14: " Latinha a gente separa para o catador . Também o catador pega separado o vidro, que a gente coloca com plástico, por cima, porque aí, o catador não revira. Também coloca plástico e metal. Eu deixo em saco separado, mas vai acabar que vai tudo para um lugar só. Bota na lixeira e o lixeiro leva."
Cultura	E18: "Sempre separo o lixo da cozinha, que é só com casca. Tem o lugar sabe? Agora, quando eu vou descartar uma garrafa pet ou alguma outra coisa, já é outro lixo. Agora é que eu estou me atentando a isso. Então, isso eu faço. Agora, é sacolinha plástica. Inicialmente porque eu trago isso da casa da minha mãe. Sabe, é

	uma cultura , digamos assim. Então, eu peguei até involuntário."
Preocupação ambiental	E20: "Eu tenho uma composteira. Então, papelão, guardanapo, folhas, todas vão para lá. Já, garrafa PET, eu encho de água da chuva, para reutilizar depois para aguar as plantas. Eu tenho várias ideias com garrafa pet, então eu não joga fora. Já os outros lixos que você citou, aí vão para o lixo mesmo. Os motivos são dois: um, porque eu quero deixar um mundo melhor para minha geração e outro porque alguns desses materiais que você citou, são de difícil decomposição. Então, por esses dois motivos."
Reaproveitamento por terceiros na rua	E21: Sim, a gente faz a separação. Geralmente em sacola separadas, mesmo porque, a coleta é o único meio de coleta, então a gente só separa mesmo, por sacola. Para que o próprio pessoal possa estar redirecionando, né. O próprio pessoal da coleta, às vezes, vê alguma coisa que dê para ser reutilizada. Eles fazem, às vezes, essa separação em si.
Reaproveitamento por terceiros na rua	E22: Sim. Separo. A intenção de quando colocar lá, na lixeira, alguém que faça algum trabalho, que utilize essas embalagens para mais alguma coisa. Porque se você mistura com outro lixo, ali, o lixo orgânico, muitas vezes se passa, por exemplo, um catador de latinha, aí já dificulta para ele para poder estar retirando isso. Aí, né, então, eu separo, na intenção de que passe alguém, que possa reaproveitar isso aí.
Reaproveitamento por terceiros que recolham em casa	E23: A latinha de alumínio e a garrafa pet. Porque tem um senhor que passa lá e pega a garrafa PET. E as latinhas de alumínio, minha mãe vende. Junta e vende. A motivação é a redução do volume de lixo que é colocado na rua.
Reaproveitamento na atividade profissional	E25: "...Porque, na escola, a gente faz um projeto, que já é para separar. Tanto que, a gente vende alguns, outros, a gente reutiliza para plantar, para várias coisas [...] Às vezes, eu guardo, nem sei o que eu vou fazer, mas eu guardo. Motivação: Porque no meu meio, acaba usando. Não sei, se eu não tivesse essa questão do reaproveitamento lá, para fazer algum trabalho manual ou alguma coisa, se eu teria o cuidado de buscar de outra forma. Mas tudo que eu já vou jogar ali, eu já tenho o olhar do que eu posso reaproveitar, do que eu posso refazer."
Reaproveitamento por terceiros que recolham em casa	E29: "Adoto. Porque tem uma moça, que aproveita, principalmente, esses vidros de palmito, essas coisas, porque ela faz artesanato com isso. [...] Porque, eu sei que são coisas reaproveitáveis. E, se a gente, não começar a pensar em um reaproveitamento, desse lixo, vai ser muito complicado, pensar em questão de lixo, com tempo, né. Porque, cada vez mais, se produz mais lixo e, a gente sabe que o capitalismo, está inteiramente relacionado com essa questão da produção de lixo, né.

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Para se chegar à categorização e identificar os fatores motivadores para a adoção do comportamento de separação para a categoria de resíduos domésticos secos. Inicialmente, foi efetuada a separação por unidades de registro (temas) a partir do reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo seco produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?"

Dessa forma, para os resíduos secos, foram identificadas as seguintes unidades de registro: reaproveitamento em casa, facilidade para a coleta, facilidade para o catador, reaproveitamento por terceiros que recolham em casa, separação em função da característica do resíduo, reaproveitamento por terceiros na rua, cultura, preocupação ambiental e reaproveitamento na atividade profissional.

O passo seguinte destinou-se a identificar as unidades de registro para a categoria de resíduos orgânicos, a partir do reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo orgânico produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?".

O quadro abaixo demonstra as unidades de registro para a categoria de resíduos orgânicos:

Quadro 8: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos orgânicos

Categoria B - Resíduos orgânicos	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo orgânico produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Reaproveitamento em casa	E1: "Na minha residência eu faço uma mini compostagem, que utilizo no plantio de plantas e hortaliças. O resíduo orgânico, além de provocar no lixo um mau odor, pode ser utilizado para fazer um processo de adubação. Então, como sou da parte de ciências agrárias, então eu conheço muito bem sobre este processo. Inclusive os vizinhos vão lá em casa e pegam um pouco de adubo. A gente faz uma troca, ele traz um pouco de esterco de animal, a gente põe."
Reaproveitamento em casa	E2: "Separo. A motivação é a horta."
Organização do lixo	E5: "A maioria das vezes, a gente coloca no lixo. No lixo comum, mas sempre em sacolas separadas. No começo, quando eu não fazia, o pessoal ia pegar as garrafas pet, rasgava o lixo e fazia aquela "lambança". Aí, para não haver, eu já deixo separado."
Reaproveitamento por terceiros que recolham em casa	E8: "Lá em casa, é assim: tem um pessoal, uns vizinhos, que eles têm fazenda, que tem criação de porcos. Suínos. Aí, eu separo, e eles levam. Para não jogar fora no lixo. Motivação: É ter alguém que pega. "
Separação em função da característica do resíduo	E18: "Se for comida eu coloco junto em uma sacolinha. Então eu adoto sim, eu separo. É porque a gente não sabe o destino final, a gente acha que não tem separação. Mas se tiver, a minha parte eu fiz. Eu separei o orgânico, né. "
Reaproveitamento em casa	E20: "Essa resposta é interessante! Restos de verduras, ovo, guardanapo, café, entre outros, eu uso tudo na minha composteira. É tudo usado na minha composteira. [...] Porque eu preciso dele. Ele é importante para as minhas plantas. "
Reaproveitamento em casa	E21: "De comidas ou de comidas pré-prontas, a gente tenta evitar o máximo desperdício, mas o que sobra, a gente separa também sacolas também. Tem uma sacola para lixo orgânico. [...] Para gente tentar, justamente, fazer esterco para a gente cultivar nossas plantas e, até mesmo, alguns legumes que a gente está cultivando em um pedaço de quintal."
Separação em função da característica do resíduo	E23: "... Ele novamente é colocado em sacolinhas separadas. Porque o lixo orgânico, não tem como você colocar ele com tempo maior, na rua, para o lixeiro passar e pegar. Você tem que colocar exatamente no horário em que o lixeiro vai passar e vai pegar, para não juntar moscas e, nem correr o risco de um cachorro rasgar uma sacola, rasgar um saco. Esse cuidado a gente toma em casa."
Separação em função da característica do resíduo	E25: "Só no caso, na sacola ou no saquinho. Aí, na hora de colocar para lixeira, ele fica separado em saquinhos do que já estava separado. Porque o lixo da cozinha, ele já fica separado dos demais. Talvez por ter uma característica diferente dos demais, por não ser seco. "
Separação em função da característica do resíduo	E29: Eu coloco sempre o lixo da cozinha, que é o que vai esse tipo de coisa. Ele é separado dos demais, sim. Motivação: O lixo orgânico, na verdade, ele é adubo, né, o resíduo orgânico. Ele é adubo. Se eu tivesse, até uma fazenda, alguma coisa do tipo, eu jogaria, assim, de forma, que ele fosse ao tempo, mesmo. Degradar ao

	tempo. mesmo.
--	---------------

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Nesse sentido, para os resíduos orgânicos, foram identificadas as seguintes unidades de registro: reaproveitamento em casa, organização do lixo, reaproveitamento por terceiros que recolham em casa e separação em função da característica do resíduo.

Para identificar as unidades de registro para os resíduos eletroeletrônicos, a partir do reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo eletroeletrônico produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?".

O Quadro 9, a seguir, demonstra as unidades de registro para a categoria de resíduos eletroeletrônicos:

Quadro 9: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos eletroeletrônicos

Categoria C - Resíduos eletroeletrônicos	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo eletroeletrônico produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Preocupação ambiental	E1: "O problema grande lá em casa, que eu estou guardando. [...] Está tudo dentro de uma caixa. Eu não sei onde levo aquilo. A motivação? o problema ambiental. O dano causado ao meio ambiente. Inclusive aqui tinha uma empresa do comércio varejista que fazia essa coleta, e daí parou. Então estou procurando onde levar. causado no meio ambiente."
Reaproveitamento futuro	E2: "Está tudo em uma caixa. Lá em casa tem estoque de celular. Motivação: Eu não descarto no lixo comum. Ele é guardado em caixa. O que motiva é simplesmente assim, uma hora vai precisar. "
Preocupação ambiental	E3: "Televisão antiga e computador normalmente a gente doa para alguém, mas, assim, se tiver ainda em uso, né? E pilha eu não sei, não lembro. Eu não uso pilha. Bateria de celular eu me lembro que eu guardei para ver onde eu poderia levar, mas também nem sei onde ela está. Motivação: Eu colocaria lá fora, para o pessoal da prefeitura passar e pegar porque não tem coleta seletiva mesmo, mas de forma separada, porque pode provocar radiação "
Preocupação ambiental	E4: "Eu evito jogar no lixo comum. Eu evito justamente para não prejudicar o meio ambiente. Eu vou juntando e armazenando."
Preocupação ambiental	E5: Quando começou a história da reciclagem, começou a mostrar a história da radiação, por exemplo, mesmo só uma pilha, que solta radiação que é prejudicial , eu comecei a levar nos pontos.
Reaproveitamento por terceiros na rua	E7: "Ela separa do lixo. Ela colocou o lixo na lixeira e a televisão ela colocou embaixo. Se alguém pegasse, se alguém fosse utilizar a televisão, estaria limpa, conservada. "
Preocupação ambiental	E10: Aparelhos não têm, mas as baterias eu levo lá para a minha cidade, que lá tem o Banco Sicoob, que a gente leva lá para eles e eles fazem a coleta. Motivação: É mais radioativo, né. Tem um impacto muito grande no solo , no ambiente todo.
Reaproveitamento por terceiros na rua	E11: "Então, eu coloquei no lixo comum, mas eu separei lá. Na minha concepção, poderia acontecer duas coisas: ou a própria prefeitura pegar e levar para o aterro ou alguém passar e levar para uma reciclagem ou tentar o conserto dela. "
Preocupação ambiental	E12: "Sim. A motivação é a contaminação do solo. "
Educação	E13: "Normalmente eu já deixo lá embalado em um plástico, guardado. A educação é o motivo. Por saber que isso realmente afeta não só, não é um lixo

	qualquer, que não vai fazer diferença. Faz diferença."
Separação em função da característica do resíduo	E15: "Não. não descarto. Eu guardo para descarte. Porque eu sei que colocar junto com material orgânico vai dar problema lá, sei lá, radiação, qualquer coisa assim."
Conhecimento do ponto e entrega voluntária	E16: "É porque ao contrário dos outros que a gente já conversou, eu sei exatamente o ponto de coleta , de coleta seletiva deles. Então, eu consigo separar e levar lá."
Separação em função da característica do resíduo	E18: Eu separo para não misturar com os restos de comida e para não misturar com outro lixo , né. Que se alguém quiser separar, entendeu, já está lá. Se no destino final lá, eles forem separar, eu já fiz a minha parte.
Preocupação com a saúde	E19: "Então, eu não costumo jogar lá não. É a preocupação com a saúde, né. Minha e da população. "
Reaproveitamento por terceiros na rua	E21: "Sim, eu deixo ele mais a mostra, separado. Porque se caso passar alguém e ver que está lá disponível, para ele pegar e ver se dá para reutilizar. "
Cultura/Hábito	E22: "Boa pergunta. Menina, você sabe que, assim, é uma coisa que eu faço automático . Se eu for parar para pensar, no que motiva, não adianta eu falar para você, que é preocupação com destino que ele vai ter, porque eu nunca parei para pensar se esse aparelho vai para o lixo ou para o aterro sanitário, simplesmente eu não descarto no lixo comum."
Separação em função da característica do resíduo	E23: "Lá em casa, fica guardado para tirar peça. [...] Quando é um controle remoto, alguma coisa que não dá mais para tirar peça, aí, tem que ir para o lixo, porque não tenho local para você entregar. Só que eu separo do lixo orgânico. Porque, a gente sabe que o caminhão passa e mistura tudo. Não tem uma coleta seletiva na rua. Mas, mesmo assim, para o lixo não misturar com o orgânico, já ficar separadinho. "
Preocupação ambiental	E24: "Sendo bem sincera, estão na minha casa criando poeira, não são colocados no lixo. Meu marido tem muitos aparelhos, desse tipo, e aí, a gente não descarta, porque a gente não quer descartar de qualquer jeito [...] Porque eu sei que leva muito tempo, para o solo conseguir absorver isso . Por exemplo, eu tenho um liquidificador, que há muito tempo era para ser descartado, está dentro do meu armário. Já comprei dois outros novos, ele fica lá, porque eu fico com medo de mandar para o lixo e ficar juntando água e dar bicho. Então ele está lá em casa."
Preocupação ambiental	E25: "Vai virando um depósito, né, porque eu não jogo no lixo comum [...] Pelo tanto que a gente vê, o perigo que ele acaba sendo . Você vê algumas coisas que acontecem, que a gente nunca pensa que pode acontecer, por esse descarte. Por alguns perigos que acontece, já vi acidentes graves aí, porque eu acho que ele pode ser reaproveitado, pelo menos destruído de uma forma mais correta."
Preocupação ambiental	E26: "Eu tenho uma gaveta onde eu coloco tudo. [...] Não descarto. Tem câmera fotográfica velha, celular antigo, de décadas atrás, que está lá guardado. Motivação: não saber o local onde eu vou colocar isso. Ou dar para alguém, uma associação, não sei, não tem local para descartar. Pelo impacto ambiental. Porque eu sei que tem muitos componentes nele, que causam uma degradação muito maior . É nocivo. Pode inclusive, para a questão da água. e tudo. Então, eu acredito, por esse motivo. Então, assim, ele vai causar uma nocividade muito maior para nós.
Preocupação ambiental	E27: "Esse aí, neste caso aí, eu devolvo para o lugar certo. Por exemplo, a televisão tem lugar que devolve, né. Eu faço isso, celular também eu devolvo. bateria. agora as pilhas eu não estou devolvendo não porque é difícil. Mas eu separo tudo. É porque eu sei que ele é bem nocivo à saúde, né. E se a gente começar a jogar, isso no meio ambiente, vai poluir bastante . É muito nocivo mesmo."
Preocupação ambiental	E28: "Como meu esposo trabalha com essa questão de informática, de tecnologia, então, tem isso na cabeça, de quê não é adequado, que é prejudicial ao meio

	ambiente. Então esse tipo de lixo... e nem pilha a gente descarta no lixo comum. É tudo guardado para colocar no lugar certo."
Preocupação ambiental	E29: "Então, na minha residência, quando ainda funciona, eu dou para alguém. E, quando não funciona, procurar um lugar de coleta. Mas jamais colocar no lixo, ou coisas do tipo. Por causa da contaminação. Uma televisão, por exemplo. Um vidro daquela televisão, uma criança brincar com aquilo ali, ela pode se machucar. Além da contaminação, tem toda essa problemática. Plásticos. A questão do plástico de uma televisão ou, de algum outro componente, de algum eletroeletrônico, que a gente sabe que leva anos e anos, para se degradar na natureza. Então, seria por aí."

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Para os resíduos eletroeletrônicos, foram identificadas as seguintes unidades de registro: preocupação ambiental, reaproveitamento futuro, reaproveitamento por terceiros na rua, educação, separação em função da característica do resíduo, conhecimento de pontos de entrega voluntária, preocupação com a saúde e cultura ou hábito.

Finalmente, para identificar as unidades de registro para os resíduos têxteis, foi efetuado o reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo têxtil produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?".

O quadro abaixo demonstra as unidades de registro para a categoria de resíduos têxteis:

Quadro 10: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos têxteis

Categoria D - Resíduos têxteis	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo têxtil produzido na sua residência do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Costume	E5: "Geralmente, eu coloco no lixo, com a separação, sempre coloco na sacolinha separada, né, e deixo junto com o lixo, para o lixeiro levar. Motivação: Antes de eu mudar para cá, porque faz nove anos que eu mudei para Goiás. Eu morava em São Paulo e lá já tinha uma cooperativa de reciclagem. Então, assim que surgiu a cooperativa de reciclagem lá, foi muito bem explicado, muito bem orientada a população. E eu acostumei com isso e sempre separo. Nunca mais deixei de separar."
Reaproveitamento por terceiros na rua	E6: "No lixo comum. Põe um saco lá, separado só de roupa, não misturo nada não. Eu acho que é certo. Que é mais correto. Organizado, colocar ali só aquela roupa, que misturar com resíduo, a gente tem que pensar no próximo que vai manejar este serviço, naquele que vai separar. Porque, querendo, ou não, lá tem alguma separação. Às vezes o que não serve para mim, que eu acho que não vai ter nada de reaproveitamento, chegando um lá, vai mexendo, vai separando, e deve ter alguma utilidade para ele. "
Separação em função da característica do resíduo	E15: "Geralmente eu deixo numa sacolinha separada, cheia de roupas. Lá no lixo comum mesmo. Não sei, simplesmente separo, porque assim roupa, ficar junto assim, com comida, sei lá. Geralmente, eu coloco numa sacolinha separada, que é para quando o lixeiro passar, ele ver que é só tecidos, resíduos têxteis, ele pode utilizar. Acho que é o hábito mesmo."
Separação em função da	E21: "A gente faz o descarte deles quando não dá para ser utilizado por mais

característica do resíduo	ninguém. A gente faz o descarte no lixo comum, com separação. Para evitar, né, qualquer acúmulo ou bagunça, né, também. Juntar os dois lixos e, apesar de que vão tudo para o mesmo caminhão. Então, para evitar mesmo, essa mistura dos dois tipos de material. "
Separação em função da característica do resíduo	E22: "Em relação às roupas, doação, né. Eu sempre faço. De vez em quando, assim, eu faço um pente fino, lá nos armários e as roupas que eu separo, eu faço doação. Trapos, aí não tem jeito. É no lixo comum, geralmente junto com os resíduos secos. Normalmente, eu coloco na mesma sacola. Eu não tenho outro destino para ele não. Talvez por ser um resíduo seco, também. Pela semelhança. Não vai contaminar o outro, né. O outro tipo de resíduo, acho que seria isso. Pela semelhança."
Separação em função da característica do resíduo	E23: "Separação só do lixo orgânico. A motivação é que não há ponto de entrega, de coletas e não fica misturado com o resíduo orgânico e junto com os secos. E quando lá em casa já não tem mais uso, é porque, já não tem mais jeito de reaproveitar mesmo. Mas é bem pouco. Bem pequena a quantidade."
Costume/Hábito	E24: "É bem difícil. Eu não consigo lembrar de uma solução que a gente chegou, que não tenha como reaproveitar. Porque lá em casa, tudo termina, pelo menos toalha, esses outros, termina com pano de chão. [...] Eu acho que é por não ter parado para pensar no que eu deveria fazer com esse tipo de lixo, né. Acho que é por isso mesmo. Acaba que a gente faz tão automático, que nem pensa nisso. Mas provavelmente ele iria para o lixo comum, porque é muito pouco para descartar."
Separação em função da característica do resíduo	E25: "Junto com o lixo comum, que não seja misturado com restos de alimentos. Na verdade, é porque o resto de alimento, eu não misturo ele com outras coisas. Aí aquilo que é para ser separado, como papéis, vidros, garrafas. Aí a gente já separa, acho que pela semelhança, por ser tudo seco. "
Separação em função da característica do resíduo	E29: "Esse resíduo, eu coloco no lixo. No lixo comum, separado dos orgânicos, mas no lixo comum. Porque o orgânico, mesmo que eu saiba que aqui na minha cidade não tem um destino separado para ele, mas eu sei que às vezes tem alguma coisa ali, que pode ser reutilizada. Agora, o outro, eu sei que vai para o mesmo lugar, então, e eu não tenho um outro destino para dar para esse resíduo, eu coloco ele com os outros, devido serem todos do secos. "

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

De acordo com o quadro anterior, para os resíduos têxteis, foram identificadas as seguintes unidades de registro: costume ou hábito, reaproveitamento por terceiros na rua e separação em função da característica do resíduo.

De acordo com os pressupostos de Bardin (2011), os temas devem ser agrupados nas categorias definidas. Após a identificação e classificação das unidades de registro presentes nas verbalizações, em função das semelhanças apontadas, foram identificados os temas. Em seguida, os mesmos foram agrupados em unidades comparáveis de categorização para a análise temática da frequência que aparecem em cada categoria de resíduos. As categorias de resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis foram representados pelos seguintes temas: reaproveitamento em casa, reaproveitamento por terceiros que recolham em casa, reaproveitamento por terceiros na rua, reaproveitamento na atividade profissional, reaproveitamento futuro, facilidade para a coleta, facilidade para o catador, separação em função das características dos resíduos, cultura/hábito/costume, preocupação ambiental,

educação, preocupação com a saúde, conhecimento de pontos de entrega voluntária e organização do lixo.

O Quadro 11 demonstra o agrupamento dos temas semelhantes apontados na fala dos entrevistados:

Quadro 11: Agrupamento dos temas motivação para a separação/categoria de resíduos

Temas	Secos	Orgânicos	Eletroeletrônicos	Têxteis	Total
Reaproveitamento em casa	1	4	0	0	5
Reaproveitamento por terceiros que recolha em casa	4	1	0	0	5
Reaproveitamento por terceiros na rua	3	0	3	1	7
Reaproveitamento na atividade profissional	1	0	0	0	1
Reaproveitamento futuro	0	0	1	0	1
Facilidade para a coleta	1	0	0	0	1
Facilidade para o catador	1	0	0	0	1
Separação em função das características do resíduo	1	4	3	6	14
Cultura/Hábito/Costume	1	0	1	2	4
Preocupação ambiental	1	0	12	0	13
Educação	0	0	1	0	1
Preocupação com a saúde	0	0	1	0	1
Conhecimento de pontos de entrega voluntária	0	0	1	0	1
Organização do lixo	1	0	0	0	1

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

A próxima fase do processo de análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011), é o tratamento de resultados, o qual compreende a codificação, a inferência e interpretação, onde o pesquisador procura dar significância e validade aos resultados brutos de sua análise. A autora destaca que outro fator crucial para a análise é a frequência que a unidade de registro aparece e a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto.

A inferência, segundo a autora, é uma técnica de tratamento de dados, onde é necessária a comparação de enunciados e ações entre si, com o propósito de verificar possíveis unificações ou quando os temas forem diferentes, encontrar semelhanças entre eles.

Desse modo, os temas apresentados foram codificados a partir da contagem da frequência para cada categoria de resíduos, bem como a simultaneidade que apareceram em

duas ou mais categorias de resíduos. Assim, os temas "facilidade para a coleta", "facilidade para o catador", "Educação", "Conhecimento de pontos de entrega voluntária", "Preocupação com a saúde", "organização do lixo" e "reaproveitamento na atividade profissional" foram eliminados da análise. Quanto aos temas, "Reaproveitamento em casa", "Reaproveitamento por terceiros que recolha em casa", "Reaproveitamento por terceiros que recolha na rua", foram unificados, em função da recorrência da expressão "reaproveitamento", sendo definido como tema "Necessidade de reaproveitamento", tendo os valores atribuídos a cada tema unificados.

Após o tratamento dos resultados, os temas comuns entre as quatro categorias de resíduos que indicam a motivação para a adoção do comportamento de separação apontado nas verbalizações pelos entrevistados foram identificados como: 1) necessidade de reaproveitamento; 2) separação de acordo com as características dos resíduos; 3) preocupação ambiental; e 4) cultura, hábito ou costume.

O Quadro 12 demonstra os fatores de motivação, após o tratamento dos resultados, em ordem decrescente de acordo com a pontuação atribuída a cada um.

Quadro 12: Temas/Fatores motivadores de adoção de separação dos diferentes grupos de resíduos

Fatores motivadores de adoção de separação	Total
Necessidade de reaproveitamento	17
Característica dos resíduos	14
Preocupação ambiental	13
Cultura/Hábito/Costume	4

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

O Quadro 13 demonstra o exemplo das verbalizações presentes nas falas dos entrevistados, que resultaram na percepção das motivações para a adoção do comportamento de separação.

Quadro 13: Verbalizações/Motivação para a adoção do comportamento de separação

Semelhanças	Exemplos de verbalizações
Necessidade de reaproveitamento (em casa, por terceiros que recolhem antes e após o descarte)	E7: "É ter a pessoa que pega."; "Se alguém pegasse, se alguém fosse utilizar a televisão, estaria limpa, conservada." E8: "É ter alguém que pega." E14: "...Também o catador pega separado o vidro, que a gente coloca com plástico..." E20: "Porque eu preciso dele. Ele é importante para as minhas plantas."

	E21:" Porque se caso passar alguém e ver que está lá disponível para ele pegar e ver se dá para reutilizar." E22:"Eu separo na intenção de que passe alguém, que possa reaproveitar isso aí." E23:"Porque tem um senhor que passa lá e pega a garrafa PET." E29:"Adoto. Porque tem uma moça, que reaproveita, principalmente, esses vidros de palmito, essas coisas, porque ela faz artesanato com isso."
Característica dos resíduos	E8:"Assim, por não se bater com outro, lixo orgânico misturado com plástico, não dá certo." E15: "...porque assim, roupa, ficar junto com comida, sei lá." E18: "...a minha parte eu fiz. Eu separei o orgânico, né." E21: "...para evitar mesmo, essa mistura dos dois tipos de material..." E22: "...Talvez por ser um resíduo seco também". E25:"...a gente separa acho que pela semelhança, por ser tudo seco." E29: "...devido serem todos secos."
Preocupação ambiental	E1: "...o problema ambiental. O dano causado ao meio ambiente..." E4:" Eu evito justamente para não prejudicar o meio ambiente." E10: "Tem um impacto muito grande no solo". E12: "A motivação é a contaminação do solo". E24: "Porque eu sei que leva muito tempo para o solo conseguir absorver isso". E26: "Pelo impacto ambiental. Porque eu sei que tem muitos componentes nele, que causam uma degradação muito maior. É nocivo." E29: "Por causa da contaminação..."
Cultura/Hábito/Costume	E5: "...eu acostumei com isso e sempre separo. Nunca mais deixei de separar." E18:"...Sabe, é uma cultura, digamos assim. Então, eu peguei até involuntário." E22:" ...porque eu nunca parei para pensar se esse aparelho vai para o lixão ou para o aterro sanitário, simplesmente eu não descarto no lixo comum. Talvez seja por costume mesmo." E24: "...acaba que a gente faz tão automático, que nem pensa nisso."

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

No que se refere à motivação para a adoção do comportamento de separação adotado pelas pessoas nos diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos, secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, em um grupo de servidores e discentes do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano, os resultados indicaram que a necessidade de reaproveitamento dos resíduos é o fator principal para a adoção do comportamento de separação, seguida da separação dos resíduos em função de suas características ou semelhanças, da preocupação ambiental e do hábito ou costume adotado no cotidiano dos entrevistados.

As análises das entrevistas apontaram como principal fator de motivação, comum para todas as categorias de resíduos sólidos domésticos, a necessidade de reaproveitamento dos resíduos (17).

As motivações para essa "necessidade de reaproveitamento" (17) foram diversificadas, de acordo com a pergunta norteadora destinada a cada categoria de resíduos sólidos domésticos: secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis. Assim, foram comuns as respostas que continham as expressões "virando mesmo copos de uso de medida e de utilização", indicando que existia uma forma de reaproveitamento dos resíduos secos como utilidade doméstica em casa. As expressões "aproveitar na horta", "fazer esterco", "importante para as minhas plantas" foram objeto de referência para indicar uma necessidade de reaproveitamento em casa do resíduo orgânico, especialmente por meio da compostagem.

As expressões "é ter alguém que pega" e "tem uma moça que reaproveita" foram expressões típicas da indicação da necessidade de reaproveitamento por alguém que fizesse o recolhimento dos resíduos na residência dos entrevistados. "Se alguém pegasse" e "se alguém fosse utilizar" foram expressões usadas para indicar a necessidade de reaproveitamento por alguém que passasse na rua, após o descarte na lixeira. Tal comportamento pode indicar, ainda, uma maneira de transferir a responsabilidade do descarte para outra pessoa, normalmente de menor poder aquisitivo (SIQUEIRA; MARQUES, 2012).

Os estudos de Bringhenti e Günther (2011) e Konrad, Mazzarino e Turatti (2015) indicam a percepção das pessoas para o reaproveitamento dos resíduos sólidos motivados pelo seu reuso. O reaproveitamento ou reutilização de resíduos sólidos domésticos é de grande importância para a redução do descarte de resíduos, tendo em vista que os mesmos possuem outras formas de uso, antes da sua destinação na lixeira das pessoas que, na melhor das hipóteses, terá como destino final o aterro sanitário. No entanto, o alto potencial de degradação ambiental produzido pelo seu descarte inadequado vai muito além do seu reaproveitamento.

A reutilização ou reaproveitamento, segundo Marchi (2011), se resume às ações de utilização de resíduos com outras finalidades, visando à otimização máxima dos mesmos antes do descarte final. No entanto, a consciência do seu impacto no ambiente impõe a necessidade de diminuir de forma intensa seu depósito em aterros sanitários (JORGE, 2013), pois a geração de resíduos cresce à medida que aumenta o consumo (CORTEZ, 2011) e o desenvolvimento econômico e tecnológico de um país (EL-DEIR, 2014). A consciência dos consumidores e a percepção quanto à reutilização dos REEE, segundo Bovea et al. (2016), é

outro aspecto analisado na literatura, como nos estudos de Cruz-Sotelo et al. (2013) e Ylä-Mella et al. (2015).

O comportamento de separação motivado pela necessidade de reaproveitamento pode ser visto como a satisfação de uma necessidade pessoal, tendo em vista que a ação praticada se restringe a atitudes individuais dos entrevistados. Solomon (2011) destaca que o comportamento pode ser definido como um conjunto de ações influenciado por estímulos que decorrem de fatores pessoais, situacionais, ambientais e de marketing.

Corroborando esse entendimento, Kollmuss e Agyeman (2002) enfatizam que a orientação egoísta do indivíduo pode ser considerada como um fator motivador para o comportamento pró-ambiental, desde que sejam satisfeitas as suas necessidades pessoais. No entanto, a percepção ambiental individual se alinha às percepções dos grupos, levando as percepções coletivas que se assemelham (MUCELIN; BELLINI, 2008).

A separação, de acordo com a característica dos resíduos (14), apontada pelos entrevistados como motivação para a adoção do comportamento de separação indica que os resíduos são selecionados de acordo com a sua semelhança, onde os entrevistados atribuíram aos resíduos a característica de seco e orgânico, como forma de efetuar a separação, motivo pelo qual as expressões "lixo orgânico misturado com plástico, não dá certo" "e não fica misturado com o resíduo orgânico e junto com os secos" foram comuns nas falas dos entrevistados. Entre os entrevistados que diferenciam os resíduos orgânicos do lixo comum, o "aproveitamento na horta" foi apontado como fator motivador para a separação.

Tal característica indica que os entrevistados possuem uma consciência quanto à adoção de critérios necessários para a separação dos resíduos sólidos domésticos. No entanto, essa consciência da necessidade de separação dos resíduos do lixo comum nem sempre é convertida na adoção de atitudes pró-ambientais. A mudança de comportamento ainda está distante das preocupações ambientais, persistindo uma diferença entre as crenças, atitudes e comportamentos efetivamente postos em prática pelos indivíduos (GARDNER; STERN, 1996).

Os resíduos sólidos domésticos são constituídos por diferentes tipos de materiais, de modo que a sua separação por categorias é uma prática necessária, considerando que o material reciclável, quando misturado ao lixo orgânico, pode ser contaminado, o que leva à perda de seu potencial de reciclagem. Sobre a importância da separação, Grimberg (2004) destaca que os restos de alimentos, embalagens descartadas e objetos inservíveis, quando misturados, tornam-se lixo, o que leva à percepção de que o material pré-selecionado na fonte

geradora torna-se inutilizado por resíduos orgânicos ou tóxicos que foram separados de modo inadequado (CONKE, 2015).

A preocupação ambiental (13) foi apontada pelos entrevistados como fator de motivação para a adoção do comportamento de separação. Embora comum a dois grupos de resíduos, secos e eletroeletrônicos, a preocupação ambiental reflete a preocupação dos entrevistados com impacto ambiental causado pelos resíduos eletroeletrônicos. Tal fato pode ter sido influenciado pelo nível de escolaridade da amostra, tendo em vista que todos os discentes são da área de Ciências Agrárias, o que explica as expressões como: "Eu evito justamente para não prejudicar o meio ambiente", "a contaminação do solo", "porque leva muito tempo para o solo absorver isso".

Segundo a pesquisa nacional de opinião, "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável" (BRASIL, 2012), foi observado no Brasil nos últimos 20 anos o aumento da percepção acerca do reconhecimento de problemas ambientais, sendo esta tendência predominante entre as pessoas com maior nível de escolaridade e residentes em área urbana, independentemente de sexo e da renda. No entanto, a pesquisa aponta que o nível de escolaridade está relacionado diretamente com uma maior consciência ambiental. Ainda assim, essa consciência ambiental nem sempre é convertida em ações sustentáveis. Corroborando esse entendimento, Mucelin e Bellini (2008) enfatizam que a existência de um nível educacional maior não assegura hábitos mais saudáveis para o ambiente urbano.

No entanto, a percepção das pessoas com a preocupação com o meio ambiente é um passo inicial para a mudança de hábitos de descarte incorreto de resíduos sólidos domésticos. Sobre a preocupação ambiental, Ortiz (2011, p. 34) destaca que

[a] preocupação da sociedade com o meio ambiente é o primeiro passo para modificar hábitos de consumo que promovam a redução na produção de resíduos sólidos, o melhor aproveitamento dos recursos existentes e a capacidade de reconhecer, recolher e separar os materiais passíveis de reciclagem. (ORTIZ, 2011, p. 34).

A separação adequada dos resíduos sólidos domésticos na fonte geradora aumenta o potencial de reciclagem dos resíduos sólidos, além de ser um avanço para a construção de novos hábitos, que podem levar a eficiência de programas de coletas seletivas.

A cultura, o hábito e o costume (4) foram indicados como motivação para a adoção do comportamento de separação entre os entrevistados, o que indica que a atitude das pessoas está relacionada às crenças e aos valores instituídos na cultura do lugar.

O comportamento humano, segundo vários autores, é a base dos problemas ambientais e está sujeito à influência de vários fatores. Enquanto os valores, as crenças e as normas pessoais possuem influência positiva sobre o comportamento, a força do hábito pode oferecer uma interferência negativa (JANSSON; MARELL; NORDLUND, 2010).

Os hábitos cotidianos contribuem para que o morador urbano não reflita sobre as consequências de tais hábitos, mesmo quando possui informações e conhecimento a esse respeito, o que implica na produção exagerada de lixo e na forma com que esses resíduos são dispostos no ambiente, provocando constantes agressões ao contexto urbano e fora dele (MUCELIN; BELLINI, 2008). Mesmo diante da evidência do potencial poder de contaminação biológica no meio ambiente provocado pelo descarte inadequado dos resíduos domiciliares, há uma tendência das pessoas, independente da formação, nível cultural e posição na sociedade, em não perceberem os riscos existentes (CUSSIOL; ROCHA; LANGE, 2006).

Para Salgado e Cantarino (2006), o problema da geração de resíduos é uma questão inevitável que está associada à transformação dos costumes, hábitos e comportamentos da população, de modo que a implantação de políticas ambientais, educação para o consumo, práticas que estimulem o envolvimento individual, ações que respeitem o limite de absorção de resíduos pelo planeta, e que favoreçam, simultaneamente, a melhoria das condições sociais, econômicas e ambientais são imprescindíveis para conter as ameaças ao meio ambiente.

Diante desse contexto, percebe-se que existem problemas relacionados à gestão integrada dos resíduos sólidos domiciliares urbanos entre os servidores e discentes do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano, especialmente quanto às atitudes dos indivíduos relacionados à consciência no processo de separação e acondicionamento das categorias de resíduos. No entanto, os mesmos já possuem conhecimento e demonstram consciência sobre a importância da adoção de comportamentos mais adequados, especialmente na separação dos resíduos sólidos do lixo comum.

4.4. MOTIVAÇÃO PARA A NÃO ADOÇÃO DO COMPORTAMENTO DE SEPARAÇÃO

Com o objetivo de identificar os fatores de motivação para a não adoção da separação dos resíduos sólidos domésticos, pelos entrevistados para as categorias de resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, foram identificadas as características comuns nas falas dos entrevistados. Para a análise dos fatores para a não adoção da separação foram seguidas todas as fases da análise anterior.

Inicialmente, são apontadas as unidades de registro para a categoria resíduos secos, a partir do reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo seco produzido na sua residência do lixo comum? Se não, o que impede essa separação?"

O Quadro 14 aponta as unidades de registro para a categoria de resíduos domésticos secos:

Quadro 14: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos secos

Categoria A - Resíduos domésticos secos	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo seco produzido na sua residência do lixo comum? Se não , o que impede essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Coleta misturada	E1: Porque se você fizer uma separação e por lá, eles juntam e põem num caminhão só . Na verdade, você só tem perda de tempo. Então, não tem a seleção.
Coleta misturada	E3: É porque eu sei que a gente não tem a coleta seletiva na cidade, então para quê que eu vou separar se vai recolher tudo junto?
Coleta misturada	E9: Porque lá em casa, não tem como correr atrás de alguém para coletar tudo certinho. Então, do jeito que eu pego lá eu ponho no lixo, o caminhão vem e mistura tudo também . Então não me preocupo.
Coleta misturada	E10: Não. Deveria ter uma motivação para a gente querer reciclar. Por exemplo, o caminhão que vem, a gente já coloca separadinho, a gente sabe que vai ser colocado no local que deveria, não jogar em qualquer lugar, e aí, ter uma consciência maior. Mas nada é separado, vai tudo misturado mesmo.
Coleta misturada	E11: O que impede hoje primeiramente é o conhecimento. Você ter conhecimento se o resíduo de determinado produto ele pode ou não ser reciclado, se ele é ou não um resíduo. Segundo se tem um projeto na cidade que atenda a toda a população. Porque não faz sentido eu fazer toda a separação e depois a prefeitura ir lá e buscar tudo junto e eu saber que eu fiz o meu papel, mas a prefeitura não faz a dela de reciclagem , de separação disso. Então acho que são esses dois fatores os principais.
Não tem coleta seletiva	E12: Primeiro falta de incentivo e política pública, porque não tem nenhuma coleta seletiva , não tem destinação. Por isso não é adotado. Esse é o principal fator. Talvez alguma latinha a gente deixa já separado para facilitar a vida do catador.
Não tem coleta seletiva	E13: O que me impede de separar de plástico e vidro ou de embalagem longa vida, é saber que tudo vai misturar no final Se houvesse realmente uma coleta seletiva, com certeza eu faria.
Coleta misturada	E14: Você separa o metal do vidro, do orgânico, do papel, mas chega o lixeiro lá e põe tudo no caminhão. Mistura e não adianta. Joga tudo no lixo.
Falta de tempo	E15: Uai, acho que é por falta de tempo, preguiça também, (risos) e disponibilidade também.
Não tem coleta seletiva	E16: Acho que um pouco da cultura de não ter essa separação, porque quem faz a coleta do lixo lá em casa não sou eu, é minha avó, no caso. É da cultura dela, o tipo, junta tudo e joga fora. E outra coisa é que realmente, em Rio Verde não tem uma coleta seletiva. Então já vem da cultura do Rioverdense não jogar, não

	separar.
Não tem coleta seletiva	E17: A principal motivação é a de que não há uma coleta do serviço público municipal . Então mesmo que eu o fizesse, na minha casa, ele seria colocado no mesmo caminhão de coleta. Então, na realidade, eu faria essa separação na minha casa, mas infelizmente, ao ser destinado ao local onde eles são depositados, eles seriam novamente misturados. Essa é a principal motivação de não fazê-lo.
Coleta misturada	E19: Porque eu penso na forma de coletar. Porque às vezes eu penso, eu vou separar, mas vão coletar e vai para o mesmo local . Daí eu não perco esse tempo. Eu até faço uma pré-separação, mas na hora de botar lá na lixeira, e vai em um saco só. Porque é a mesma empresa que vai coletar, né. Vai para o mesmo local.
Falta de tempo	E24: Acho que tempo e falta de organização mesmo . É mais confortável, não sei. Parece que você já pegar e guardar o lixo lá, você nem pensa nisso, a verdade.
Não tem coleta seletiva	E26: Porque não tem coleta seletiva . Então, não justificaria eu separar um lixo, que eu sei que ele vai ser todo descartado. Juntado e descartado.
Não tem coleta seletiva	E27: Eu adotava. Aí eu parei. Hoje eu não adoto não. Eu juntava todos os pets e latinhas de alumínio, sabe, e descartava nos locais. Só, que, como a distância era muito grande da minha casa, eu larguei de mão. Não faço mais não. Tinha que levar. Não tem coleta , né.
Falta de tempo	E28: Acho que não faz, por falta de tempo e de local para descartar .
Não tem coleta seletiva	E30: A motivação, ela é praticamente nula, visto que, não existe uma coleta separada . E, mesmo que eu faça essa separação, eu vou ter um trabalho em vão, ali. Porque vai acabar indo para o mesmo local.

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Dessa forma, para os resíduos secos, foram identificadas as seguintes unidades de registro: coleta misturada, não tem coleta seletiva e falta de tempo.

Em seguida, foram identificadas as unidades de registro para a categoria de resíduos orgânicos, a partir do reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo orgânico produzido na sua residência do lixo comum? Se não, o que impede essa separação?".

O quadro abaixo demonstra as unidades de registro para a categoria de resíduos orgânicos:

Quadro 15: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos orgânicos

Categoria B - Resíduos orgânicos	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo orgânico produzido na sua residência do lixo comum? Se não , o que impede essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Coleta misturada	E3: Porque leva tudo junto mesmo , então pra quê que eu vou separar.
Não tem motivação	E4: Não. Junto com o lixo comum. Não sei. Se eu pudesse fazer uma separação, um preparo, para aproveitar alguma coisa como horta, eu até aproveitaria. Mas como eu não tenho nada, eu só joga no lixo comum mesmo.
Falta de tempo	E6: Porque eu saio muito cedo e só chego de noite . Às vezes quando chego, o lixeiro já passou. Geralmente, resto de comida e papel higiênico, esses negócios, vai em sacola separada e aí, eu reúno tudo num saco só. Mas não é sempre que ponho

	num saco só. Normalmente eu vou jogando lá na calçada mesmo e, o lixo vai pegando.
Coleta misturada	E7: Eu acho que é por não ter separação lá, no lixo mesmo. Então ela deixa tudo junto. Já por ela saber que lá não tem separação.
Não tem coleta seletiva	E9: Ponho tudo junto no mesmo lugar, porque não tem coleta, nem nada.
Coleta misturada	E10: A mesma que eu citei na passada. O fato de não ter ninguém que faça o recolhimento separado.
Não tem coleta seletiva	E11: Pelo motivo que não tem separação, não atende no meu bairro. Se tiver eu não tenho conhecimento e peço até por não procurar, porque isso tem que partir de nós também, de procurar. Só que também a gente peca por não ter um programa da própria prefeitura, em divulgar, em atender, como folders, cartazes chegar em casa, entregar alguma coisa e explicar os dias e os horários da coleta seletiva em seu bairro.
Hábito	E12: Nenhuma motivação que impeça, é o hábito que a gente já tem
Não tem coleta seletiva	E13: É como eu te falei, normalmente uma parte eu reaproveito, a outra parte não tem como, eu jogo fora, tanto o lixo orgânico quanto o seco. Mas eu não separo justamente não ter uma coleta seletiva.
Coleta misturada	E14: É a mesma que eu citei anteriormente, porque vai tudo para o lixo.
Hábito	E15: Porque, geralmente, quando você separa você tem duas vasilhinhas e eu só tenho uma, que eu coloco a sacolinha de supermercado. Daí eu coloco tudo junto lá. Mas é porque... não sei te falar, é displicência, hábito, da rotina mesmo.
Não tem motivação para reaproveitar	E16: Porque lá em casa a gente não adota horta. E como a gente não adota horta, e também não tem um lugar para levar ou alguém que adote, que utiliza esse alimento orgânico como adubo, a gente acaba descartando.
Não tem coleta seletiva	E17: Continua sendo a mesma pelo fato de que não existe um serviço, né, de coleta, que poderia fazer a utilização desses materiais. Como não há, infelizmente, né, culturalmente, a gente já despreza no mesmo local.
Coleta misturada	E19: Porque eu penso na forma de coletar. Eu vou separar, mas vão coletar e vai para o mesmo local.
Falta de conhecimento	E22: Nada me impede, às vezes falta de conhecimento de como separar, do destino para dar para esse lixo. Mas eu faria normalmente.
Coleta misturada	E24: A gente não faz nenhum tipo de procedimento. Eu pego embalagem e coloco fora, a não ser que, por exemplo, seja o óleo. Uma vez, eu abri e senti o cheiro diferente, e aí a gente guardou e depois a gente mandou para fazenda. Se não fora isso, não. E a desmotivação, por ser recolhido com tudo junto, com todos os outros e, depois misturado.
Não tem motivação para reaproveitar	E26: Pelo fato de que eu não consigo reaproveitar isso lá. Poderia fazer a compostagem, mas eu não faço. Até porque, eu não tenho espaço lá, para planta e nem tenho planta. Então, não tem como reaproveitar nada.
Considera o resíduo como lixo	E27: Creio que não (risos). Não tenho não. Eu trato como lixo, na verdade. Eu acho que é lixo e é lixo. Então vai para o lixo.
Coleta misturada	E28: Porque eu coloco no lixo normal, mesmo. Não tem nada específico que me impede de se separar. É recolhido tudo junto mesmo.
Coleta misturada	E30: É a mesma. Não vejo a finalidade da separação, visto que a coleta vai juntar tudo, no mesmo pacote.

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Dessa forma, para os resíduos orgânicos, foram identificadas as seguintes unidades de registro: coleta misturada, não tem motivação, falta de tempo, hábito, não tem motivação para reaproveitar, não tem coleta seletiva, falta de conhecimento e considera o resíduo como lixo.

Objetivando identificar as unidades de registro para os resíduos eletroeletrônicos, a partir do reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a

seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo eletroeletrônico produzido na sua residência do lixo comum? Se não, o que impede essa separação?"

O Quadro 16 demonstra as unidades de registro identificadas para a categoria de resíduos eletroeletrônicos:

Quadro 16: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos eletroeletrônicos

Categoria C - Resíduos eletroeletrônicos	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo eletroeletrônico produzido na sua residência do lixo comum? Se não , o que impede essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Coleta misturada	E6: Pilhas, este negócio de controle, esses “troços”, eu jogo tudo lá no lixo mesmo e vai embora. Mesmo a gente sabendo que é errado, né? Tem esse negócio, a gente sabe que é errado, que tem esse negócio de radiação. Mas fazer o que, né? Eu mando assim mesmo. Vai embora!!! Só o vidro, esse negócio que corta... tudo dá para separar. Mas o resto, vai tudo junto mesmo.
Coleta misturada	E8: Não saber se tem necessidade ou alguma coisa do tipo. Porque vai parar ao mesmo lugar, né. Não sei se lá separa, ou como é que é.
Coleta misturada	E9: Não. Porque tudo vai para o mesmo lugar , então não tem porque separar.
Não tem coleta seletiva	E14: Vai para o lixo comum. Não tem coleta seletiva. Fica junto mesmo.
Não tem coleta seletiva	E17: E, novamente, eu sou obrigado a dizer a você, que é descartado no meio para que a coleta do município venha e pegue e dê a destinação, né, para ele, porque eu não tive a preocupação de fazer porque não existe uma coleta seletiva, realmente ali.
Falta de ponto de entrega voluntária	E20: Até pouco tempo, sim. A gente foi fazer um limpa em casa, e aí, fios, carregadores de celular que não usa mais, controles que a gente nem sabe do que era. Infelizmente foi para o lixo doméstico, porque o ecoponto não está funcionando. Está sem ponto de entrega voluntária em Rio Verde
Coleta misturada	E30: É tudo junto. Novamente volta na questão da coleta. Assim, eu não tenho motivação para separar e depois ver o caminhão passando lá, e juntando tudo. Então, já que de todo jeito será juntado, eu não tenho esse trabalho.

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Para os resíduos eletroeletrônicos, foram identificadas as seguintes unidades de registro: coleta misturada, não tem coleta seletiva e falta de ponto de entrega voluntária.

Finalmente, para identificar as unidades de registro para os resíduos têxteis foi efetuado o reagrupamento pelas semelhanças contidas nas respostas dos entrevistados para a seguinte pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo têxtil produzido na sua residência do lixo comum? Se não, o que impede essa separação?"

O quadro, a seguir, demonstra as unidades de registro para a categoria de resíduos têxteis:

Quadro 17: Semelhanças apontadas nas entrevistas/resíduos têxteis

Categoria D - Resíduos têxteis	
Pergunta norteadora: "É adotada alguma forma de separação do resíduo têxtil produzido na sua residência do lixo comum? Se não , o que impede essa separação?"	
Características comuns/temas	Verbalizações das entrevistas
Pequena quantidade	E2: Nada me impede, mas como é em pequena quantidade , é sempre assim, é só aquele paninho ali... Daí acaba descartando no lixo comum mesmo.
Não tem coleta seletiva	E3: Vai tudo junto. A motivação seria a mesma, a falta de coleta seletiva . Porque eu sei que não tem, né? Daí desmotiva.
Coleta misturada	E4: Ah, esses eu descarto no lixo comum, junto com os demais, porque pega tudo junto mesmo .
Não tem coleta seletiva	E7: Não. Só coloca dentro de uma sacolinha mesmo e joga fora. A motivação é o fato de não haver uma separação do próprio lixo. Leva tudo junto .
Coleta misturada	E8: Nenhuma. O fato é que é recolhido tudo junto mesmo .
Não tem coleta seletiva	E9: Por não ter pessoas para coletar, para reutilizar.
Não tem coleta seletiva	E10: Nenhuma. É o normal mesmo, Igual de antes. O fato de não ter ninguém que faça o recolhimento separado .
Hábito	E11: Vai junto com o lixo comum. Não tenho motivação para não fazer. O hábito mesmo .
Hábito	E12: Sem motivação específica. É o hábito que a gente já tem mesmo .
Hábito	E13: Quando é trapo, não dá para fazer um pano de chão, nada, aí eu joga no lixo. Sem motivação. É o hábito mesmo .
Não tem coleta seletiva	E14: Joga fora no lixo comum sem separação. O motivo é o mesmo, não tem coleta .
Não tem coleta seletiva	E16: Não. O mesmo motivo dos outros, não tem coleta seletiva . E se tiver alguém que reutiliza para fazer outra coisa também não tenho informação
Não tem coleta seletiva	E17: A motivação seria então ainda não ter ali uma coleta separada . Ao separá-lo se a gente o fizesse, quando chegasse o coletor na porta da residência misturaria novamente, porque é o único meio.
Pequena quantidade	E18: Por exemplo, ele eu não coloco em uma sacolinha separado, como eu faço com a comida, com a pilha, com o vidro, né. Eu joga lá no saco de lixo comum. São poucas vezes e em pequena quantidade .
Pequena quantidade	E19: É porque é algo que não serve mais para mim e nem vai servir para ninguém, né e não é tão difícil de decompor, como outros. Então é algo que já não dá mais para utilizar. E aí, eu coloco no lixo comum. Mas é bem pouco, uma quantidade bem pequena mesma .
Hábito	E20: Eu não sei. Deveria separar. Mas eu acho que é uma forma natural mesmo, de colocar na sacolinha de lixo e vai embora. Natural, mas não correta. Faça parte do hábito, talvez . Mas é muito pouco o que é descartado. Só o que não der para reaproveitar mesmo.
Não tem coleta seletiva	E26: Eu acredito que não tem coleta seletiva. Não tem como eu separar isso lá. Eu ... só tem um tipo de lixo. Então, é bem para lá que eu joga.
Não tem coleta seletiva	E27: Não é adotada. Então estou jogando fora. Falta mais o destino correto, separado. Mas não tem coleta, mesmo . E também, assim, eu não corro atrás, também disso.
Hábito	E28: Não. Vai para o lixo comum, sem separação. Não, não tem motivação (risos). É o hábito mesmo de colocar no lixo .
Não tem coleta seletiva	E30: Não tenho nenhum outro tipo de informação que me leve a separar e como a coleta é unificada também, não separo .

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Para os resíduos têxteis, foram identificadas as seguintes unidades de registro: pequena quantidade, não tem coleta seletiva, coleta misturada e hábito.

Em seguida, os temas foram agrupados nas categorias definidas, em unidades comparáveis de categorização, para a análise temática da frequência que aparecem em cada categoria de resíduos, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 18: Agrupamento dos temas motivação para a não separação/categoria de resíduos

Temas	Secos	Orgânicos	Eletroeletrônicos	Têxteis	Total
Coleta misturada	7	8	4	2	21
Falta de coleta seletiva	7	4	2	10	23
Falta de tempo	3	1			4
Falta de motivação		3			3
Hábito		2		5	7
Falta de ponto de entrega voluntária			1		1
Pequena quantidade				3	3
Falta conhecimento		1			1
Considera tudo como lixo		1			1

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Desse modo, as categorias de resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis foram representadas pelos seguintes temas: coleta misturada, falta de coleta seletiva, falta de tempo, falta de motivação, hábito, falta de ponto de entrega voluntária, pequena quantidade, falta de conhecimento e considera tudo como lixo.

Após a codificação e análise dos dados, foram consideradas a frequência que a unidade de registro aparece e a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto. Foram apontados como fatores que impedem a separação dos resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis do lixo comum pelos entrevistados: a falta de coleta seletiva ou coleta misturada (44), a cultura ou hábito (7) e falta de tempo (4), conforme demonstrado no Quadro 19:

Quadro 19: Percepção de barreiras para a não adoção de separação entre os entrevistados

Não separa	Seco	Orgânico	Eletroeletrônico	Têxtil	
Falta de coleta seletiva/coleta misturada	14	12	6	12	44
Falta de tempo	3	1			4
Cultura/hábito		2		5	7

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

A falta de coleta seletiva ou a coleta misturada dos resíduos foi o principal fator apontado pelos entrevistados como barreira que impede a separação dos resíduos, seguida do hábito ou costume adotado no cotidiano dos entrevistados e, por último, a falta de tempo.

O estudo de Mucelin e Bellini (2008) aponta que o hábito dos atores, no que diz respeito ao lixo gerado em suas residências, é influenciado, entre outras coisas, pela percepção que os mesmos têm do serviço de coleta da cidade. De acordo com os autores, a percepção do serviço público local estimula as atitudes despreocupadas com a segregação.

Dados do IBGE (2012) apontam que a maior parte das cidades brasileiras dispõe de serviços de coleta que não prevê a separação dos resíduos na fonte, o que agrava os problemas ambientais causados pelo descarte incorreto de resíduos. Em última pesquisa divulgada (IBGE, 2015), o indicador coleta seletiva de lixo foi retirado, não sendo apresentada a atualização dos dados.

Sabe-se que uma das exigências da Política Nacional de Resíduos Sólidos, a coleta seletiva, é de responsabilidade do poder público municipal de maneira integrada ao Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos. No entanto, a responsabilidade do cidadão não pode ser eximida. O gerenciamento de resíduos sólidos envolve um conjunto de ações integradas e, segundo Mesquita Júnior (2007), deve extrapolar os limites da administração pública, considerando o aspecto social como parte do processo. Assim, a gestão não se restringe apenas a governos, independentemente das esferas federal, estadual ou municipal, mas, sobretudo, de iniciativas da comunidade e de hábitos do cidadão com relação ao seu descarte adequado.

Quanto à percepção dos entrevistados acerca da cultura, hábito e costume (4), constata-se que são fatores de motivação para a não separação dos resíduos do lixo comum, e indica que a atitude das pessoas está relacionada às crenças e aos valores instituídos na cultura do lugar, o que agrava a problemática ambiental. A falta de consciência e condutas inadequadas dos indivíduos, em se tratando de separação, acondicionamento e destinação final de resíduos sólidos urbanos, é apontado por diversos autores – Mucelin e Bellini (2008), Pimenta et al. (2013), Zilliotto e Reis (2014), Costa e Teixeira (2014), Avelino (2014) e Schio (2016) – o que na prática demonstra que nem todos os cidadãos estão dispostos a separar os resíduos na fonte geradora, transferindo a responsabilidade de suas ações ao poder público. As razões para não separar os resíduos, a exemplo da "falta de tempo", ou outras motivações que indiquem a necessidade de um esforço extra, são suficientes para a adoção de atitudes que promovam a degradação ambiental, podendo ocasionar danos a todos os cidadãos.

As atividades cotidianas, muitas vezes, mascaram circunstâncias visíveis, mas não perceptíveis. Mesmo em situações com graves impactos ambientais, os hábitos cotidianos concorrem para que o morador urbano não reflita sobre as consequências de tais hábitos, mesmo quando possui informações a esse respeito (MUCELIN; BELLINI, 2008). As pessoas revelam em suas falas o desejo e o interesse pela preservação ambiental, no entanto, na prática, nem sempre é traduzido em comportamentos ambientalmente responsáveis (FREESTONE; MC GOLDRICK, 2008).

É evidente a necessidade de se estudar e tratar as questões relativas aos resíduos sólidos de forma integrada e estratégica (PIRANI, 2010), de modo a buscar alternativas que atenuem o impacto do descarte inadequado sobre o meio ambiente.

Para que haja a mudança no comportamento da população quanto à destinação correta dos resíduos no âmbito de suas residências, é necessário que o indivíduo perceba a dimensão do impacto de suas ações e reconheça o seu importante papel para a efetividade da gestão de resíduos sólidos e o sucesso das políticas públicas, objetivando o enfrentamento dos problemas ambientais.

4.5. ANÁLISE ESTRUTURAL DA MOTIVAÇÃO PARA A ADOÇÃO DE SEPARAÇÃO MAPEADA COM O *SOFTWARE* IRAMUTEQ

A análise de conteúdo realizada identificou como fatores motivacionais para a adoção do comportamento de separação dos resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, a necessidade de reaproveitamento, a separação de acordo com a característica dos resíduos, sendo mais comum em secos e orgânicos, a preocupação ambiental especialmente quanto aos resíduos eletroeletrônicos e a cultura ou hábito.

De modo a aprofundar a análise das entrevistas, foi utilizado o *software* IRAMUTEQ. De acordo com o tutorial básico de utilização, o IRAMUTEQ é um *software* de análise textual baseado em estatísticas (utilizando *software* estatístico R) que possibilitam ligações e outras características textuais, bem como o posicionamento e a estruturação de palavras no texto, com indicadores e visualizações intuitivas sobre a estrutura e ambientes do texto proposto para a análise. Camargo e Justo (2013), no tutorial de análise do *software*, destacam que se trata de um *software* gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud e

licenciado por GNU GPL (v2), o qual permite análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras.

Segundo o tutorial desenvolvido por Camargo e Justo (2013), a análise textual é um tipo específico de análise de dados, de material verbal transcrito, a qual possui várias finalidades, sendo possível analisar textos, entrevistas, documentos, redações, entre outros.

O *software* IRAMUTEQ, segundo Camargo e Justo (2013), permite a possibilidade de diferentes formas de análise de dados textuais, desde as mais simples, como a lexicografia básica (como cálculo de frequência de palavras), até as mais complexas, como as análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análise pós-fatorial).

Segundo o tutorial, as análises lexicográficas clássicas identificam e reformatam as unidades de texto, identificam a quantidade de palavras, frequência média e número de *hapax*. Elas também pesquisam o vocabulário e reduzem as palavras com base em suas raízes (lematização), criam dicionário de formas reduzidas e identificam as formas ativas e suplementares (CAMARGO; JUSTO, 2013)

As análises de especificidades permitem associar textos de banco de dados com variáveis, ou seja, permitem analisar a produção textual em função de variáveis de caracterização. Trata-se de uma análise de contraste em que o *corpus* é dividido em função da variável escolhida pelo pesquisador (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O método de classificação hierárquica descendente (CHD), de acordo com o tutorial desenvolvido por Camargo e Justo (2013), permite a classificação dos segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários e o conjunto deles é repartido de acordo com a frequência das formas reduzidas.

Ainda, de acordo com Camargo e Justo (2013), o programa possibilita uma outra forma de apresentação dos resultados, por meio de uma análise fatorial de correspondência feita a partir de CHD. Com base nas classes escolhidas, o programa faz o cálculo e fornece os segmentos de texto mais característicos de cada classe.

A análise de similitude, de acordo com o tutorial desenvolvido por Camargo e Justo (2013), possibilita identificar as coocorrências entre as palavras, e seu resultado traz indicações da conexidade entre as mesmas, auxiliando na identificação da estrutura da representação. Essa análise possibilita a geração de representações denominadas "árvores", que diferentemente do dendograma, a forma que aparece em tamanho maior é sempre aquela que ocorre em um número maior de segmentos de texto, a qual se ramifica em várias direções, até outras formas, que também se ramificam. Quanto mais espessa se apresenta essa

ramificação entre as palavras, maior é o número de vezes que se inter-relacionam (SILVA, 2016).

De acordo com o tutorial desenvolvido por Camargo e Justo (2013), a nuvem de palavras agrupa e organiza as mesmas graficamente em função da sua frequência. É uma análise lexical mais simples, no entanto, graficamente interessante.

Para que se possa compreender a análise textual, o tutorial desenvolvido por Camargo e Justo (2013) explica alguns conceitos importantes. O *corpus* trata do conjunto de textos que se pretende analisar e cada texto constitui-se de segmentos de texto, os quais podem ser dimensionados pelo pesquisador.

O *software* IRAMUTEQ, de acordo com Rodríguez (2016), foi pensado para resolver os problemas de análise de questionários abertos, sendo utilizado com êxito no Brasil, em áreas como a de Ciências Sociais.

IRAMUTEQ fue pensado, inicialmente, para dar respuesta a la problemática que suponía el tratamiento estadístico-informático de preguntas abiertas de encuestas y ha sido empleado con éxito en investigaciones del campo de las Ciencias Sociales, sobre todo, en Brasil. (RODRÍGUEZ, 2016, p. 247).

Além do tutorial de utilização do *software* IRAMUTEQ desenvolvido por Camargo e Justo (2013), subsidiaram o conhecimento para a adoção e utilização da ferramenta de análise textual IRAMUTEQ, a tese de Rodríguez (2016) e a dissertação de Silva (2016).

Na presente análise, por meio da utilização do *software* IRAMUTEQ, as respostas transcritas dos entrevistados quanto à motivação para a adoção do comportamento de separação para as categorias de resíduos secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis foram organizadas em um único texto (*corpus*) organizado por linhas de comando (linhas de asteriscos), onde foram informados os números de identificação do texto. As variáveis adotadas para a realização da análise textual indicaram o número corresponde à entrevista efetuada (ent_n), seguida das categorias A, B, C e D. A categoria "A" indica as respostas dos entrevistados correspondentes aos resíduos secos; a categoria "B" corresponde aos resíduos orgânicos; a categoria "C", aos resíduos eletroeletrônicos; e a categoria "D", aos resíduos têxteis.

Os textos do *corpus* textual foram configurados de acordo com as orientações constantes no tutorial desenvolvido por Camargo e Justo (2013), e antes de sua importação para o *software* IRAMUTEQ, para o processamento da análise, o *corpus* textual foi submetido a vários procedimentos de "limpeza" do *corpus* de modo a evitar o resultado de "erro" do

software. Neste entendimento, Silva (2016) destaca que para que o *software* proceda à análise devem ser feitos alguns procedimentos para que a importação do *corpus* textual não resulte em mensagem de erro. Após o preparo, deve ser efetuada a importação dos *corpora*.

Foram retiradas de cada segmento de texto parágrafos, parênteses, reticências e pontos de interrogação. Foi efetuada a uniformização de termos com a troca de palavras diminutivas, como "sinhorzinho" por "senhor", "separadinho", por "separado", entre outras. Foi efetuada a substituição de ênclises e mesóclise por próclises, visto que o dicionário do *software* não compreende as flexões dos verbos na forma pronominal. Ainda, foram corrigidas algumas flexões verbais e nominais.

Após a importação do *corpus* textual, foi necessária novamente a "limpeza" do *corpus* com a retirada de expressões e palavras repetidas em um mesmo segmento de texto, a retirada de expressões "tipicamente" goianas, como "né", "então", "a gente", "entendeu", "coisa" e "trem", sendo as últimas substituídas pelas palavras resíduo ou lixo, de acordo com o modo como foram empregadas na fala do entrevistado. Em todas as adequações feitas no *corpus* textual, procurou-se manter a íntegra das ideias refletidas nas falas dos entrevistados.

Após as etapas do tratamento e "limpeza", o *corpus* textual foi importado para o *software* com as configurações exigidas no tutorial. Abaixo, segue o formato do *corpus* textual importado para o Iramuteq:

```
**** *text_01*ent_02*cat_A
```

É para reaproveitar na horta. As caixas e as garrafas pet são usadas para fazer mudas. As embalagens de vidros de azeitona e palmito acabam virando vidros de conserva. Os copos de requeijão acabam virando copos de uso e de medida para reutilização lá em casa.

Após a importação do *corpus* no *software*, sem que ocorresse nenhuma mensagem de "erro", foi apresentada a descrição do *corpus*, contendo dados como número de textos, de segmentos de texto, de formas identificadas, total de ocorrências e número de hapax (palavras que aparecem uma única vez no texto).

A utilização de *softwares* de análise lexical, segundo Camargo e Justo (2013), possibilita a análise de bancos de dados de volumes maiores e de maior complexidade, podendo fornecer maior detalhamento aos pesquisadores no momento de explorar, descrever e comparar os dados, sem que se perca o contexto em que as palavras aparecem, tornando possível a integração de níveis qualitativos e quantitativos na análise, de modo a trazer uma maior objetividade e avanço às interpretações dos dados textuais.

No entanto, de acordo com os autores, os programas informáticos não passam de ferramentas, sendo as decisões do pesquisador essenciais em todas as etapas da análise. O conhecimento inerente ao pesquisador, acerca dos dados, da linguagem, do tema, da pesquisa e do uso do software é capaz de ampliar e de limitar uma análise, pois, “apenas o conhecimento externo do analista o habilita a interpretar os dados” (LAHLOU, 2012, p. 38).

Desse modo, ressalta-se que a intenção de utilização dos recursos do software IRAMUTEQ, nesta pesquisa, possui o condão de potencializar a análise de conteúdo de modo a validar as interpretações dos dados textuais efetuados pela pesquisadora.

Na sequência, seguem as análises auferidas a respeito da motivação para a adoção do comportamento de separação a partir da análise do dendograma, dos perfis de classes e das árvores de palavras.

4.5.1. Análise a partir do dendograma, dos perfis de classes (clusters) e das árvores e nuvens de palavras.

O objetivo desta análise é a obtenção de classes de segmentos de texto que apresentam, simultaneamente, vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes. A partir dessas análises em matrizes, o *software* organiza e analisa os dados em um dendograma de CHD, em que se ilustram as relações entre as classes. O programa executa cálculos e fornece resultados que permitem a descrição de cada uma das classes, principalmente pelo seu vocabulário característico (léxico) e pelas suas palavras com asterisco (variáveis).

A análise CHD efetuada pelo *software* Iramuteq, por meio do método de Reinert, gera gráficos com ilustrações das classes e das relações estabelecidas entre elas. Entre eles, os dendogramas e as árvores de palavras são importantes instrumentos de análise de textos (SILVA, 2016).

No dendograma são distribuídas as formas em diversas classes ou *clusters*, dispostos horizontalmente e em diversas cores. As classes são compostas por segmentos de texto que simultaneamente apresentam vocabulário semelhante entre si e diferentes dos segmentos de texto de outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Com base nas classes identificadas, o programa faz o cálculo e fornece os segmentos de texto mais característicos de cada classe.

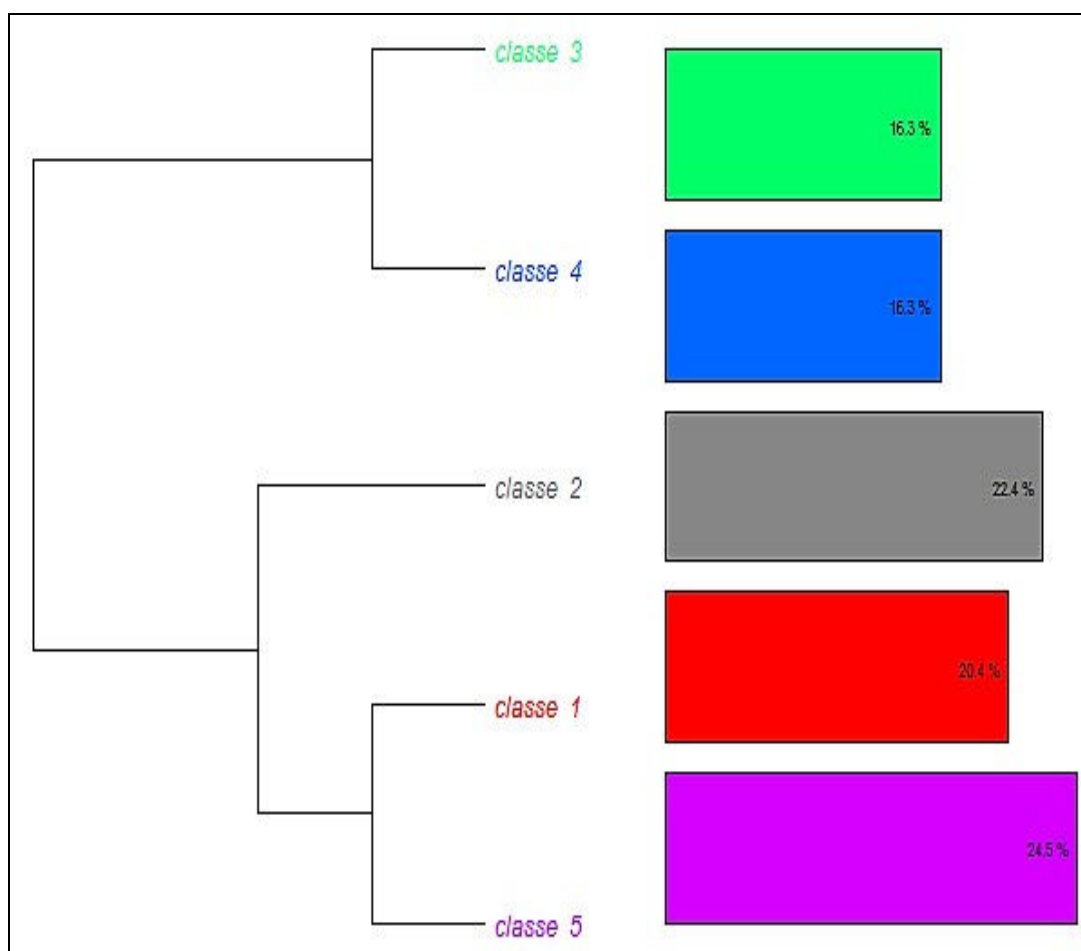
O dendograma resultante da análise do *corpus* constituído pelas respostas dos 30 entrevistados para o questionamento quanto à adoção de algum critério de separação dos resíduos do lixo comum, para as categorias de resíduos secos (A), orgânicos (B), eletroeletrônicos (C) e têxteis (D), apresenta a formação de 5 classes.

Inicialmente, o *corpus* "motivação" foi dividido em 2 sub-corpus. Em seguida, um sub-corpus foi dividido em outras 3 partições. De um lado, as classes 5, 1, e 2 e de outro as classes 4 e 3. Assim, a classificação hierárquica descendente (CHD) obteve 5 classes estáveis, ou seja, compostas de unidades de texto com vocabulário semelhante.

Com base nas classes identificadas, o programa faz o cálculo e nos fornece os segmentos de texto mais característicos de cada classe.

O dendograma da Figura (15) apresenta as partições feitas no *corpus* até que se chegasse às classes finais.

Figura 15: Dendograma de classes



Fonte: Dados da pesquisa da autora

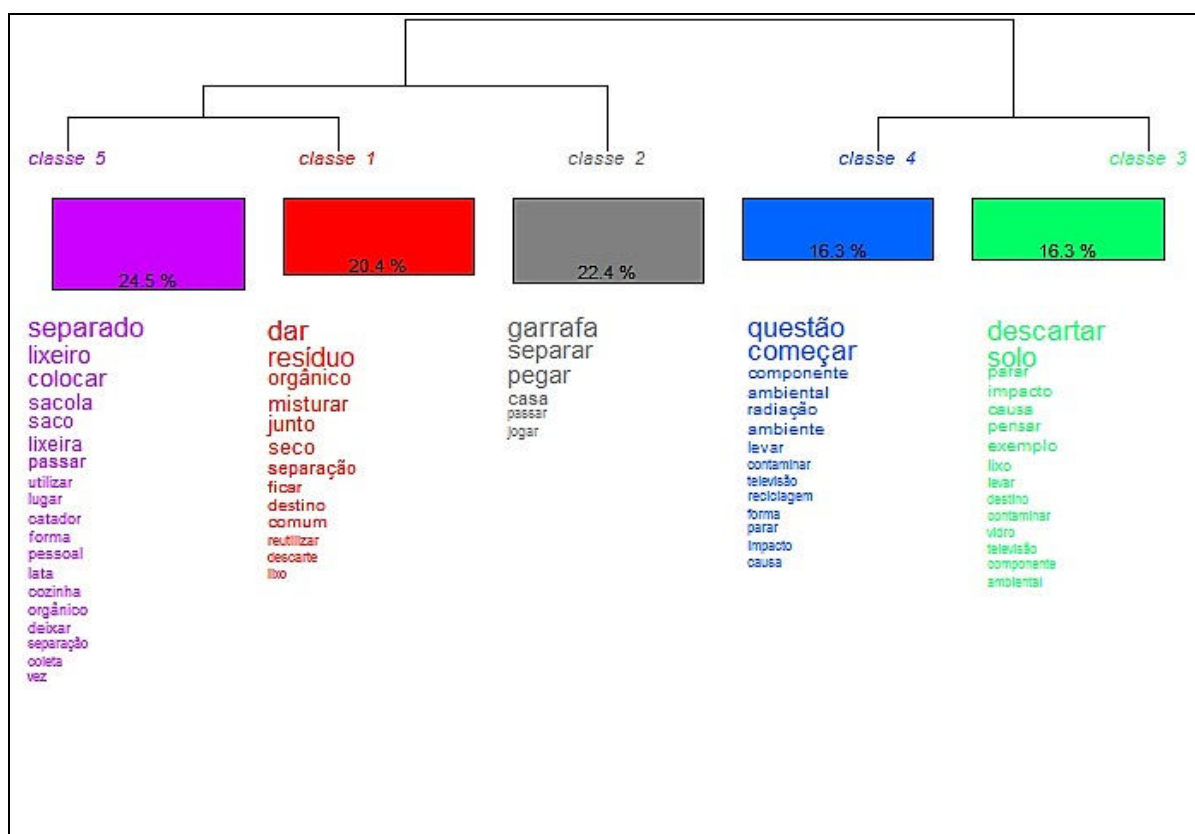
Segundo Camargo e Justo (2013), a análise de similitude, a partir da qual é gerado o dendograma de acordo com o tutorial Iramuteq, possibilita a identificação das coocorrências entre as palavras, trazendo indicações da conexidade entre elas, auxiliando a identificação da estrutura da apresentação.

O resultado dessa análise é a identificação das diversas temáticas presentes no *corpus*, em classes distintas no dendograma. Cada classe é a que melhor define o contexto em que ocorre, o que, segundo o autor, de modo mais satisfatório diz sobre o conteúdo da informação contida nos segmentos de texto, dos quais as palavras coocorrem com uma relação de proximidade semântica entre si (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O dendograma, sempre analisado da esquerda para a direita, possibilita a visualização das relações entre as classes/temas destacados do *corpus*, bem como o percentual relativo ao peso de cada classe no conjunto (SILVA, 2016).

A Figura 16 demonstra as 5 classes de textos compostas que possibilitam que seja identificado o conteúdo lexical de cada uma das classes, acompanhadas do percentual de ocorrências da palavra nos segmento de texto nessa classe, em relação à sua coocorrência no *corpus*.

Figura 16: Dendograma de classes



Fonte: Dados da pesquisa da autora

Desse modo, o grupo de classes que possui percentual de maior significância (67,3%) indica os temas mais recorrentes, compostos pelas classes 5, 1 e 2. O segundo grupo, de menor percentual significativo (32,6%), é composto pelas classes 4 e 3. As classes temáticas foram identificadas de acordo com o conteúdo semântico do grupo das formas que a compõem, de acordo com a ordem de significância dos temas recorrentes, apontados nas falas dos entrevistados.

Sendo as mais recorrentes as seguintes:

Classe 5 - Separação em sacolas

Classe 1- Resíduo Orgânico

Classe 2 - Resíduo Seco

Classe 4 - Componentes que contêm radiação

Classe 3 - Impacto do descarte no solo.

A análise de similitude, de acordo com Silva (2016), possibilita representações visuais denominadas de "árvores", seja a partir de formas, *clusters* ou *corpus*. Ao contrário do dendograma, na representação pela árvore, a forma que aparece em tamanho maior é sempre aquela que ocorre em um número maior de segmentos de texto. Esse elemento central se ramifica em várias direções, até outras formas, que, por sua vez, também se ramificam. Quanto mais espessa a ramificação se apresenta entre as palavras, maior é o número de vezes que elas se inter-relacionam.

Para que seja possibilitada uma melhor interpretação sobre as classes identificadas pelo *software* Iramuteq, será efetuada a análise individualmente por classes, assim como efetuado no estudo de Silva (2016).

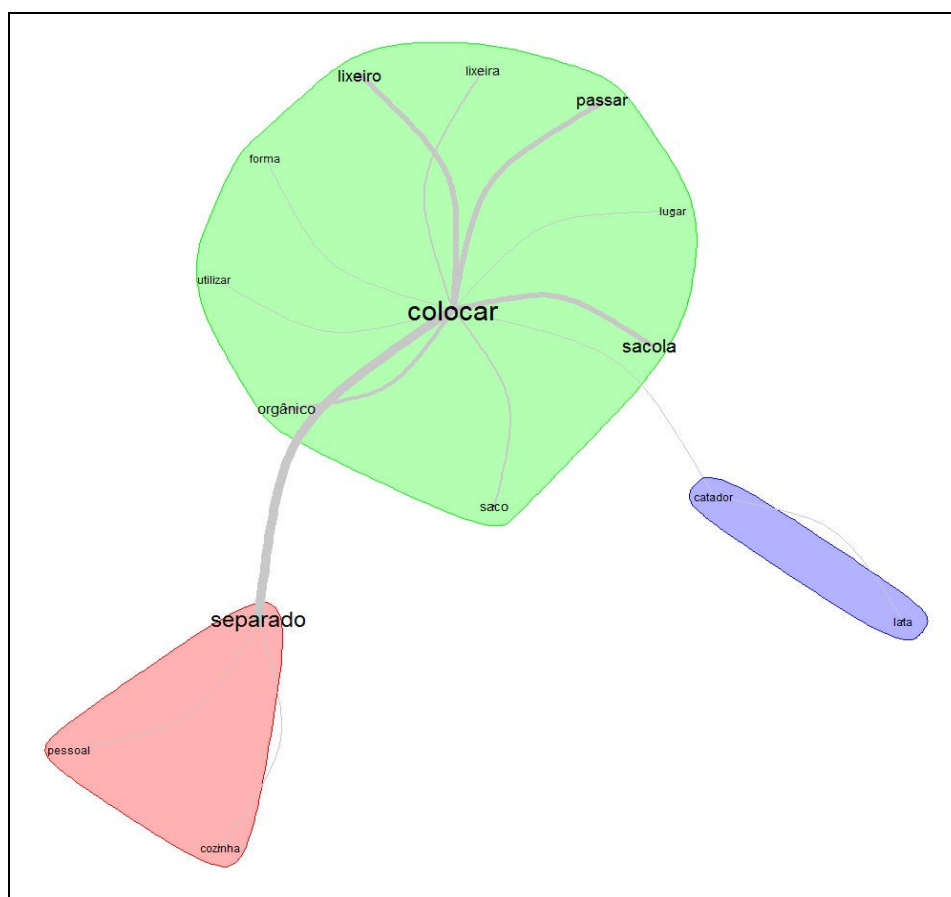
I) Classe 5 - Separação em sacolas

As formas da classe 5 indicam verbalizações das entrevistas (lixeiro, colocar, sacola, saco, lixeira, passar) em que se notam expressões que indicam a separação do resíduo do lixo comum em sacolas, para o reaproveitamento pelo lixeiro (pessoal da coleta), pelo catador ou alguém que passe e se interesse em reaproveitar.

A palavra "colocar" ocupa o centro da "árvore" e se "ramifica" com maior intensidade com a palavra "separado" pelo fato de aparecer em um maior número de segmentos de texto.

A representação da classe 5 - separação em sacolas - pode ser verificada pela árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude, na figura a seguir:

Figura 17: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 5



Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Embora muitas vezes mencionadas na fala dos entrevistados, as palavras "colocar" e "separado" se referem ao comportamento de separação, proveniente da expressão "colocar separado", de modo que não possuem grande significância semântica nos segmentos de texto em que aparecem.

As formas "sacola", "passar", "lixeiro", "lixeira" e "orgânico" ocupam as próximas posições do segmento de texto. Assim, ocorrência da forma "lixeiro", a segunda palavra do dendograma, possui significância semântica, como pode ser visto nos exemplos dos segmentos de texto a seguir:

**** *text_01*ent_15*cat_D

Eu coloco em uma sacola separada, que é para quando o lixeiro passar, ele ver que é somente tecidos. Resíduos têxteis. Ele pode utilizar. Acho que é o hábito.

**** *text_01*ent_05*cat_D

Eu coloco no lixo com separação e, sempre coloco na sacola separada e deixo junto com o lixo, para o lixeiro levar. Antes de eu mudar para cá, eu morava em São Paulo e lá, já tinha uma cooperativa de reciclagem. Então, assim que surgiu a cooperativa de reciclagem lá, foi muito bem explicado, muito bem orientada a população. E eu acostumei com isso e sempre separo. Nunca mais deixei de separar.

**** *text_01*ent_14*cat_A

Latinha separa para o catador. O catador pega separado o vidro, que é colocado com o plástico e metal, por cima, para o catador não revirar. Eu deixo em saco separado, mas acaba que vai tudo somente para um lugar. Bota na lixeira e o lixeiro leva.

Percebe-se no primeiro segmento de texto (text_01*ent_05*cat_D), a fala de um entrevistado que indica a separação em sacolas, para quando o lixeiro passar, ver que é somente tecidos e poder utilizar. No segundo segmento (text_01*ent_05*cat_D), a fala de outro entrevistado indica que coloca o resíduo em sacola separada para o lixeiro levar. O terceiro segmento (text_01*ent_14*cat_A), indica a separação de latinha e vidros, colocados em sacos separados para o catador não revirar.

Desse modo, diante da análise dos segmentos de texto, é possível afirmar que a classe 5 indica que a separação é feita principalmente em sacolas, colocados nas lixeiras, motivados pelo possível reaproveitamento pelo lixeiro (pessoal da coleta), pelo catador ou por alguém que passe e se interesse em reaproveitar o resíduo descartado.

Tal comportamento pode indicar a falta de compromisso das pessoas com os resíduos após serem depositados nas lixeiras, o que vai ao encontro do que é apontado por Nascimento et al. (2014), de que o compromisso dos consumidores com os resíduos por eles gerados desaparece no momento em que deixam suas residências, havendo uma transferência da atribuição da responsabilidade pelo descarte às outras pessoas.

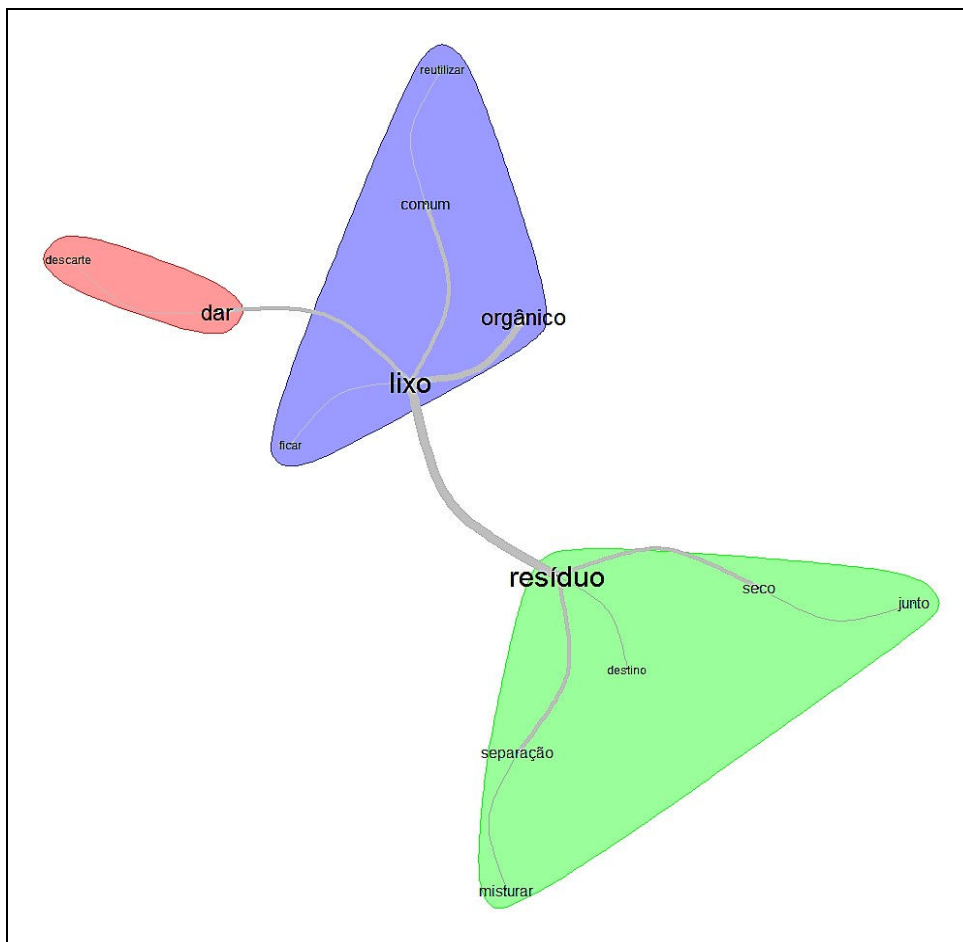
II) Classe 1- Resíduo Orgânico

Nas formas dessa classe, notam-se verbalizações das entrevistas (resíduo, orgânico, misturar, seco, separação) que indicam a separação do resíduo seco e do resíduo orgânico do lixo comum.

A palavra "resíduo" e "lixo" ocupam o centro da "árvore" pelo fato de aparecerem em um maior número de segmentos de texto. Embora muitas vezes mencionadas nas falas dos entrevistados, referem-se à separação do resíduo do lixo comum.

A representação da classe 1 pode ser verificada pela árvore de cluster, na figura abaixo:

Figura 18: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 1



Fonte: Dados da pesquisa da autora

As palavras "resíduo" e "lixo" não possuem grande significância semântica nos segmentos de texto em que aparecem, tendo em vista que suas citações são externadas na fala dos entrevistados quando os mesmos justificam que separam os resíduos do lixo comum.

Desse modo, as formas "orgânicos", "misturar", "junto" e "seco" ocupam as próximas posições do segmento de texto, sendo verificada a ocorrência da forma "orgânico", a terceira palavra do dendograma, com exemplos dos segmentos de texto a seguir:

**** *text_01*ent_15*cat_C

Eu vou deixando num canto. Que eu não sei onde jogar. Pilha, por exemplo, tem um monte. Eu guardo para descarte. Eu sei que colocar junto com material orgânico vai dar problema, radiação.

**** *text_01*ent_08*cat_A

Alumínio, plástico, não misturo com os orgânicos. Assim, por não se bater com outro, lixo orgânico misturado com plástico, não dá certo.

**** *text_01*ent_29*cat_D

Esse resíduo, eu coloco no lixo comum, separado dos orgânicos. Eu sei que aqui na minha cidade não tem um destino separado para o orgânico, mas eu sei que às vezes tem algo que possa ser reutilizado.

Percebe-se no primeiro segmento de texto (text_01*ent_15*cat_C) que a fala de um entrevistado indica não efetuar o descarte de pilhas junto com o resíduo orgânico. No segundo segmento (text_01*ent_08*cat_A), a fala de outro entrevistado que indica não misturar alumínio e plástico com os resíduos orgânicos. O terceiro segmento (text_01*ent_29*cat_D) indica a separação de resíduos eletroeletrônicos do lixo orgânico.

Desse modo, a análise dos segmentos de texto desta classe indica a separação dos resíduos de acordo com a característica dos mesmos, especialmente em secos e orgânicos, como fator motivador para o comportamento da adoção de separação, conforme apontado nos estudos de Mucelin e Bellini (2008), Santana (2013), Avelino (2014) e Feitosa et al. (2016), que identificaram o comportamento de separação dos resíduos em secos e orgânicos pelas pessoas.

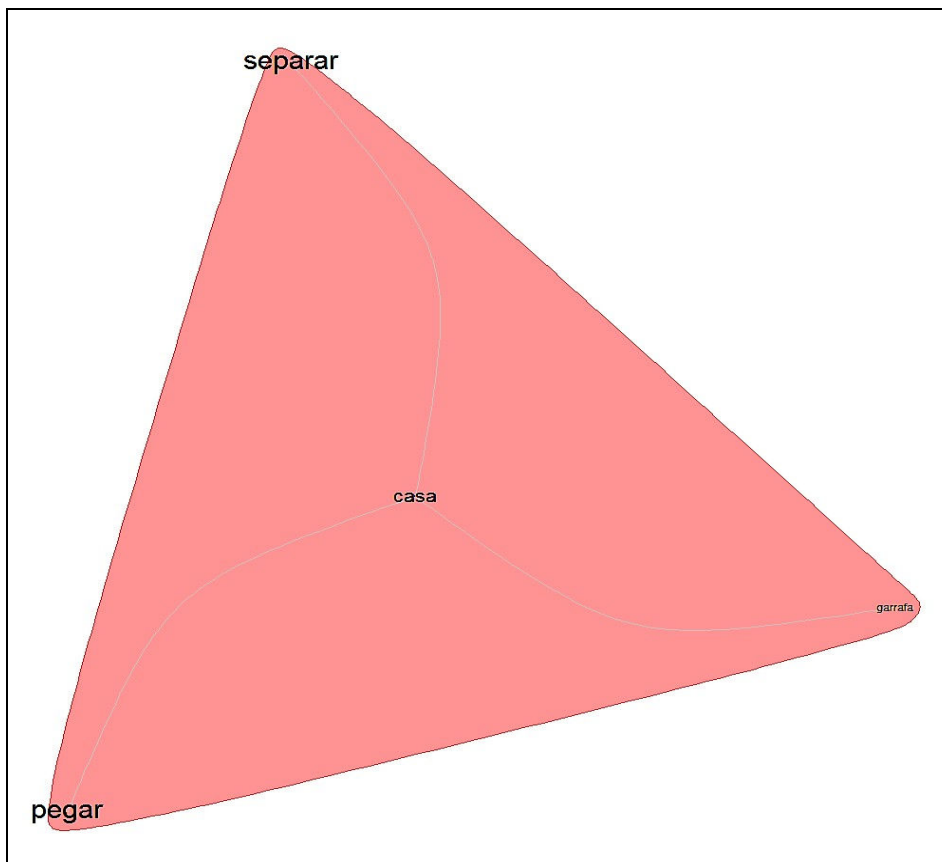
III) Classe 2 - Resíduo Seco

Nas formas dessa classe, notam-se verbalizações das entrevistas (garrafa, separar, pegar, casa) que indicam a separação dos resíduos secos, a exemplo de garrafas, em função de alguém que passe na residência do entrevistado e leve esse resíduo.

A palavra "casa" ocupa o centro da "árvore", pelo fato de aparecer em um maior número de segmentos de texto, contudo, sozinha, não apresenta uma grande força semântica, tendo em vista que sua "ramificação" não é espessa, o que significa que a palavra "casa" tem significância interligada a outras formas utilizadas nas falas dos entrevistados.

A figura seguinte indica a representação dessa classe pela árvore de cluster.

Figura 19: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 2



Fonte: Dados da pesquisa da autora.

Os próximos segmentos de texto, como "garrafa", "separar" e "pegar", indicam que a separação dos resíduos nessa classe é motivada pelo recolhimento dos resíduos sólidos, a exemplo de garrafas, por terceiros, na residência dos entrevistados.

Verificamos a ocorrência da palavra "casa", a quarta palavra do dendograma, nos segmentos de texto a seguir:

**** *text_01*ent_07*cat_A

Ela separa, pois sempre tem na porta de casa alguém que passa e pega garrafa, para vender. Tem quem passe lá em casa e pegue. O que ela joga fora é resto de comida, que não tem reutilização. Mas garrafas, tem quem passe lá e pega.

**** *text_01*ent_23*cat_A

Tem um senhor que passa lá em casa e pega a garrafa pet. E as latinhas de alumínio, minha mãe vende. É feita a redução do volume de lixo que é colocado na rua.

Percebe-se que os dois segmentos de texto indicam a separação em função de ter alguém na porta de casa ou alguém que passe na residência e pegue. O resíduo mais lembrado nesse segmento com adoção de separação do lixo comum é a garrafa.

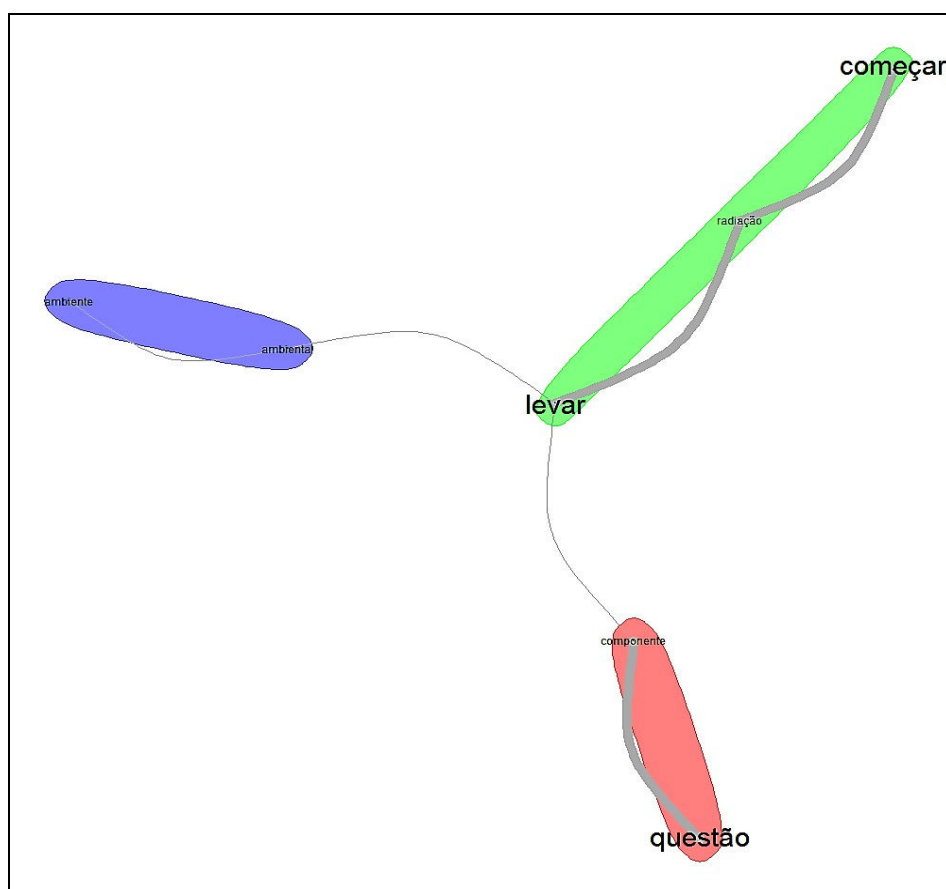
Tal comportamento indica a motivação para a separação pela necessidade de reaproveitamento por terceiros, o que, para Marchi (2011), indica uma forma de otimizar os resíduos antes de seu descarte final. Para Solomon (2011), esse fato pode indicar uma satisfação pessoal, tendo em vista que se trata de atitudes individuais, considerando que o comportamento pode ser influenciado por estímulos que decorrem de fatores situacionais, pessoais, motivacionais e de marketing.

IV) Classe 4 - Componentes que contêm radiação

Nas formas dessa classe, notam-se expressões das falas dos entrevistados que indicam que a separação é motivada pela preocupação ambiental, especialmente com os resíduos que possuem componentes com alguma forma de radiação.

A Figura 20 indica a representação dessa classe pela árvore de palavras.

Figura 20: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude - Classe 4



Fonte: Dados da pesquisa da autora.

A palavra central desse segmento de texto na "árvore" é "levar", pelo fato de aparecer em um maior número de segmentos de texto. No entanto, a mesma não possui significância semântica nos segmentos de texto em que aparece, tendo em vista que indica a ação de "levar em algum lugar", para que seja efetuado o descarte, não indicando importância para a identificação do comportamento de separação.

As formas "questão", "começar", "componente" e "ambiental" ocupam as próximas posições do segmento de texto. As palavras "questão" e "começar", igualmente, estão relacionados à ligação de atitudes que não indicam de fato motivação, a exemplo de "a questão da água", "nessa questão", "começar a pensar", "começar a jogar", entre outras.

A forma mais significativa dessa classe é "componente", a qual indica a preocupação dos entrevistados com partes de componentes eletroeletrônicos.

A ocorrência da palavra "componente" é demonstrada nos seguintes segmentos de texto:

**** *text_01*ent_26*cat_C

Eu tenho uma gaveta onde eu coloco tudo. Não sei o local onde eu vou colocar ele. Ou dar para alguém, uma associação, não sei. Não tem local para descartar. Não descarto pelo impacto ambiental. Eu sei que tem muitos componentes nele, que causam uma degradação muito maior. É nocivo. Pode inclusive, contaminar a questão da água e tudo. Assim, ele causa um impacto ambiental muito maior para nós.

**** *text_01*ent_29*cat_C

Jamais colocar no lixo. Por causa da contaminação. Uma televisão, por exemplo. O vidro dela, se uma criança brincar, pode se machucar. Além da contaminação, tem toda essa problemática. Plásticos. A questão do plástico de uma televisão ou de algum outro componente, que sabemos que leva anos para se degradar na natureza.

Percebe-se que os dois segmentos de texto indicam a preocupação com o impacto ambiental, em função dos componentes presentes nos resíduos eletroeletrônicos, o que vai ao encontro do estudo de Silva (2010), que indica que a preocupação ambiental com o descarte de resíduos eletroeletrônicos, provocado pelo alto potencial de contaminação e periculosidade.

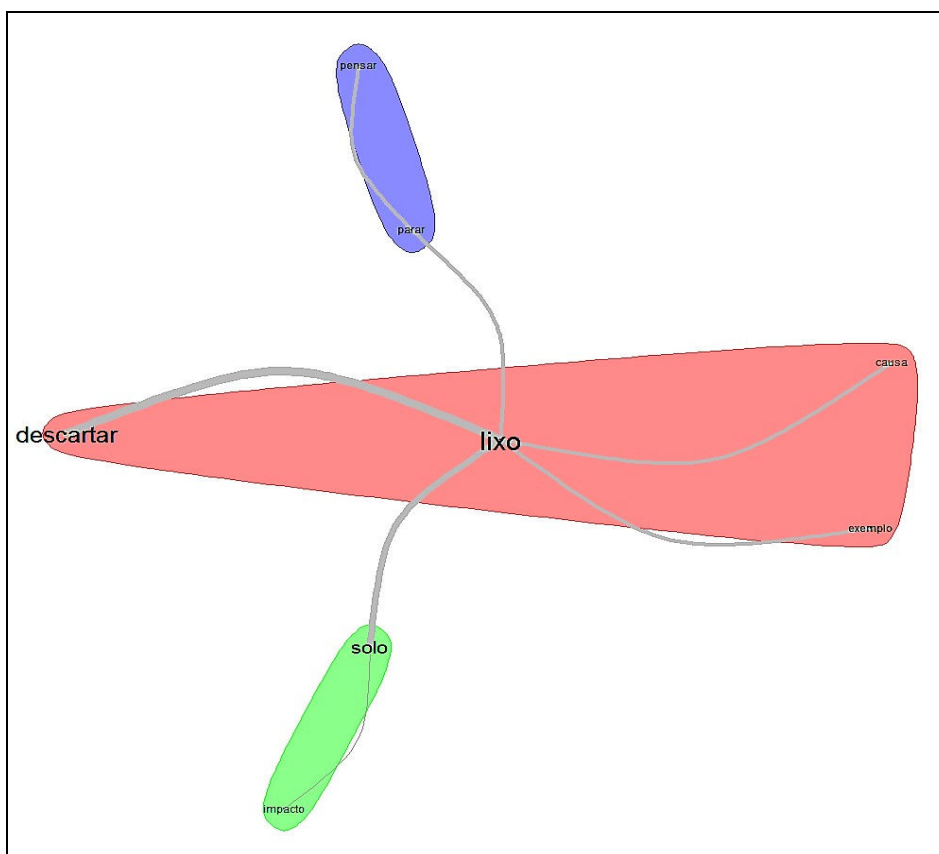
V) Classe 3 - Impacto do descarte no solo.

Nas formas dessa classe, notam-se expressões das falas dos entrevistados que indicam que a separação é motivada também pela preocupação ambiental, especialmente quanto ao descarte inadequado de resíduos no solo.

A palavra "lixo" ocupa o centro da "árvore" e se ramifica com mais intensidade com a palavra "descartar", pelo fato de aparecer em um maior número de segmentos de texto, no entanto não possui grande significância semântica nessa classe, tendo em vista que suas citações indicam o local de descarte dos resíduos.

A figura a seguir indica a representação dessa classe pela árvore de palavras.

Figura 21: Árvore de cluster gerada a partir da análise de similitude- Classe 3



Fonte: Dados da pesquisa da autora.

As formas que ocupam as próximas posições do segmento de texto são "solo", "parar" e "impacto". A forma mais significativa dessa classe é "solo", onde abaixo, são demonstrados exemplos de sua ocorrência nos segmentos de texto:

**** *text_01*ent_12*cat_C

Pelo resíduo eletroeletrônico não servir mais pra mim, e por eu achar que o descarte dele no lixo comum é inviável, por causa da parte de contaminação do solo. Então, não é descartado no lixo comum.

**** *text_01*ent_13*cat_C

Eu não jogo o resíduo eletroeletrônico no lixo, justamente por saber que eles possuem componentes que são muito perigosos. A educação é o motivo. Por saber

Diante da análise das classes criadas na nuvem de palavras, percebe-se que a palavra de maior significância é "lixo", que se inter-relaciona com temas recorrentes como as palavras "separar", "colocar", "resíduo", "comum", "orgânico", "casa", "sacola", as quais, de modo geral, representam o comportamento de descarte do resíduo do lixo comum com a utilização de sacolas plásticas para acondicionamento, além da identificação da separação do resíduo orgânico do lixo comum. Embora com menor força semântica, a palavra "casa" indica a motivação para a separação dos resíduos, como o fato de ter alguém que pegue o resíduo em casa. As palavras "pegar", "passar", "levar" indicam a motivação para a separação por um possível reaproveitamento pelo pessoal da coleta, pelo catador ou por alguém que passe na rua e tenha algum interesse no aproveitamento do resíduo descartado na lixeira.

A finalidade da utilização dos recursos do *software* Iramuteq nesta pesquisa não é a comparação dos dados estatísticos, gerados pela análise lexical, com a análise de conteúdo efetuada pela pesquisadora, e sim validar as interpretações textuais auferidas. Desse modo, é possível concluir que foram identificadas motivações semelhantes às apontadas nas análises textuais das entrevistas transcritas.

Os dados observados nesta pesquisa, a partir dos dendogramas e dos perfis das classes de palavras, nomeadas a partir da importância semântica das formas que as compõem, possibilitam a comparação do comportamento adotado no descarte dos diferentes tipos de resíduos do lixo comum, apontado pela análise lexical, sendo os temas mais recorrentes:

- 1) A separação dos resíduos principalmente em sacolas, colocados na lixeira, para o reaproveitamento pelo lixeiro (pessoal da coleta), pelo catador ou alguém que passe e se interesse em reaproveitar o resíduo;
- 2) A separação dos resíduos de acordo com as características dos mesmos, especialmente em secos e orgânicos;
- 3) A separação dos resíduos em função de alguém que promova seu recolhimento na porta de casa ou que passe na residência e pegue. O resíduo que motiva a separação dessa categoria são as garrafas;
- 4) A separação dos resíduos eletroeletrônicos em função da preocupação com o impacto ambiental, causado pelos componentes presentes nos resíduos eletroeletrônicos;
- 5) A separação dos resíduos em função da preocupação dos entrevistados com a contaminação do solo, provocada pelo descarte inadequado de resíduos.

O grupo de maior significância de temas recorrentes indica que o comportamento de separação é motivado pelo reaproveitamento dos resíduos, antes e após o seu descarte na lixeira. A motivação que antecede a lixeira é ter alguém que pegue o resíduo em casa. Após o

seu descarte na lixeira, a adoção da separação do resíduo orgânico do seco, indica que é motivado pelo possível reaproveitamento pelo pessoal da coleta, pelo catador ou por alguém que passe na rua. Tal entendimento vai ao encontro dos estudos de Bringhenti e Günther (2011), Konrad, Mazzarino e Turatti (2015) diante da motivação para o descarte em função do reuso ou reaproveitamento dos resíduos sólidos domésticos.

Quanto ao grupo de menor significância, indica uma preocupação com o meio ambiente, especialmente quanto à questão dos resíduos eletroeletrônicos, que possuem em suas partes componentes que podem causar radiação e, conseqüentemente, a contaminação do solo em função do descarte inadequado de resíduos. O estudo de Silva, Rohde e Carvalho (2013), em termos gerais, indica uma maior preocupação das pessoas com os problemas ambientais provenientes do descarte de bens de consumo duráveis, como os eletroeletrônicos. Siqueira e Marques (2012) apontam em sua pesquisa que grande parte das pessoas é capaz de citar pelo menos um aspecto negativo ou composto perigoso encontrado nos equipamentos eletroeletrônicos, o que reforça a necessidade de tratamento e disposição final específicos, devido ao seu grande potencial de periculosidade (SILVA, 2010).

Diante do exposto, é possível concluir que a análise lexical validou as interpretações textuais auferidas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal a identificação dos fatores que se encontram associados à decisão das pessoas em descartar um tipo de resíduo de modo diferente de outro. Após a análise das entrevistas, dados interessantes foram obtidos.

De maneira geral, os entrevistados demonstraram um conceito próprio sobre a diferença entre lixo e resíduo, cuja diferença foi conceituada em função do reaproveitamento proporcionado, onde "aquilo que não pode mais ser reaproveitado é o lixo".

O estudo mostrou que os entrevistados possuem conhecimento e consciência quanto à destinação correta dos resíduos sólidos, de sua separação, do tratamento adequado e da reciclagem, no entanto, possuem uma visão de que o aterro sanitário da cidade de Rio Verde se assemelhe a um "lixão", o que pode indicar a fragilidade de um aterro sanitário quando não possui controle e manutenção adequados. Embora essa indicação não tenha sido constatada, as informações presentes no site do Ministério Público do Estado de Goiás indicam a falta de licenciamento ambiental do aterro sanitário, o que pode explicar a ideia dos entrevistados.

Os entrevistados demonstraram possuir uma boa percepção dos problemas ambientais decorrentes do descarte inadequado dos resíduos, especialmente quanto aos resíduos eletroeletrônicos, motivo de maior preocupação entre os entrevistados por conterem substâncias perigosas, que podem causar danos ao meio ambiente e à saúde humana.

As pilhas, baterias e aparelhos celulares foram destacados como os que causam maior preocupação quanto ao descarte incorreto. O vidro foi apontado pelos entrevistados como fator de grande preocupação no descarte, contudo, a preocupação apresentada foi quanto aos riscos de acidentes com cortes que esse tipo de resíduo possa provocar nas pessoas que efetuam a coleta, e não em função dos impactos ambientais que seu descarte pode provocar no meio ambiente.

A amostra foi marcada por um alto nível de escolaridade entre os entrevistados, o que pressupõe a existência de um maior nível de conhecimento. O conhecimento, segundo Zikmund (2006), possui influência na percepção e nas atitudes ambientais, tornando fator determinante do comportamento e da tomada de decisão dos cidadãos. No entanto, mesmo um alto nível de escolaridade e de conhecimento quanto aos problemas ambientais, decorrentes do descarte inadequado dos resíduos domésticos, não foi capaz de interferir de forma positiva nos hábitos dos entrevistados, prevalecendo uma tendência das pessoas em não perceberem os

riscos existentes em seus hábitos e atitudes relacionados ao descarte incorreto desses materiais.

As embalagens de resíduos secos são reaproveitadas principalmente como itens de utilidade doméstica nas residências dos entrevistados.

As sobras provenientes dos restos dos pratos e do excesso de preparo da quantidade de alimentos foram apontadas como as principais razões para o desperdício de alimentos na residência dos entrevistados.

Como fatores que influenciam o descarte nas residências dos entrevistados, para os aparelhos eletroeletrônicos, a atualização dos mesmos em função do surgimento de novas tecnologias foi o principal fator apontado, seguidos do desgaste natural do aparelho, o valor cobrado pelo reparo e o desuso.

A doação é o principal destino dos resíduos têxteis que não são mais reaproveitados nas residências dos entrevistados.

A análise dos dados possibilitou identificar comportamentos variados nos hábitos de descarte dos diferentes tipos de resíduos, onde cada indivíduo percebe o descarte de uma forma única e diferenciada, de acordo com a importância atribuída ao tipo de material a ser descartado. Tal fato evidencia uma diferença nos hábitos das pessoas na forma de descartar uma categoria de resíduo em detrimento de outra. O hábito, nesse caso, foi influenciado pela percepção das pessoas de que o resíduo eletroeletrônico causa um impacto maior na degradação do meio ambiente do que os demais, e que o resíduo têxtil, por ser descartado em menor quantidade e frequência, não necessita de grande preocupação.

Diante dessa premissa, foram identificados dois grupos: os que adotam alguma forma de separação dos diferentes tipos de resíduos do lixo comum e os que não adotam nenhuma forma de separação, fazendo o descarte de resíduos misturado junto ao lixo comum em suas residências. Identificou-se, ainda, a percepção das pessoas em adotar a separação dos resíduos de acordo com as características de secos e orgânicos, com a adoção de sacolas plásticas nessa separação. Quanto ao acondicionamento de resíduos em sacolas plásticas, é hábito comum e sedimentado no cotidiano tanto entre os entrevistados que declararam adotar alguma forma de separação quanto aqueles que declararam não adotar nenhuma forma de separação dos resíduos do lixo comum produzido nas residências.

A cidade de Rio Verde não possui coleta seletiva e há uma carência de pontos de entrega voluntária e de divulgação dos poucos existentes. O cenário apontado contribui para o comportamento dos entrevistados de não adoção da separação entre as diferentes categorias de resíduos, o que leva à falta de estímulo para a adoção da separação. Alguns entrevistados

apontaram que a coleta misturada gera perda de tempo, desestimulando a continuidade do hábito de separação e a adoção de novas iniciativas para a sua propagação.

Tal fato também reflete na prática do hábito do descarte de bens pós-consumo via lixo da própria residência, estimulando atitudes despreocupadas quanto à separação dos resíduos domésticos, contribuindo para o descumprimento da legislação, precisamente quanto à PNRS. No entanto, essa concepção de não separar o lixo por falta de coleta seletiva ou porque o caminhão da coleta "mistura tudo" tem que ser desmitificada. Na prática, as pessoas ainda apresentam hábitos bastante prejudiciais ao meio ambiente, cometidos muitas vezes em atitudes simples, intrínsecas ao cotidiano, como o fato de não separar na fonte e descartar de forma inadequada os diversos tipos de materiais.

Como fator positivo, a adoção de separação por parte dos entrevistados, mesmo sem motivação do poder público, pode ser entendida como uma consciência apresentada quanto aos problemas ambientais causados pelo descarte inadequado de resíduos, além de indicar uma predisposição dos entrevistados para a adoção de ações pró-ativas, o que reforça a ideia da necessidade de ações que incentivem a educação ambiental e da implantação de políticas públicas que objetivem a implantação da coleta seletiva no município de Rio Verde.

De modo geral, foi possível perceber que a maioria dos comportamentos estavam relacionados não apenas a comportamentos pró-ambientais, mas a um benefício pessoal que proporcionasse alguma vantagem, como a satisfação de uma necessidade, a vantagem econômica e a preocupação com a própria saúde.

No que se refere à motivação para a adoção do comportamento de separação, adotado pelas pessoas nos diferentes tipos de resíduos sólidos domésticos, secos, orgânicos, eletroeletrônicos e têxteis, os resultados indicaram que a necessidade de reaproveitamento dos resíduos é o fator principal para a adoção do comportamento de separação, seguida da separação dos resíduos em função de suas características ou semelhanças, da preocupação ambiental e do hábito ou costume adotado no cotidiano dos entrevistados.

As motivações para essa "necessidade de reaproveitamento" foram diversificadas, o que indica que esse comportamento de separação pode ser visto como a satisfação de uma necessidade pessoal, tendo em vista que a ação praticada se restringe a atitudes individuais dos entrevistados.

O descarte de resíduos sólidos domésticos envolve a discussão de ideias sobre os desafios da sociedade frente aos problemas ambientais e normas que têm sido construídas para dar conta desses desafios, como a Lei que institui a Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Mesmo com todo arcabouço legal, o Brasil figura entre os grandes produtores

mundiais de resíduos sólidos, produzidos principalmente via lixo da própria residência, motivados em grande parte por hábitos de descarte inadequado de resíduos.

Reconhecer que os hábitos e atitudes inadequadas desenvolvidos no cotidiano das residências é um grande fator de influência na degradação do meio ambiente é um grande passo para possibilitar mudanças no comportamento de consumo e descarte dos resíduos sólidos domésticos, que podem ser convertidas em ações pró-ambientais.

Finalmente, os resultados deste estudo mostram claramente a prevalência de hábitos inadequados de descarte, no entanto, demonstra uma tendência da população já apontada por outros autores, no aumento da consciência ambiental. A sociedade encontra-se em um momento de transição quanto à cultura, à medida que possui capacidade de identificar e dar importância aos problemas ambientais. É um momento oportuno para o poder público implementar ações e metas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população, com uma gestão de resíduos efetiva e integrada, com ações que contemplem desde a geração dos resíduos até a sua disposição final e com o envolvimento de todos os segmentos da sociedade.

Como limitações deste estudo, destaca-se a ausência de estudos comparativos dos fatores que influenciam o descarte entre diferentes grupos de resíduos sólidos domésticos.

Finalizando, como pesquisas futuras, sugere-se a realização de outros estudos que busquem avaliar a comparação dos fatores de motivação e as barreiras para a adoção do comportamento de descarte entre as diferentes categorias de resíduos sólidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo; SPERANZA, Juliana Simões; PETITGAND, Cécile. Lixo Zero. Gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera. São Paulo: **Planeta Sustentável**: Instituto Ethos, 2013. Disponível em: <http://ricardoabramovay.com/wp-content/uploads/2014/11/Lixo-Zero_ebook_iba.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2016.

AFONSO, Tarcísio; ZANON, Maria Ângela; LARA, José Edson; SILVEIRA, Michele Rosa. Consciência ambiental, comportamento pró-ambiental e qualidade de gerenciamento de resíduos em serviços de saúde. **Anais do III SINGEP e II S2IS**, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.uninove.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1085/464.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 jul. 2016>

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL - ABDI. **Logística Reversa de Equipamentos Eletroeletrônicos**. Análise de Viabilidade Técnica e Econômica. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, 2013. Disponível em: http://www.abdi.com.br/Estudo/Logistica%20reversa%20de%20residuos_.pdf. Acesso em: 03 mai. 2016.

ALCANTARA, Arleme Janissara de Oliveira. **Composição gravimétrica dos resíduos sólidos urbanos e caracterização química do solo da área de disposição final do município de Cáceres-MT**. Cáceres, 2010. Dissertação (Programa de pós-graduação em Ciências Ambientais). Universidade do Estado do Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.unemat.br/prppg/ppgca/teses/2010/02.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

ALELUIA, João; FERRÃO, Paulo. Characterization of urban waste management practices in developing Asian countries: A new analytical framework based on waste characteristics and urban dimension. **Waste Management**, 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X16302409>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

ANDRADE, Ricardo Teixeira Gregório; FONSECA, Carlos Sigmund; MATTOS, Karen Maria. Geração e destino dos resíduos eletrônicos de informática nas instituições de ensino superior de Natal - RN. **HOLOS**, v. 2, p. 100-112, 2010. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewArticle/395>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

ARAGÃO, Júlio. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista Práxis**, v. 3, n. 6, 2013. Disponível em: <<http://webserver.foa.org.br/praxis/numeros/06/59.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

ARAÚJO, Dhiego Raphael Rodrigues. **Análise quali-quantitativa dos resíduos eletroeletrônicos gerados na ilha de Fernando de Noronha**. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14915>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA ELÉTRICA E ELETRÔNICA - ABINEE. **Desempenho Setorial**. Março 2016. Disponível em:

<<http://www.abinee.org.br/abinee/decon/decon15.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO - ABIT. **Perfil do Setor**. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS - ABRELPE. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2014** - Disponível em: <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2014.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. ABRELPE. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2015** - Disponível em: <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2015.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE SANEMANETO - ASSEMAE. <Disponível em: <http://www.assemae.org.br/noticias>>. Acesso em 02 fev. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **Coletânea de normas de sistema de gestão da qualidade**. Disponível em: <<http://www.abntcatalogo.com.br/curs.aspx?ID=41>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS SUPERMECADOS - ABRAS. Disponível em: <<http://www.abrasnet.com.br/abras/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

ASSOCIAÇÃO MINEIRA DE SUPERMERCADOS - AMIS. Disponível em: <<http://www.portalamis.org.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

AVELINO, Maria Carolina Rezende. **O comportamento do brasileiro em relação ao novo programa de coleta seletiva de lixo**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Brasília. Brasília 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/25890729>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

AZEVEDO, Paola Zambon; GIULIANO, Carla Pantoja; MOURA, Heloísa Tavares de. Traçando relações: moda, sustentabilidade e consumo consciente. 10º Colóquio de Moda. 7ª Edição Internacional. **1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda**. 2014. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BARBOSA, L., e CAMPBELL, C. (2006). **O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas**. In: Barbosa, L., & Campbell, C. (org). Cultura, Consumo e Identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4716/471647097003.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011.

BENÍTEZ, Raúl Osvaldo. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO. **Perdas e desperdícios de alimentos na América Latina e no Caribe**. 2016. Disponível em: <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/239394/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BERLIM, Lilyan. **Moda e Sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BIANCHI, Constanza; BIRTWISTLE, Grete. Sell, give away, or donate: an exploratory study of fashion clothing disposal behaviour in two countries. **The International Review of Retail, Distribution and Consumer Research**, v. 20, n.3, p. 353-368, 2010.

BICKMAN, L. Environmental attitudes and actions. **Journal of Social Psychology**, v.87, n. 2, p. 323-324, 1972.

BIRTWISTLE, Grete; MOORE, Christopher M. Fashion clothing-where does it all end up?. **International Journal of Retail & Distribution Management**, v. 35, n. 3, p. 210-216, 2007.

BOVEA, María D. et al. Potential reuse of small household waste electrical and electronic equipment: Methodology and case study. **Waste Management**, v. 53, p. 204-217, 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X16301222>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

BRAGA, José Olavo Nogueira et al. O uso do geoprocessamento no diagnóstico dos roteiros de coleta de lixo da cidade de Manaus. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 13, n. 4, p. 387-394, 2008. Disponível em: <http://www.abes-dn.org.br/publicacoes/engenharia/resaonline/v13n04/_ArtigoTecnico-068_07.pdf> Acesso em: 17 mar. 2016.

BRASIL. Lei Federal 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605 de 12 de fevereiro de 1998 e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Diário Oficial de União. Brasília>. Acesso em: 23 mai. 2016.

_____. Lei Estadual 14.248, de 29 de julho de 2002. Dispõe sobre a Política Estadual de Resíduos Sólidos e dá outras providências. Disponível em: <http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/2002/lei_14248.htm>. Acesso em: 30 jan. 2017.

_____. Decreto n.7.404, de 23 de dezembro de 2010. Regulamenta a Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7404.htm>. Acesso em: 03 mar. 2016.

_____. PLS 425/2014. Prorroga o prazo para a disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos de que trata o art. 54 da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/119536>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável**: Pesquisa nacional de opinião: principais resultados. Rio de Janeiro: Overview, 2012. Disponível em: <[file:///D:/Dados/Downloads/o_que_o_brasileiro_pensa_do_meio_ambiente_e_consumo_sustentavel%20\(9\).pdf](file:///D:/Dados/Downloads/o_que_o_brasileiro_pensa_do_meio_ambiente_e_consumo_sustentavel%20(9).pdf)>. Acesso em 10 mai. 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **O tamanho do problema**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/saco-e-um-saco/saiba-mais>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

BRASIL. Secretaria De Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Infraestrutura, Cidades e Assuntos Metropolitanos - SECIMA. **Audiência pública discute situação da reciclagem em Goiás**. Disponível em: <http://www.secima.go.gov.br/post/ver/206628/audiencia-publica-discute-situacao-da-reciclagem-em-goias>. Acesso em: 30 jan. 2017.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE GOIÁS - MPE. **TJGO confirma decisão que obriga município de Rio Verde a descartar corretamente lixo da construção civil**. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/tjgo-confirma-decisao-que-obriga-municipio-de-rio-verde-a-descartar-corretamente-lixo-da-construcao-civil#.WKzV__krLIU>. Acesso em: 30 jan. 2017.

BRASIL. Ministério Público Federal. **Resíduos**. Disponível em: <<http://pga.pgr.mpf.br/pga/residuos>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

BRASIL. Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento - SNIS. Ministério das Cidades. Disponível em: <http://www.snis.gov.br/>. Acesso em: 30 jan. 2017.

BRINGHENTI, Jacqueline R.; GÜNTHER, Wanda. M. Risso. Participação social em programas de coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos. **Engenharia Sanitária Ambiental**, v. 16, n. 4, p. 421-430, 2011. Disponível em: <www.researchgate.net/profile/Wanda_Maria_Guenther/publication/262655333_Social_participation_in_selective_collection_program_of_municipal_solid_waste/links/56699bd108ae1a797e375ee9.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2017,

BROWN, Sass. **Eco fashion**. Laurence King, 2010.

CABALLERO, Indira N. V. **Notas sobre o processo de ambientalização do lixo em Porto Alegre/RS**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, v. 26. Jun. 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2022/indira%20nahomi%20viana.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2016.

CALÍOPE, Thalita Silva; CONCEIÇÃO, Ilze Eneida Paris da; LEOCÁDIO, Áurio Lúcio. Comportamento de Consumo de Moda: Motivações e Atributos no Descarte de Roupas Usadas. **VI Anpad**. Gramado. RS. 2014. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EMA/ema_2014/2014_EMA329.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, ANA Maria. **Tutorial par uso do software IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

CANO, Ignacio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, v. 14, n. 31, 2012. Disponível em:
< <http://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/34912>> Acesso em: 03 mai. 2016.

CAPELINI, Márcia. **Potencialidade e aplicação da prevenção de resíduos de embalagens: abordagem sobre o projeto do produto e o consumo**. 2007. Tese Doutorado. PPACCEA. Universidade de São Carlos. São Paulo. Disponível em: www.teses.usp.br. Acesso em: 10 de mar. 2016.

CASARIL, Camila Elis; BICA, Jonas B.; MAZZARINO, Jane; KONRAD Odorico. Caracterização dos resíduos sólidos domésticos: relatos exploratórios de um estudo comparativo. **Revista Destaques Acadêmicos**, ano 1, n. 4, 2009. Disponível em:
<<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/viewArticle/494>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

CEMPRE. Compromisso empresarial para reciclagem. **Cempre Rewiew 2015**. Disponível em:<<http://www.cempre.org.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2016

_____. Compromisso empresarial para reciclagem. **Guia da Coleta Seletiva de Lixo**. Disponível em:<<http://www.cempre.org.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2016

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Pesquisa CNI-IBOPE. **Retratos da sociedade brasileira: meio ambiente**. Maio, 2012. Disponível em:
<http://prattein.com.br/home/images/stories/Desenvolvimento_Sustentavel/CNI-IBOPE-Meio_Ambiente.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017

CONKE, Leonardo Silveira. **Barreiras ao Desenvolvimento da Coleta Seletiva no Brasil**. 199 fl. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19664>>. Acesso em 09 fev. 2017.

CONNOLLY, J., & PROTHERO, A. Green consumption: Life-politics, risk and contradictions. **Journal of Consumer Culture**, 8(1), 117-145, 2008. Disponível em:
<<http://joc.sagepub.com/content/8/1/117.short>> Acesso em: 10 mar. 2016.

CORDEIRO, Adriana Tenório. Marcos para a Ressignificação de Elementos no Campo da Gestão Social e Ambiental: Revisitando a Prática da Produção e do Consumo por meio da Narrativa de ONGs. **Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, v. 30, 2006. Disponível em:
<<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-apsc-0817.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

CORRAL-VERDUGO, V. La definición del comportamiento pro-ambiental. In: **La Psicología Social en México**, v. 8, 2000.

CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J. Q. Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. **Cadernos de Psicologia**, v. 4, n.1, 1999.

CORTEZ, Ana Tereza Cáceres. **Embalagens: o que fazer com elas?** Rio Claro, S.P. Viena, 2011. Disponível em: <file:///D:/Dados/Downloads/2568-5828-1-SM%20(1).pdf>. Acesso em: 08 fev. 2016.

COSTA, Cristina Beatriz Schemes. **Percepção dos consumidores em relação aos impactos decorrentes do descarte de resíduos de equipamentos elétricos e eletrônicos**. 2016. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/7713>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

COSTA, Mariana Cortijo; TEIXEIRA, Eglé Novaes. A importância da caracterização para identificação do resíduo perigoso no resíduo sólido domiciliar. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 2, n. 11, 2014. Disponível em: <http://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/750>. Acesso em: 10 mar. 2016.

COTTA, Jussara Aparecida de Oliveira et al. Composting versus vermicomposting: comparison of techniques using vegetal waste, cattle manure and sawdust. **Engenharia Sanitaria e Ambiental**, v. 20, n. 1, p. 65-78, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-41522015000100065&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CRUZ-CÁRDENAS, Jorge. Use and disposition of a gift and the recipient's feedback in a collectivist environment. **Journal of Consumer Satisfaction, Dissatisfaction and Complaining Behavior**, v. 25, p. 130, 2012. Disponível em: <<http://search.proquest.com/>>. Acesso em: 25 mai. 2016

CRUZ-CÁRDENAS, Jorge; GONZÁLEZ, Reyes; DEL VAL NÚÑEZ, M. Teresa. The use of disliked gifts from a consumer behavior perspective. **Journal of Business Research**, v. 68, n. 7, p. 1635-1637, 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296315000806>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CRUZ-SOTELO, S. E. et al. Consumer habits and practices of cell phones in Mexico and Spain. **Hábitos y prácticas de consumo de teléfonos celulares en México y España**, v. 29, n. SUPPL. 3, p. 33-41, 2013. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>> Acesso em: 12 jun. 2016.

CUSSIOL, Noil Amorim de Menezes; ROCHA, Gustavo Henrique Tetzl; LANGE, Lisete Celina. Quantificação dos resíduos potencialmente infectantes presentes nos resíduos sólidos urbanos da regional sul de Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 22(6):1183-1191, jun, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v22n6/07.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

DA SILVA, Cleber Gomes. Acondicionamento e coleta de resíduos sólidos: um estudo sob a perspectiva dos prestadores de serviços turísticos da Praia do Atalaia-PA. **Turismo-Visão e Ação**, v. 16, n. 1, p. 144-166, 2014. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/5938>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

DA SILVA, Lanaira; DE NOVAIS, Bruna Prado. Dos sistemas de disposições de resíduos sólidos na sociedade pós-consumo: uma análise da Lei 12.305/2010 e seus reflexos nas cooperativas de material reciclável no município de Maringá/PR. Planeta Amazônia: **Revista**

Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas, n. 5, p. 59-70, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/planeta/article/viewArticle/1051>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

DAL PIAZ, Jandir Francisco; FERREIRA, Gabriel Murad Velloso. GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES URBANOS: O CASO DO MUNICÍPIO DE MARAU-RS DOI: 10.5773/rgsa. v5i1. 248. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 5, n. 1, p. 33-47, 2011. Disponível em: <<https://rgsa.emnuvens.com.br/rgsa/article/view/248>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

DE OLIVEIRA, Everton Mario; BASSETTI, Fátima de Jesus. Estudo da percepção de alunos de ensino fundamental e médio referente a resíduos sólidos, antes e após sensibilização. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 11, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/1269>. Acesso em: 26 nov. 2016.

DE OLIVEIRA, Camila Reis; BERNARDES, Andréa Moura; GERBASE, Annelise Engel. Collection and recycling of electronic scrap: A worldwide overview and comparison with the Brazilian situation. **Waste Management**, v. 32, n. 8, p. 1592-1610, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X12001456>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

DEUS, Rafael Mattos; BATTISTELLE, Rosane Aparecida Gomes; SILVA, Gustavo Henrique Ribeiro. Resíduos sólidos no Brasil: contexto, lacunas e tendência. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, p. 685-698, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/135757>>. Acesso em: 14 de jun. 2016.

DHOKHIKAH, Yeny; TRIHADININGRUM, Yulinah; SUNARYO, Sony. Community participation in household solid waste reduction in Surabaya, Indonesia. **Resources, Conservation and Recycling**, v. 102, p. 153-162, 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S092134491530032X>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

DINDARIAN, Azadeh; GIBSON, Andrew A. P. Reuse of EEE/WEEE in UK: Review on functionality of EEE/WEEE at the point of disposal. In: **Proceedings of the 2011 I EEE International Symposium on Sustainable Systems and Technology**. p.,1-5, 2011. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleListURL&_method=list&_ArticleListID=1024624015&_sort=r&_st=13&view=c&md5=ab949a11c83495146cde9d0ed9e4037f&searchtype=a>. Acesso em: 07 jun. 2016.

DORON, N. **Waste not want not: how fairness concerns can shift attitudes to food waste**. London: 2013. Disponível em: <http://www.fabians.org.uk/wp-content/uploads/2012/05/Fabian_Waste_Pamphlet_5.12_web.pdf> Acesso em: 07 jul. 2016.

ECHEGARAY, Fabian; HANSSTEIN, Francesca Valeria. Assessing the intention-behavior gap in electronic waste recycling: the case of Brazil. **Journal of Cleaner Production**, 2016. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959652616305285>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

EL-DEIR, Soraya Giovanetti. **Resíduos sólidos: perspectivas e desafios para a gestão integrada**. 2014. Disponível em:

http://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2015/01/28/16_42_43_117_ebook_residuos_solidos_2014.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

ENSINAS, A.V. **Estudo da geração de biogás no aterro sanitário Delta em Campinas-SP**. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica). Faculdade de Engenharia Mecânica -Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000315429>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

ESSOUSSI, Leila Hamzaqui; LINTON, Jonatham D. New or recycled products: how much are consumers willing to pay? **Journal of Consumer Marketing**, v. 27, n. 5, p. 458-468, 2010. Disponível em:

< <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/07363761011063358?journalCode=jcm>>. Acesso em 10 ago. 2016.

FEITOSA, Anny Kariny; BARDEN, Júlia Elisabete; HASAN, Camila; KONRAD, Odorico. Hábitos da população no manejo de resíduos sólidos domiciliares: estudo de caso em Juazeiro do Norte-CE. **Sustentabilidade em Debate**, v. 7, p. 212-225, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/18691>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

FERNANDES, Roosevelt S.; SOUZA, Valdir José de; PELISSARI, Vinicius Braga; FERNANDES, Sabrina T. **Uso da Percepção Ambiental como Instrumento de Gestão em Aplicações ligadas às Áreas Educacional, Social e Ambiental**. Texto. Disponível em: <http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

FERREIRA, Juliana Martins de Bessa; FERREIRA, Antônio Claudio. A sociedade da informação e o desafio da sucata eletrônica. **Revista de Ciências Exatas e Tecnologia**, v. 3, n. 3, p. 157-170, 2008. Disponível em:

<<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/rcext/article/view/2374>>. Acesso em: 31 mai. 2016

FERREIRA, Osmar Mendes; SILVA, Karla Alcione da. Diagnóstico da disposição final dos Resíduos Sólidos no estado de Goiás. **Estudos**, v. 38, n. 2, p. 227-233, 2011.

Disponível em: <<http://revistas.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/2254/1391>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

FISHER, T. et al. **Public understanding of sustainable clothing**: a report to the Department for Environment, Food and Rural Affairs. Defra, London, 2008. Disponível em: <<http://randd.defra.gov.uk/Default.aspx>, 2008>. Acesso em: 04 jun. 2016.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed. 2009.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. São Paulo. Annablume FAPESP, 2000.

FREESTONE, Oliver M.; MCGOLDRICK, Peter J. Motivations of the ethical consumer. **Journal of Business Ethics**, 79, 445-467, 2008. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10551-007-9409-1#page-1>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

FRÉSCA, Fábio Rogério Carvalho. **Estudo da geração de resíduos sólidos domiciliares no município de São Carlos**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2007. 134 p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

GALBIATI, Adriana Farina. **O gerenciamento integrado de resíduos sólidos e a reciclagem**. 2012. Disponível em: <http://www.amda.org.br/imgs/up/Artigo_15.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017

GARDNER, Gary; ASSADOURIAN, Erik; SARIN, Radhika. **O estado do consumo hoje**. WORLDWATCH INSTITUTE. O estado do mundo, p. 3-24, 2004. Disponível em: <www.wwiua.org.br/em2004_eiglesias.htm>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GARDNER, Gerald. T.; STERN, Paul C. **Environmental problems and human behavior** (2nd edition). Boston, MA: Pearson Custom Publishing. 2002.

GIARETTA, Juliana Barbosa Zuquer; TANIGUSHI, Daniel Gouveia; SERGENT, Marcela Tashiro; VASCONCELLOS, Maria da Penha; GÜNTHER, Wanda Maria Risso. Hábitos Relacionados ao Descarte Pós-Consumo de Aparelhos e Baterias de Telefones Celulares em uma Comunidade Acadêmica. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.19, n.3, p.674-684, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n3/18.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. In: Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Edição. Atlas, 2010.

GLAZIER, Jack D.; POWELL, Ronald R. (Ed.). **Qualitative research in information management**. Libraries Unltd Incorporated, 1992. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0740818894900167>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

GONÇALVES-DIAS, Sylmara. Consumo e resíduos: duas faces da mesma moeda. **GVexecutivo**, v. 14, n. 1. Jan/Jun 2015, p. 38-41. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/gv-executivo/vol14-num1-2015/consumo-residuos-duas-faces-mesma-moeda>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

GOUVEIA. P. A. **Análise da percepção ambiental por um grupo populacional soledadense e a importância do gerenciamento de resíduos sólidos domésticos para a cidade de Soledade – PB**. 2012. 47 f. Conclusão de Curso (Graduação em Biologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/687/1/PDF%20-%20Priscila%20de%20Andrade%20Gouveia.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

GOWOREK, Helen. FISHER, Tom.; COOPER, Tim.; WOODWARD, Sophie; HILLER, Alex. The sustainable clothing market - an evaluation of potential strategies for UK retailers. **International Journal of Retail & Distribution Management**, v. 40, n. 12, p. 935-955, 2012. Disponível em:

<<http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/09590551211274937>> Acesso em: 18 abr. 2016.

GRAHAM-ROWE, Ella; JESSOP, Donna C.; SPARKS, Paul. Identifying motivations and barriers to minimising household food waste. **Resources, conservation and recycling**, v. 84, p. 15-23, 2014. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921344913002711>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

GRIMBERG, Elisabeth. A Política Nacional de Resíduos Sólidos: a responsabilidade das empresas e a inclusão social. São Paulo: **Instituto Pólis**, 2004. Disponível em: <<http://limpezapublica.com.br/textos/1177.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017

GUIA DE GERENCIAMENTO SUSTENTÁVEL DE PRODUTOS ELETROELETRÔNICOS. Julho, 2014. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://portaldesuprimentos.rio2016.com>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

HA-BROOKSHIRE, Jung; HODGES, Nancy N. Socially responsible consumer behavior? Exploring used clothing donation behavior. **Clothing & Textiles Research Journal**, v. 27 n. 3, p. 179-196, 2009.

HAANPÄÄ, L. Consumers' green commitment: indication of a postmodern lifestyle? **International Journal of Consumer Studies**, 31, 478-486, 2012.

HANSEN, Torben. Perspectives on consumer decision making: an integrated approach. **Journal of Consumer Behavior**, v. 4, n. 6, p. 420-437, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/229926167_Perspectives_on_consumer_decision_making_An_integrated_approach>. Acesso em: 13 mai. 2016.

HERBETS, R. A., Coelho, C. D. A., MILETTI, L. C., MENDONÇA, M. D. Compostagem de resíduos sólidos orgânicos: aspectos biotecnológicos. **Revista Saúde e Ambiente**, 6(1), 2005. Disponível em:

<https://www.academia.edu/11863789/Compostagem_de_res%C3%ADduos_s%C3%B3lidos_org%C3%A2nicos_aspectos_biotecnol%C3%B3gicos>. Acesso em 13 jan. 2017.

HOORNWEG, Daniel; BHADA-TATA, Perinaz. What a waste: a global review of solid waste management. **Urban development series knowledge papers**, v. 15, p. 1-98, 2012. Disponível em: <[http://www.sciencedirect.com/science/refhub/S0959-6526\(16\)30637-0/sref28](http://www.sciencedirect.com/science/refhub/S0959-6526(16)30637-0/sref28)>. Acesso em: 02. jun. 2016

IBDAIWI, Thiago Kader Rajeh; GARCIA, Fabiane Tubino; LOPES, Luis Felipe Dias. Comportamento do consumidor: características de preferência dos vestibulandos da cidade de Santa Maria-RS. In: **Anais do IX Convibra Administração** – Congresso Virtual Brasileiro de Administração. 2012. Disponível em:

<http://www.convibra.org/upload/paper/2012/37/2012_37_3846.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2016.

IJOMAH, W. L.; DANIS, M. **Refurbishment and reuse of WEEE**. Waste Electrical and Electronic Equipment (WEEE). Handbook, p. 145, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

INSTITUTION OF MECHANICAL ENGINEERS (IMechE). **Global Food: Waste Not, Want Not**. 2013. Disponível em: <<http://www.imeche.org/>> . Acesso em: 15 jun. 2016.

INSTITUTO AKATU PELO CONSUMO CONSCIENTE. **A Gênese do Consumidor Consciente**. 2002. Disponível em: <<http://www.akatu.org.br/Content/Akatu/Arquivos/file/AGenesedoConsumidorConsciente.pdf>>. Acesso em: 25 de março de 2016

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **Censo demográfico 2016**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=521880&search=goias|rio-verde>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

_____. IBGE - **Indicadores de desenvolvimento sustentável** - Brasil 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/ids/default_2012.shtm>. Acesso em 17 jul. 2016.

_____. IBGE. **Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2015**. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais [e] Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro. 2015. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94254_.pdf>. Acesso em 09 fev. 2017.

_____. IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2008. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb2008/default.shtm>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Desperdício. Custo para todos: Alimentos apodrecem enquanto milhões de pessoas passam fome. Desafios do Desenvolvimento**. 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=1256:reportagens-materias&Itemid=39>. Acesso em: 25 mai. 2016.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS - IPT/CEMPRE. Lixo municipal. Manual de Gerenciamento Integrado, 2a ed. São Paulo: IIP/CEMPRE, 2000. Disponível em: <<http://www.resol.com.br/cartilha4/manual.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

JABBOUR, Ana Beatriz Lopes de Sousa; JABBOUR, Charbel José Chiappetta; SARKIS, Joseph; GOVINDAN, Kannan. Brazil's new national policy on solid waste: challenges and opportunities. **Clean Technologies and Environmental Policy**, v. 16, n. 1, p. 7-9, 2014. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10098-013-0600-z>> Acesso em: 02 jun. 2016.

JACOBI, Pedro Roberto. Desafios e reflexões sobre resíduos sólidos nas cidades brasileiras/Organizadoras, Maria Cecília Loschiavo dos Santos, Sylmara Lopes Francelino Gonçalves-Dias. Resíduos sólidos urbanos e seus impactos nas cidades brasileiras. **São Paulo: IEE-USP**, p. 31-34, 2012.

JACOBY, Jacob; BERNING, Carol K.; DIETVORST, Thomas F. What about disposition?. **The Journal of Marketing**, p. 22-28, 1977.

JAMBECK, Jenna R. et al. Plastic waste inputs from land into the ocean. **Science**, v. 347, n. 6223, p. 768-771, 2015. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/347/6223/768>>. Acesso em: 02. jun. 2016.

JANSSON, Johan.; MARELL, Agneta; NORDLUND, Annika. Exploring consumer adoption of a high involvement eco-innovation using value-belief-norm theory. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 10, n. 1, p. 51-60, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/230551848_Exploring_consumer_adoption_of_a_high_involvement_eco-innovation_using_value-belief-norm_theory>. Acesso em: 02. jun. 2016.

JESUS, Álef Felipe Santos de; NONATO, Alina Gabriele Santos; SAMPAIO, Amauri da Silva Oliveira; JESUS, Layane Tavares de; MENESES, Rivaldo dos Santos; SILVA, Willams Mota da; ARAÚJO, Paulo Jardel Pereira; LEITE, Manuela Souza. Gerenciamento de resíduos sólidos dos shoppings de Aracaju. **Caderno de Graduação. Ciências Exatas e Tecnológicas-UNIT**, v. 2, n. 1, p. 33-44, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernoexatas/article/view/892/723>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

JORGE, Neuza. Embalagens para Alimentos. **Cultura Acadêmica Editora**, UNESP, S. P. 2013. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/360234.PDF>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

JOUNG, Hyun-Mee; PARK-POAPS, Haesum. Factors motivating and influencing clothing disposal behaviours. **International Journal of Consumers Studies**. v. 37, p. 105-111, 2013.

KALIL, Ana Paula Maciel Costa; EFING, Antônio Carlos. Política nacional de resíduos sólidos: por uma nova racionalidade no consumo. **Revista Direito Ambiental e Sociedade**, v. 3, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.ucs.br>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

KAPLINSKY, Raphael. Spreading the gains from globalization: what can be learned from value-chain analysis?. **Problems of economic transition**, v. 47, n. 2, p. 74-115, 2004. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10611991.2004.11049908#.V4zgYbgrLIU>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

KOCH, Kathryn; DOMINA, Tanya. Consumer textile recycling as a means of solid waste reduction. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 28, n. 1, p. 3-17, 1999. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1177/1077727X99281001/full>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

KOLLMUSS, Anja; AGYEMAN, Julian. Mind the gap: why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior?. **Environmental education research**, v. 8, n. 3, p. 239-260, 2002. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13504620220145401>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

KONRAD, Ana Christina; MAZZARINO, Jane Márcia; TURATTI, Luciana. Direito ao Ambiente e Informação: a Percepção do Cidadão acerca da Responsabilidade na Destinação dos Resíduos Domésticos. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito–PPGDir./UFRGS**, v. 10, n. 2.. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/ppgdir/article/view/58360>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

LAHLOU, Saadi. Text Mining Methods: An answer to Chartier and Meunier: **Papers on Social Representations**. Volume 20, 38.1-38.7. 2012. Disponível em: <http://www.psych.lse.ac.uk/psr/PSR2011/20_39.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2017

LAITALA, Kirsi. Consumers clothing disposal behaviour– a synthesis of research results. **International Journal of Consumer Studies**, v. 38, n. 5, p. 444-457, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265690075_Consumers'_clothing_disposal_behaviour_-_a_synthesis_of_research_results>. Acesso em: 03 fev. 2017

LEE, Hui Mien; NASR, Nabil; SUNDIN, Erik. A Comparative Study of the E-waste Systems in New York State and Sweden. In: **Going Green CARE INNOVATION**, p. 026-026, 2010. Disponível em: <<http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A375726&dswid=-7355>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

LEE, Ji Young; HALTER, Holly; JOHNSON, Kim; JU, Haewon. Investigating fashion disposition with young consumers. **Young Consumers**, v. 14, n. 1, p. 67-78, 2013. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/17473611311305494>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

LEE, M. **Eco chic: o guia de moda ética para a consumidora consciente**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LEITE, Paulo Roberto. **Logística Reversa: meio ambiente e competitividade**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

LIMA, Karen Dutra Vila. **Efeitos de variáveis sociais do cenário de consumo no comportamento e relato do descarte de lixo**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7858>>. Acesso em: 06 jun 2016.

LIMA, Verena Ferreira Tidei de. O prolongamento da vida útil do vestuário de moda como alternativa para a redução de seu impacto socioambiental. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-17102014-122552/en.php>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

LIMEIRA, Tania M. V. **Comportamento do consumidor brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino das sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOUREIRO, Ana Luísa Cardoso Marques Teixeira. **Porque poupamos energia? Altruísmo, ambientalismo e contexto na explicação do comportamento de poupança de energia**. 2010. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Lisboa. Portugal. 2010. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

LOUREIRO, Diego Campana; AQUINO, Adriana Maria de; ZONTA, Everaldo; LIMA, Eduardo. Compostagem e vermicompostagem de resíduos domiciliares com esterco bovino para a produção de insumo orgânico. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 42, n. 7, p. 1043-1048, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pab/v42n7/18.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2016.

LUCAS, Karen; BROOKS, Michael; DARNTON, Andrew; JONES, Jake Elster. Promoting pro-environmental behavior: existing evidence and policy implications. *Environmental Science & Policy* II. 456-466, 2008. Disponível em: http://www.grid.unep.ch/FP2011/step1/pdf/014_Lucas_2008.pdf. Acesso em: 10 jun. 2016.

LYNDHURST, Brook; COX, J.; DOWNING, P. Food behaviour consumer research: quantitative phase. Waste & Resources Action Programme (WRAP): Banbury, UK, 2007. Disponível em: <<http://www.wrap.org.uk/content/food-behaviour-consumer-research-quantitative-phase>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Bookman Editora, 2012.

MARAGNO, Eliane Spricigo; TROMBIN, Daiane Fabris; VIANA, Ednilson. O uso da serragem no processo de minicompostagem. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 12, n. 4, p. 355-360, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/esa/v12n4/a01v12n4>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

MARCHI, Cristina Maria Dacach Fernandez. Cenário mundial dos resíduos sólidos e o comportamento corporativo brasileiro frente à logística reversa. **Revista Perspectivas em Gestão e Conhecimento**. V.1. N. 2. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/9062>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

MARSHALL, Rachael E.; FARAHBAKHS, Khosrow. Systems approaches to integrated solid waste management in developing countries. **Waste Management**, v. 33, n. 4, p. 988-1003, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X13000032%20vol33>>. Acesso em: 02. jun. 2016

MARTÍNEZ-SOTO, Joel. Comportamiento proambiental. Una aproximación al estudio del Desarrollo Sustentable con énfasis en el comportamiento persona-ambiente. Red Theomai, 2006. Disponível em: <<http://revista-theomai.unq.edu.ar/numespecial2004/art%20soto%20numespec2004.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MARTINS, M. **Lixo eletrônico**. São Paulo: Silcon Ambiental; Ambiance, fev. 2011.

MATOS, Eliane Bragança de. Comportamento e meio ambiente – um estudo comportamental da intenção de não uso das sacolinhas de plástico. **REGE - Revista de Gestão**, v. 20, n. 2, p.217-232, abr./jun. 2013. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/98806>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MELO, Leônidas Carrijo Azevedo; SILVA, Carlos Alberto; DIAS, Bruno de Oliveira. Caracterização da matriz orgânica de resíduos de origens diversificadas. **Revista Brasileira de Ciências do Solo**, v. 32, n. 1, p. 101-110, 2008. Disponível em:

<<http://sbc.solos.ufv.br/solos/revistas/V32n1a10.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

MESQUITA JÚNIOR, José Maria de. **Gestão integrada de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: IBAM, 2007.

MIAFODZYEVA, S.; BRANDT, N.; OLSSON, M. Motivation recycling: pre-recycling case study in Minsk, Belarus. **Waste Management & Research**, v.28, p. 340-346, 2010. Disponível em:

<<http://wmr.sagepub.com/content/early/2010/02/02/0734242X09351331.full.pdf+html>>

Acesso em: 31 mai. 2016

MILARÉ, Édís. Direito do ambiente. 9. ed. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONTEIRO, José Henrique Penido; FIGUEIREDO, Carlos Eugênio Moutinho; MAGALHÃES, Antônio Fernando; MELO, Marco Antônio França de; BRITO, João Carlos Xavier de; ALMEIDA, Tarquínio Prisco Fernandes de; MANSU, Gilson Leite. **Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos**. IBAM, 2001. Disponível em:

<<http://www.resol.com.br/cartilha4/manual.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI, Marta. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Sociedade & natureza**, v. 20, n. 1, p. 111-124, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n1/a08v20n1>>. Acesso em 08 fev. 2017.

NAIME, Roberto; SANTOS, Karin. Diagnóstico da gestão de resíduos sólidos no município de Campo Bom – RS. **Engenharia Ambiental** – Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 3, p. 563-576, set/dez 2009. Disponível em: <<file:///D:/Dados/Downloads/EA-2009-349.pdf>>. Acesso em 31 jan. 2017.

NASCIMENTO, Luis Felipe; TREVISAN, M., FIGUEIRÓ, P. S., BOSSLE, M. B. Do consumo ao descarte de produtos e embalagens: estamos alienados? **Revista de Administração da UFSM**, v. 7, n. 1, p. 33-48, 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.ufsm.br/index.php/reaufsm/article/viewFile/6298/pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

NEVES, Fábio de Oliveira; MENDONÇA, Francisco. Por uma leitura geográfico-cultural dos resíduos sólidos: reflexões para o debate na Geografia. **Cuadernos de Geografía-Revista Colombiana de Geografía**, v. 25, n. 1, p. 153-169, 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0121-15X2016000100011>.

Acesso em: 07 de jul. 2016.

OLIVEIRA, Catarina Jahnel. **Por uma ética ecológica**. Sustentabilidade em debate. Brasília, v.4, n.2, p.149-167, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

OLIVEIRA, Verônica Macário de; MARTINS, Maria de Fátima; VASCONCELOS, Ana CF. Entrevistas “Em Profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: Pistas teóricas e metodológicas. **Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais–SIMPOI**, v. 15, p. 1-12, 2012. Disponível em: <http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012_T00259_PCN02976.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA - FAO. **Desperdício de alimentos tem consequências no clima, na água, na terra e na biodiversidade**. 2013. Disponível em:< <https://www.fao.org.br/daccatb.asp>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

ORTIZ, M. A. **Responsabilidade pós-consumo e resíduos sólidos na sociedade contemporânea: desafios e limites ao poder econômico**. São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Direito Político e Econômico, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/_imported/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/stricto_sensu/Direito_Politico_Economico/Margarete_Alvorenga_Ortiz.pdf>. Acesso em 09fev. 2017.

PEIXOTO, Amanna Ferreira. **Faça o que eu digo, mas não faça o que faço: Convergências e divergências do discurso ambientalmente responsável dos consumidores e seu comportamento de consumo**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. PB. 2012. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/3808/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

PEIXOTO, Amanna Ferreira; PEREIRA, Rita de Cassia de Faria. Discurso versus Ação no Comportamento Ambientalmente Responsável. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade: GeAS**, v. 2, n. 2, p. 71-103, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5076740>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

PEREIRA NETO, João Tinôco. **Gerenciamento do lixo urbano: aspectos técnicos e operacionais**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007.

PERSICH, Juliana Carla; SILVEIRA, Djalma Dias da. Gerenciamento de resíduos sólidos: a importância da educação ambiental no processo de implantação da coleta seletiva de lixo – o caso de Ijuí/RS. **Electronic Journal of Management, Education and Environmental Technology (REGET)**, v. 4, n. 4, p. 416-426, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/3858>>. Acesso em 25 jan. 2017.

PHILIPPI JR, Arlindo. **Saneamento, Saúde e Ambiente: Fundamentos para um Desenvolvimento Sustentável**. Coleção Ambiental – 2. Barueri, SP: Manole, 842p. 2010.

PIMENTA, Adriana Dos Santos; GERVASONI, Viviane Chunques, MARTINS, Gislene Aparecida de Moura; RAMOS, Heidy Rodriguez. Educação ambiental: uma análise sobre a

prática para o descarte de lixo reciclável e a conscientização ambiental dos estudantes da região metropolitana de São Paulo. **Anais do II SINGEP e I S2IS**. São Paulo. 2013. Disponível em:

<<http://repositorio.uninove.br/xmlui/handle/123456789/617>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

PINHEIRO, Priscila Tinelli; FRANCISCHETTO, Gilsilene Passon Picoretti. **A política nacional de resíduos sólidos como mecanismo de fortalecimento das associações de catadores de materiais recicláveis**. 2016. Disponível em:

<http://www.derechoycambiosocial.com/revista043/a_politica_nacional_de_residuos_solidos.pdf>. acesso em: 12 jun. 2016.

PINTO, Diego Costa; NIQUE, Walter Meucci, AÑAÑA, Edar da Silva; HERTER, Márcia Maurer. Green consumer values: how do personal values influence environmentally responsible water consumption? **International Journal of Consumer Studies**, v. 35, p. 122-131, 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/229920426_Green_consumer_values_How_do_personal_values_influence_environmentally_responsible_water_consumption>. Acesso em: 15 dez. 2016.

PIRANI, Nícolas de Camargo. **Sustentabilidade e a gestão compartilhada dos resíduos sólidos no município de Ribeirão Preto/SP: conflitos e desafios**. 2010. 112p. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1489>>. Acesso em: 02 mai. 2016

PISTORELLO, Josiane; DE CONTO, Suzana Maria; ZARO, Marcelo. Geração de resíduos sólidos em um restaurante de um Hotel da Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 20, n. 3, p. 337-346, 2015. Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Josiane_Pistorello/publication/283858505_Geracao_de_residuos_solidos_em_um_restaurante_de_um_Hotel_da_Serra_Gaucha_Rio_Grande_do_Sul_Brasil/links/5677289208ae0ad265c5b354.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. Cortez, 2005.

QUESTED, T. E.; MARSH, E.; STUNELL, D.; PARRY, A. D. Spaghetti soup: The complex world of food waste behaviours. **Resources, Conservation and Recycling**, v. 79, p. 43-51, 2013. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921344913000980>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

RIBEIRO, Salomé Cosme. **Comportamentos pró-ambientais numa sociedade de consumo**. 2014. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/14455>>. Acesso em 19 jan. 2017.

RIBEIRO, Túlio Franco; LIMA, Samuel do Carmo. Coleta seletiva de lixo domiciliar-estudo de casos. **Caminhos de geografia**, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15253>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

RICHTER, Leonice Terezinha. A importância da conscientização e da coleta seletiva no município de Palmitos-SC. 2014. Monografia de Especialização. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4537/1/MD_GAMUNI_2014_2_45.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

RIO COMO VAMOS. **Pesquisa de Percepção de Descarte de Resíduos Sólidos da Cidade do Rio de Janeiro**. 2013. Disponível em: <riocomovamos.org.br/site/wp.../07/2013msense_consumoteca-residuos-solidos.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2017.

RITCH, Elaine; BRENNAN, Carol; MACLEOD, Calum. Plastic bag politics: modifying consumer behaviour for sustainable development. **International Journal of Consumer Studies**, v. 33, n. 2, p. 168-174, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1470-6431.2009.00749.x/full>. Acesso em: 10 nov. 2016.

RODRÍGUEZ, María Luisa Fernandez. **Discursos sobre Santiago de Compostela y el/los Camino (s) de Santiago en la novela española actual (2010) a través de técnicas analíticas digitales: posibilidades y valor del conocimiento generado**. 2016. Disponível em: <<https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/14936>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

ROMAN, Darlan José; MARCHI, Jamur Johnas; ERDMANN, Rolf Hermann. A abordagem qualitativa na pesquisa em Administração da Produção no Brasil. **REGE Revista de Gestão**, v. 20, n. 1, p. 131-144, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/62026/0>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

ROZZETT, Késia. **Descarte de aparelhos celulares: uma análise do comportamento declarado dos consumidores**. 2013. Dissertação de Mestrado (Administração). Universidade de Brasília. Brasília. 2013. Disponível em: <[file:///D:/Dados/Downloads/Ke%CC%81sia%20Rozzett%20Dissertac%CC%A7a%CC%83o%2012.03%20\(3\).pdf](file:///D:/Dados/Downloads/Ke%CC%81sia%20Rozzett%20Dissertac%CC%A7a%CC%83o%2012.03%20(3).pdf)>. Acesso em: 02 mai. 2016.

ROZZETT, Késia; ASSUMPÇÃO, Solange Alfinito Marília de. Descarte de Celulares: Uma Análise do Comportamento Declarado dos Consumidores e sua Consciência Ecológica. **XXXVII Enanpad**. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_MKT2503.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

SALGADO, M. F. M. Adad; CANTARINO, A. A. Alves. O papel das instituições de ensino superior na formação socioambiental dos futuros profissionais. In: **XXVI ENEGEP**. 2006. Fortaleza. 2006. Disponível em: <<http://seer4.fapa.com.br/index.php/arquivo/article/viewFile/9/5>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SANTANA, Hernani Ciro. **Percepção, motivações e barreiras dos moradores para participação em programas de coleta seletiva de resíduos sólidos domiciliares na microrregião de Ouro Preto (MG)**. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/3420/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_%20Percep%C3%A7%C3%A3oMotiva%C3%A7%C3%A3oBarreira.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2017.

SCHAEFER, A., & CRANE, A. Addressing sustainability and consumption. **Journal of Macromarketing**, 25(1), 76-92, 2005.

SCHALCH, Valdir; LEITE, Wellington Cyro de Almeida; FERNANDES JÚNIOR, José Leomar; CASTRO, Marcus Cesar Avezum Alves de. **Gestão e gerenciamento de resíduos sólidos**. Universidade de São Paulo. Escola de Engenharia. Departamento de Hidráulica e Saneamento. Out, 2002. Disponível em: <http://www.falcoit.com.br/blog/images/easyblog_images/500/GESTAO-DE-RESIDUOS-SOLIDOS-2002.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2016.

SCHIO, Simara Saquet. Estudo de caso acerca da destinação do lixo doméstico e conscientização ambiental em Restinga Sêca-RS. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 27, p. 9-29, 2016. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/3555>>. Acesso em: 24 de jun. 2016.

SCHULTE, Neide Kölher; ROSA, Lucas da. Moda Sustentável. In: SANT'ANNA, Mara Rúbia (Org.). **Moda e Produto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

SENA, Fabricio Roberto. **Evolução da Tecnologia Móvel Celular e o Impacto nos Resíduos de Eletroeletrônicos**. 2012. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0913873_2012_completo.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2017.

SILVA, Alineaurea Florentino; DA SILVA, Maria Cristina Basílio Crispim. **Agricultura no nordeste semiárido e os resíduos orgânicos aproveitáveis**. Revista equador, v. 5, n. 2, p. 102-119, 2016. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador/article/view/4420>>. Acesso em: 08. fev. 2017.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>>. Acesso em: 27 jun. 2016

SILVA, Iara Silva da; ROHDE, Liliane Antunes; CARVALHO, Bruno Alborghetti. **Comportamento do consumidor das classes a e b frente ao descarte de bens de consumo duráveis**. 2013. Anais do II SINGEP e I S2IS. Disponível em: <<https://repositorio.uninove.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/433/370.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

SILVA, Janari Rui Negreiros. Lixo Eletrônico: Um Estudo de Responsabilidade Ambiental no Contexto do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, Campus Manaus Centro. 2010. In: **I Congresso brasileiro de gestão ambiental**. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2010/III-009.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

SILVA, Minelle Enéas; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. A análise de indicadores de sustentabilidade na problemática de resíduos sólidos em Campina Grande-PB. **REUNA**, v. 17, n. 1, p. p. 91-110, 2012. Disponível em: <<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/432>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

SILVA, Sandra Mariza de Almeida. **Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas: Relações entre resenhas na comunidade virtual Skoob e a crítica acadêmica.** Dissertação Mestrado em Letras. UniRitter. Porto Alegre. 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.uniritter.edu.br/imagens/035UNR89/0000D7/0000D794.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

SILVEIRA, Geraldo TR; CHANG, Shooou-Yuh. Cell phone recycling experiences in the United States and potential recycling options in Brazil. **Waste management**, v. 30, n. 11, p. 2278-2291, 2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X10002965>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data**. 3. ed. London: Sage Publications, 2006.

SIQUEIRA, Valdilene S.; MARQUES, Denise Helena França. Gestão e descarte de resíduos eletrônicos em belo horizonte: algumas considerações. **Caminhos de Geografia**, v. 13, n. 43, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16704>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SOUSA, Cleide Maria de. **Como logo corro: sobre deixar o lixo em espaços semi públicos.** 2011. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9961>> Acesso em: 02 mai. 2016.

SOLOMON, M. R. **Comportamento do Consumidor**. Bookman: Porto Alegre, 2011.

STERN, Paul C. Toward a coherent theory of environmentally significant behavior. **Journal of Social Issues**, 56(3), p. 407-424, 2000.

STREICHER-PORTE, Martin et al. One laptop per child, local refurbishment or overseas donations? Sustainability assessment of computer supply scenarios for schools in Colombia. **Journal of Environmental Management**, v. 90, n. 11, p. 3498-3511, 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301479709002023>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

SUAREZ, Maribel Carvalho; MACEDO-SOARES, T. Diana. L. van Aduard de; CHAUVEL, Maria Agnes; CASOTTI, Letícia Moreira. Oportunidade e desafio em marketing: como e porque as pessoas de desfazem de seus bens? **Revista Eletrônica de Administração**, ed. 68, v. 17, n. 1, p. 26-57. 2011. Disponível em: <<file:///F:/oportunidades%20e%20desafios%20em%20marketing%20como%20e%20porque%20as%20pessoas%20se%20desfazem%20de%20seus%20bens.pdf>> Acesso em: 22 mar. 2016.

TONANI, Paula. **Responsabilidade decorrente da poluição por resíduos sólidos**. São Paulo: Método, 2011.

VACCARI, Lara Coelho; COHEN, Marcos; ROCHA, Angela Maria Cavalcanti da. O hiato entre atitude e comportamento ecologicamente conscientes: um estudo com consumidores de

diferentes gerações para produtos orgânicos. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 14, 2016. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/view/775>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

WEI, Shuoguo et al. Motives and barriers of the manufacturing industry in China. **Journal of Cleaner Production**, v. 94, p. 340-351, 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959652615001183>>. Acesso em: 02 jun. 2016

WILLIAMS, Eric et al. Environmental, social, and economic implications of global reuse and recycling of personal computers. **Environmental Science & Technology**, v. 42, n. 17, p. 6446-6454, 2008. Disponível em: <<http://www-personal.umich.edu/~mingxu/file/J8.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2016

WORLD BANK. 2014. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/brazil>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

WRAP. Household food and drink waste in the UK. **Final report**. 2009a. Disponível em: <http://www.wrap.org.uk/sites/files/wrap/Household_food_and_drink_waste_in_the_UK_-_report.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2016.

_____. Down the drain. **Final report**. 2009b. Disponível em: <<http://www.wrap.org.uk/sites/files/wrap/Down%20the%20drain%20-%20report.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

_____. **Helping consumers reduce food waste** – a retail survey. 2010. Disponível em: <<http://www.wrap.org.uk/content/helping-consumers-reduce-food-waste-retail-survey-2009-0>> Acesso em: 07 jul. 2016.

YLÄ-MELLA, Jenni; KEISKI, Ritta L.; PONGRÁCZ, Eva. Electronic waste recovery in Finland: Consumers' perceptions towards recycling and re-use of mobile phones. **Waste Management**, v. 45, p. 374-384, 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X15001348>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIKMUND, William G. **Princípios da pesquisa de marketing**. Cengage Learning, 2006.

ZILIOTTO, Celsiane Teilonara; REIS, Marcos Roberto dos. Resíduos sólidos: pesquisa e análise comportamental dos estudantes e funcionários da UFFS. **Revista Guarará**. N. 2. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/guara/article/view/9827>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E QUESTIONÁRIO

Bom dia / Boa tarde.

Meu nome é Lucilene Bueno Borges de Almeida, sou mestranda em Administração pela Faculdade Alves Faria (ALFA) e estou realizando um estudo sobre os processos de decisão de descarte de alguns tipos de resíduos sólidos gerados nas residências. Para isso estou conversando com algumas pessoas para saber o que elas pensam sobre essa questão.

As opiniões apresentadas serão utilizadas sem a identificação dos informantes, no sentido de manter o sigilo dos entrevistados. Não tem o certo ou o errado, mas a opinião ou a visão do entrevistado sobre o tema resíduo sólido / lixo.

Peço que você responda ao questionário referente ao Bloco I e autorize a gravação da entrevista referente aos Blocos II e III, para que eu possa posteriormente transcrevê-la na íntegra, juntá-la a outras entrevistas realizadas e traçar o panorama objetivado nesse estudo. Se desejar, posso enviar a entrevista transcrita para que possa ser assegurada a fidedignidade do registro de sua opinião.

QUESTIONÁRIO Nº _____

Bloco I – Identificação do entrevistado

1. Qual o seu sexo? ()feminino () masculino
2. Qual sua idade? _____ anos
3. Qual o seu vínculo com o Campus Rio Verde do IF Goiano?
() aluno () servidor
4. Qual seu nível de escolaridade ou titulação:
() ensino fundamental () ensino médio () ensino superior () especialização
() mestrado () doutorado () outro: _____ especificar
5. Em caso de aluno, em qual curso se encontra matriculado?
() Curso Técnico em Agropecuária
() Curso Superior em Agronomia
() Mestrado em Ciências Agrárias
() Doutorado em Ciências Agrárias

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA Nº _____

Bloco II – Conhecimento sobre o tema resíduos sólidos domiciliares

1. Para você, existe alguma diferença entre lixo e resíduo? Se sim, qual a diferença?
2. Como você imagina que seja o local para onde o lixo que você produz é encaminhado?
3. Você conhece algum tipo de coleta seletiva ou pontos de entrega voluntária em sua cidade?
4. Você tem alguma preocupação maior com o impacto ambiental causado pelo descarte de algum tipo de lixo/resíduo doméstico? Qual? Por quê?
5. Para você, qual seria o destino correto para o lixo produzido em sua residência?
6. Em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez), sendo que 0 (zero) é nada importante e 10 (dez) é muito importante, que nota você daria para a importância em descartar corretamente o lixo/resíduos de sua residência? Por quê?

OBS: Caso o entrevistado não conheça a diferença entre lixo e resíduo, antes de iniciar as perguntas do Bloco III, deverá ser efetuada uma explanação sobre o tema.

Bloco III – Tipos de Resíduos

Resíduos Domésticos

1. É adotada alguma forma de separação do resíduo seco produzido em sua residência do lixo comum, a exemplo de embalagens do tipo longa vida, embalagens de plásticos e vidros, latas, garrafas PET, folhas, revistas, jornais e papelão?
2. Se sim, o que motiva essa separação?
3. Se não, o que impede a separação adequadamente?
4. Como é armazenado o lixo produzido em sua residência?
5. É utilizado algum método de reaproveitamento, a exemplo de embalagens já usadas de alimentos em sua residência? Se sim, o que é feito e por quê?
6. Qual a opção que melhor representa o destino final dos resíduos domésticos secos em sua residência: Descarte no lixo comum sem qualquer separação, descarte no lixo

comum com separação, devolução nos pontos de entrega voluntária ou outro (especificar).

Resíduos Orgânicos

1. O que é feito com os restos de comida e demais produtos de alimentação que já estão vencidos ou inapropriados para o consumo em sua residência?
2. É adotada alguma forma de separação do resíduo orgânico do lixo comum em sua residência? Se sim, o que motiva essa separação? Se não, o que impede a separação?
3. Para você, o que motiva o descarte de comida em sua residência?
4. É feita alguma ação pró-ativa, a exemplo do planejamento de refeições ou de compras, com vistas a reduzir o desperdício de alimentos em sua residência?
5. Na sua residência, é utilizado algum método de reciclagem dos resíduos orgânicos, como compostagem? Se não, você já ouviu falar em compostagem?
6. Qual a opção que melhor representa o destino final dos resíduos orgânicos em sua residência: descarte no lixo comum sem qualquer separação, descarte no lixo comum com separação, coleta seletiva, compostagem ou outro (especificar).

Resíduos eletroeletrônicos

1. O que é feito com os aparelhos eletroeletrônicos que não funcionam mais ou que estão em desuso em sua residência, a exemplo de pilhas, baterias, celulares e demais aparelhos e componentes eletroeletrônicos?
2. É adotada alguma forma de separação do resíduo eletroeletrônicos do lixo comum em sua residência? Se sim, o que motiva essa separação? Se não, o que impede a separação?
3. Para você, o que motiva o descarte de aparelhos eletroeletrônicos em sua residência?
4. Qual o aparelho ou componente eletroeletrônico mais descartado em sua residência atualmente?
5. Você faz alguma ação pró-ativa com vistas a reduzir o consumo de eletroeletrônicos, a exemplo de evitar uma nova compra, de modo a evitar o descarte?
6. Você já procurou alguma forma de dar retorno aos fabricantes ou efetuar a doação de algum produto que já alcançou sua vida útil?

7. Qual a opção que melhor representa o destino final dos resíduos eletroeletrônicos em sua residência: descarte no lixo comum sem qualquer separação, descarte no lixo comum com separação, retorno aos fabricantes, devolução nos pontos de entrega voluntária ou coleta seletiva, doação ou outro (especificar).

Resíduos Têxteis

1. O que é feito com os resíduos têxteis que você não utiliza mais e que não podem mais serem reaproveitados, a exemplo de roupas, demais peças de vestuário, panos de chão, trapos entre outros?
2. É adotada alguma forma de separação no descarte dos resíduos têxteis do lixo comum? Se sim, o que motiva essa separação? Se não, o que impede a separação?
3. Para você, o que motiva o descarte de roupas em sua residência?
4. Você faz alguma ação pró-ativa para prolongar a vida útil e reduzir o consumo de suas roupas e demais resíduos têxteis de modo a evitar o descarte?
5. Você costuma utilizar algum método de reciclagem ou reuso das roupas e demais resíduos têxteis que você não utiliza mais, a exemplo de doação, reparo, remodelagem, panos de chão, entre outros? Se sim, qual o método é utilizado?
6. Qual a opção que melhor representa o destino final dos resíduos têxteis em sua residência: descarte no lixo comum sem qualquer separação, descarte no lixo comum com separação, remodelagem, coleta seletiva, doação ou outro (especificar).

APÊNDICE C - *CORPUS* TEXTUAL DO IRAMUTEQ

**** *text_01*ent_02*cat_A

É para reaproveitar na horta. As caixinhas e as garrafas pet são usadas para fazer mudas. As embalagens de vidros de azeitona e palmito acabam virando vidros de conserva. Os copos de requeijão acabam virando copos de uso e de medida para reutilização lá em casa.

**** *text_01*ent_04*cat_A

Eu acho que fica mais fácil, porque se tivesse uma coleta, facilitaria para a pessoa separar.

**** *text_01*ent_05*cat_A

Coloco sempre esse tipo de resíduo dentro de um saco. Eu não costumo misturar com os outros. Às vezes passam pessoas catando e levam. Facilitaria para eles.

**** *text_01*ent_06*cat_A

Tem um senhor perto de casa, ele faz sabão. As garrafas plásticas, tem um cesto lá em casa, eu separo todas. Detergente, desinfetante. A garrafa pede eu separo, não jogo fora não. Tem a pessoa que precisa. É um trabalho para ele. Gera emprego, porque ele faz o sabão para vender. Eu separo essas coisas que dá para ele colocar o sabão líquido.

**** *text_01*ent_07*cat_A

Ela separa, pois sempre tem na porta de casa alguém que passa e pega garrafa, para vender. Tem quem passe lá em casa e pegue. O que ela joga fora, é resto de comida, que não tem reutilização. Mas garrafas, tem quem passe lá e pega.

**** *text_01*ent_08*cat_A

Alumínio, plástico, não misturo com os orgânicos. Assim, por não se bater com outro, lixo orgânico misturado com plástico, não dá certo.

**** *text_01*ent_14*cat_A

Latinha separa para o catador. O catador pega separado o vidro, que é colocado com o plástico e metal, por cima, para o catador não revirar. Eu deixo em saco separado, mas acaba que vai tudo somente para um lugar. Bota na lixeira e o lixeiro leva.

**** *text_01*ent_18*cat_A

Sempre separo o lixo da cozinha, que é com casca. Quando eu vou descartar uma garrafa pet, já é outro lixo. Inicialmente eu trago isso da casa da minha mãe. É uma cultura, digamos assim, involuntário.

**** *text_01*ent_20*cat_A

Eu quero deixar um mundo melhor para minha geração e alguns desses materiais que você citou, são de difícil decomposição.

**** *text_01*ent_21*cat_A

É feita a separação. Em sacolas separadas. Mesmo porque a coleta é o único meio. Para que o próprio pessoal da coleta possa estar redirecionando. Às vezes, eles vêem algo que possa ser reutilizado.

**** *text_01*ent_22*cat_A

A intenção de quando colocar na lixeira, alguém que faça algum trabalho, que utilize essas embalagens para outra finalidade. Se você mistura com o lixo orgânico, se passar um catador de latinha, dificulta para ele, retirar isso. Eu separo na intenção de que passe alguém que possa reaproveitar.

**** *text_01*ent_23*cat_A

Tem um senhor que passa lá em casa e pega a garrafa pet. E as latinhas de alumínio, minha mãe vende. É feita a redução do volume de lixo que é colocado na rua.

**** *text_01*ent_25*cat_A

No meu meio, acaba usando. Não sei, se eu não tivesse essa questão do reaproveitamento lá, para fazer algum trabalho manual ou algum reaproveitamento, se eu teria o cuidado de buscar de outra forma. Mas tudo que eu já vou jogar fora, eu já tenho o olhar do que eu posso reaproveitar.

**** *text_01*ent_29*cat_A

Tem uma moça, que reaproveita, principalmente, esses vidros de palmito. Ela faz artesanato com isso. Eu separo os vidros para ela. Porque eu sei, que são reaproveitáveis. E, se não

começar a pensar em um reaproveitamento desse lixo, vai ser muito complicado, pensar nessa questão, com o tempo. Cada vez, se produz mais lixo e o capitalismo, está inteiramente relacionado com essa questão da produção de lixo.

**** *text_01*ent_01*cat_B

Na minha residência eu faço uma mini composteira. Utilizo no plantio de plantas, jardim, hortaliça. O resíduo orgânico, além de produzir no lixo um mau odor, ele pode ser utilizado para fazer um processo de adubação. Como sou da parte de ciências agrárias, eu conheço muito bem sobre este processo. Inclusive os vizinhos vão lá em casa e pegam um pouco de adubo.

**** *text_01*ent_02*cat_B

A motivação é a horta.

**** *text_01*ent_05*cat_B

A maioria das vezes, coloca no lixo comum, mas sempre em sacolas separadas. No começo, quando eu não fazia, o catador ia pegar as garrafas pet, rasgava e fazia aquela bagunça. Aí, para não haver bagunça, eu já deixo separado.

**** *text_01*ent_08*cat_B

Lá em casa tem um pessoal, uns vizinhos, que eles tem fazenda, que tem criação de porcos. Eu separo e eles levam. Para não jogar fora no lixo, tem alguém que pega.

**** *text_01*ent_18*cat_B

Se for comida eu coloco junto em uma sacola. Porque não sabe o destino final. Mas se tiver separação, a minha parte eu fiz. Eu separei o orgânico.

**** *text_01*ent_20*cat_B

Restos de verdura, ovo, guardanapo, café, dentre outros, eu uso tudo na minha composteira. Eu preciso do resíduo orgânico. Ele é importante para as minhas plantas, para a minha horta.

**** *text_01*ent_21*cat_B

Tenta evitar ao máximo o desperdício de comidas, mas o que sobra, separa em sacolas. Tem uma sacola para o lixo orgânico. Cascas de frutas, frutas que já estão passadas, tem uma

composteira, que utilizamos para fazer um adubo, para a horta. Justamente para fazer esterco, para cultivar nossas plantas e até mesmo, alguns legumes que estão sendo cultivados, em um pedaço de quintal.

**** *text_01*ent_23*cat_B

Vai para o lixo. Lá em casa não tem como fazer uma composteira, a casa já é toda acimentada. Não tem quintal. O lixo orgânico é colocado em sacolas separadas, porque não tem como você colocar ele com tempo maior na rua, para o lixeiro passar e pegar. Você tem que colocar exatamente no horário em que o lixeiro vai recolher, para não juntar moscas e correr o risco de um cachorro rasgar uma sacola. Esse cuidado tomamos em casa.

**** *text_01*ent_25*cat_B

São separados somente em sacolas ou no saco. Na hora de colocar para lixeira, o resíduo orgânico fica separado em sacos do que já estava separado. O lixo da cozinha já fica separado dos demais. Talvez por ter uma característica diferente dos outros, por não ser seco.

**** *text_01*ent_29*cat_B

Eu coloco sempre o lixo da cozinha. Ele é separado dos demais, pela característica. O lixo orgânico, na verdade, é adubo. Se eu tivesse uma fazenda, eu jogaria de forma que ele fosse degradado ao tempo.

**** *text_01*ent_01*cat_C

É pelo problema ambiental. O dano causado ao meio ambiente. Inclusive, aqui tinha uma empresa do comércio varejista que fazia essa coleta e daí parou. Estou procurando onde levar.

**** *text_01*ent_02*cat_C

Está tudo em uma caixa. Lá em casa tem estoque de celular. Eu não descarto no lixo comum. Ele é guardado em caixa. É simplesmente assim, uma hora vai precisar.

**** *text_01*ent_03*cat_C

Eu até colocaria lá fora, para o pessoal da prefeitura passar e pegar. Não tem coleta seletiva mesmo, mas de forma separada, pois pode provocar radiação.

**** *text_01*ent_04*cat_C

Eu evito jogar no lixo comum, justamente, para não prejudicar o meio ambiente. Eu vou juntando e armazenando. Mas às vezes, se não tiver jeito, eu descarto junto.

**** *text_01*ent_05*cat_C

Eu levo para o local onde faz reparo, nas oficinas. Entrego para eles darem o descarte correto. Quando começou a história da reciclagem, começou a mostrar a história da radiação, por exemplo, mesmo somente uma pilha, solta radiação, que é prejudicial, eu comecei a levar nos pontos.

**** *text_01*ent_07*cat_C

Sempre procuramos algum lugar que pudesse recolher os eletroeletrônicos. Aí, como não achamos, descartamos no lixo, para ser recolhido. Ela separou do lixo comum. Ela colocou o lixo na lixeira e a televisão colocou embaixo, porque se alguém pegasse, se fosse reutilizar a televisão, estaria limpa, conservada.

**** *text_01*ent_10*cat_C

Aparelhos não tem, mas as baterias eu levo lá para a minha cidade, que lá tem o Banco Sicoob, que eles fazem a coleta. É mais radioativo. Tem um impacto muito grande no solo, no meio ambiente todo.

**** *text_01*ent_11*cat_C

Coloquei no lixo comum, mas eu separei. Na minha concepção a própria prefeitura pegar e levar para o aterro ou, alguém precisar, para uma reciclagem ou, tentar o conserto.

**** *text_01*ent_12*cat_C

Pelo resíduo eletroeletrônico não servir mais pra mim, e por eu achar que o descarte dele no lixo comum é inviável, por causa da parte de contaminação do solo. Então, não é descartado no lixo comum.

**** *text_01*ent_13*cat_C

Eu não joga o resíduo eletroeletrônico no lixo, justamente por saber que eles possuem componentes que são muito perigosos. A educação é o motivo. Por saber que isso realmente não é um lixo qualquer, que não vai fazer diferença, que vai contaminar o solo.

**** *text_01*ent_15*cat_C

Eu vou deixando num canto. Que eu não sei onde jogar. Pilha, por exemplo, tem um monte. Eu guardo para descarte. Eu sei que colocar junto com material orgânico vai dar problema, radiação.

**** *text_01*ent_16*cat_C

Ao contrário dos outros que já conversamos, eu sei exatamente o ponto de entrega voluntária do resíduo eletroeletrônico. Então eu consigo separar e levar lá.

**** *text_01*ent_18*cat_C

Eu separo para não misturar com os restos de comida e com outro lixo. Se alguém quiser separar, já está lá. Se no destino final eles forem separar, eu já fiz a minha parte.

**** *text_01*ent_19*cat_C

Jogar no lixo comum, não. Eu não costumo jogar não. É a preocupação com a saúde. Minha e da população.

**** *text_01*ent_21*cat_C

Não jogamos no lixo comum. Eu deixo ele mais à mostra, separado. Caso passar alguém e ver que está lá disponível, para ele pegar e ver se dá para reutilizar.

**** *text_01*ent_22*cat_C

Vai entulhando em casa, porque não tenho para onde levar. Tem a caixa cheia. Não descarto no lixo. Faço automático. Se eu for parar para pensar, no que motiva, não adianta eu falar para você, que é preocupação com destino que ele vai ter. Eu nunca parei para pensar se esse aparelho vai para o lixão ou para o aterro sanitário, simplesmente eu não descarto, talvez seja por costume.

**** *text_01*ent_23*cat_C

Eu separo do lixo orgânico. Sabemos que o caminhão passa e mistura tudo, não tem uma coleta seletiva na rua. Mas para o lixo eletroeletrônico não misturar com o orgânico, já ficar separado.

**** *text_01*ent_24*cat_C

Sendo bem sincera, estão na minha casa criando poeira, não são colocados no lixo. Eu sei que leva muito tempo para o solo conseguir absorver isso. Por exemplo, eu tenho um liquidificador, que há muito tempo era para ser descartado. Está dentro do meu armário. já comprei dois outros novos. Ele fica lá, porque eu fico com medo de mandar para o lixo e ficar juntando água e dar bicho. Ele está lá em casa.

**** *text_01*ent_25*cat_C

Vai virando um depósito, eu não jogo no lixo comum. Pelo tanto que vemos o perigo que o resíduo eletroeletrônico acaba sendo. Nunca pensamos que pode acontecer, por esse descarte. Já ouvi falar de acidentes graves com contaminação e eu acho que ele pode ser reaproveitado, destruído de uma forma mais correta.

**** *text_01*ent_26*cat_C

Eu tenho uma gaveta onde eu coloco tudo. Não sei o local onde eu vou colocar ele. Ou dar para alguém, uma associação, não sei. Não tem local para descartar. Não descarto pelo impacto ambiental. Eu sei que tem muitos componentes nele, que causam uma degradação muito maior. É nocivo. Pode inclusive, contaminar a questão da água e tudo. Assim, ele causa um impacto ambiental muito maior para nós.

**** *text_01*ent_27*cat_C

Eu separo tudo. Eu sei que ele é bem nocivo à saúde. E se começar a jogar, isso no meio ambiente, vai poluir bastante. É muito nocivo mesmo

**** *text_01*ent_28*cat_C

Esses guarda tudo. Leva em um local apropriado ou passa para os técnicos de informática que ele trabalha, para descartar. Lá em casa não descarta no lixo comum. Como meu esposo trabalha com esse tipo de resíduo, tem isso na cabeça, de que não é adequado, que é prejudicial ao meio ambiente. É tudo guardado para colocar no lugar certo.

**** *text_01*ent_29*cat_C

Jamais colocar no lixo. Por causa da contaminação. Uma televisão, por exemplo. O vidro dela, se uma criança brincar, pode se machucar. Além da contaminação, tem toda essa problemática. Plásticos. A questão do plástico de uma televisão ou de algum outro componente, que sabemos que leva anos para se degradar na natureza.

**** *text_01*ent_05*cat_D

Eu coloco no lixo com separação e, sempre coloco na sacola separada e deixo junto com o lixo, para o lixeiro levar. Antes de eu mudar para cá, eu morava em São Paulo e lá, já tinha uma cooperativa de reciclagem. Então, assim que surgiu a cooperativa de reciclagem lá, foi muito bem explicado, muito bem orientada a população. E eu acostumei com isso e sempre separo. Nunca mais deixei de separar.

**** *text_01*ent_06*cat_D

Eu jogo no lixo comum. Põe um saco lá, separado somente de roupa. Não misturo nada. Eu acho que é o certo. Que é mais correto. Organizado, que misturar com outro resíduo, tem que pensar no próximo que vai manejar este serviço, naquele que vai separar. Querendo ou não, lá tem alguma separação. Às vezes, o que não serve para mim, que eu acho que não vai ter nada de reaproveitamento, chegando um lá, vai mexendo, vai separando, e deve ter alguma utilidade para ele.

**** *text_01*ent_15*cat_D

Eu deixo numa sacola separada, cheia de roupas, lá no lixo comum mesmo. Eu simplesmente separo, porque roupas, ficar junto com comida, não dá. Eu coloco em uma sacola separada, que é para quando o lixeiro passar, ele ver que é somente tecidos, resíduos têxteis, ele pode utilizar. Acho que é o hábito.

**** *text_01*ent_21*cat_D

Fazemos o descarte deles quando não dá para ser reutilizado por mais ninguém, no lixo comum com separação. Para evitar qualquer acúmulo ou bagunça. Para evitar, essa mistura dos dois tipos de resíduo.

**** *text_01*ent_22*cat_D

Trapos, aí não tem jeito. É no lixo comum, geralmente junto com os resíduos secos. Eu coloco na mesma sacola. Talvez por ser um resíduo seco. Pela semelhança. Não vai contaminar o outro.

**** *text_01*ent_23*cat_D

Separação somente do lixo orgânico. Não há ponto de entrega de coletas, e não fica misturado com o resíduo orgânico, e sim junto com o seco. E quando lá em casa já não tem mais uso, não tem mais jeito de reaproveitar mesmo. Mas é bem pouco. Bem pequena a quantidade.

**** *text_01*ent_25*cat_D

Junto com o lixo comum, que não seja misturado com restos de alimentos. Já separamos, acho que pela semelhança, por ser tudo seco. E os restos de alimentos, não misturamos mesmo, com qualquer outro.

**** *text_01*ent_29*cat_D

Esse resíduo, eu coloco no lixo comum, separado dos orgânicos. Eu sei que aqui na minha cidade não tem um destino separado para o orgânico, mas eu sei que às vezes tem algo que possa ser reutilizado. Agora, o outro, eu sei que vai para o mesmo lugar, e eu não tenho um outro destino para dar para esse resíduo, eu coloco ele com os outros, devido serem todos seco